

ISSN - 0100 - 3437

# ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Nº 58 - DEZEMBRO 2022

Publicação do



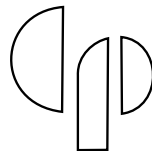
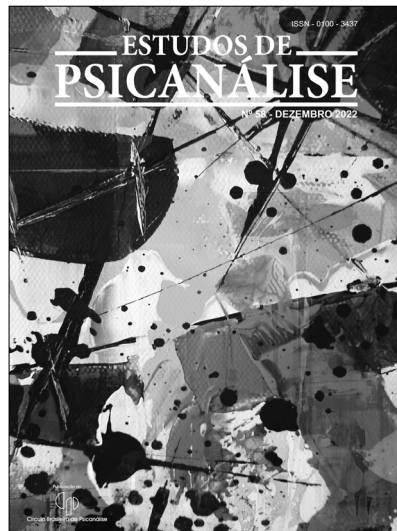
Círculo Brasileiro de Psicanálise





# ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do  
Círculo Brasileiro de Psicanálise

REVISTA

ESTUDOS DE  
**PSICANÁLISE**

Indexada em:  
CLASE (UNAM – México)  
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – [www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)  
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea  
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)  
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia  
Classificação Capes/Anppep–B2 - Psicologia - B2 - Interdisciplinar e A2 - Letras/Linguística

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas  
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

*Os artigos são de total responsabilidade dos autores.*

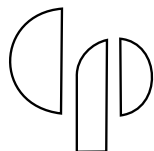
FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Psicanálise,  
n. 58, dez. 2022. 144 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos





# Revista Estudos de Psicanálise

## EDITORES DA REVISTA

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)  
Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)  
Marli Piva Monteiro (CPB)  
Magda Maria Colao (CPRS)  
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)  
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

## CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)  
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)  
Déborah Pimentel (CPS)  
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)  
Marie-Christine Laznik (ALI-França)  
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)  
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

## CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Perissé (CBP-RJ)  
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)  
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

## ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana  
22050-002 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (21) 2236-0655  
E-mail: cbp.rj@terra.com.br  
Site: www.cbp-rj.com.br

## PROJETO GRÁFICO E FORMATAÇÃO

Valdinei do Carmo

## IDEALIZAÇÃO DE CAPA

Renata de Brito Pedreira  
Artista: Steve Johnson

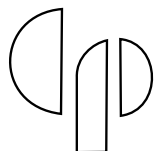
## REVISÃO

**Português e normalização**  
Dila Bragança de Mendonça  
**Inglês**  
Anchyses Jobim Lopes

## IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Gráfica Formato – Certificada – FSC®





# **Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP**

## **DIRETORIA 2021-2023**

### **PRESIDENTE**

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

### **VICE-PRESIDENTE**

Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

### **SECRETÁRIA**

Helena Maria Melo Dias (CPPA)

### **TESOUREIRA**

Anna Lúcia Leão López (CBP-RJ)

### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Déborah Pimentel (CPS)

Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)

Elizabeth Samuel Levy (CPPA)

Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)

Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

### **EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE**

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)

Marli Piva Monteiro (CPB)

Magda Maria Colao (CPRS)

Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)

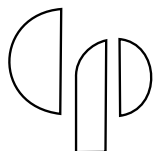
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

### **REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS**

Anchyses Jobim Lopes (CBP- RJ)







# **Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP**

## **INSTITUIÇÕES FILIADAS**

### **Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ**

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

22050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2236-0655

E-mail: [cbp.rj@terra.com.br](mailto:cbp.rj@terra.com.br)

Site: [www.cbp-rj.com.br](http://www.cbp-rj.com.br)

### **Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB**

Av. Adhemar de Barros, 1156/101 - Ed. Máster Center - Ondina

40170-110 - Salvador - BA

Tel./Fax: (71) 3245-6015

E-mail: [circulopsi.ba@veloxmail.com.br](mailto:circulopsi.ba@veloxmail.com.br)

Site: [www.circulopsibahia.org.br](http://www.circulopsibahia.org.br)

### **Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG**

R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170

E-mail: [cpmg@cpmg.org.br](mailto:cpmg@cpmg.org.br)

Site: [www.cpmg.org.br](http://www.cpmg.org.br)

### **Círculo Psicanalítico do Pará – CPPA**

Rua Boaventura da Silva, 1303/02/Altos - Umarizal

66060-060 - Belém - PA

(91) 99150-6200 e (91) 3355-6710

E-mail: [contato@circulopsicanaliticodopara.com](mailto:contato@circulopsicanaliticodopara.com)

### **Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS**

R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro

90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel./Fax: (51) 3221-3292

E-mail: [circulopsicanaliticors@gmail.com](mailto:circulopsicanaliticors@gmail.com)

Site: <http://www.circulopsicanaliticors.com.br>

### **Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS**

Praça Tobias Barreto, 510/1208

São José Ed. Centro Médico Odontológico

49015-130 - Aracaju - SE

Tel.: (79) 3211-2055

E-mail: [cps@infonet.com.br](mailto:cps@infonet.com.br)

Site: [www.circulopsicanalitico-se.com.br](http://www.circulopsicanalitico-se.com.br)





# Sumário

15 Editorial

## AUTORAS CONVIDADAS

17 **A psicanalista curiosa e os 7 padrões**  
*The curious psychoanalyst and the 7 patterns*  
Cristina Nunes

27 **O intrincado luto nas infâncias**  
*The intricate mourning in childhood*  
Marta Gerez-Ambertín

## ARTIGOS

35 **O pequeno Hans – um garoto muito visível –  
e Herbert Graf – o homem invisível**  
*Little Hans – a very visible boy  
and Herbert Graf – the invisible man*  
Anchyses Jobim Lopes

51 **Reflexões sobre a normatização  
e padronização escolar: um olhar psicanalítico**  
*Reflections on school normatization  
and standardization: a psychoanalytical view*  
Denise Regina Quaresma da Silva  
Carolina Acauan Menezes

63 **O vazio avassalador:  
a função desobjetalizante num quadro de melancolia**  
*The overwhelming emptiness:  
the deobjectifying function in a melancholia setting*  
Márcia Alves da Rocha

73 **Escutando o corpo**  
*Listening to the body*  
Marcia Costa Barbosa

85 **Demandas e desafios  
na clínica psicanalítica da infância e adolescência**  
*Demands and challenges  
in the childhood and adolescence psychoanalytic clinic*  
Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

95 **Quando as identidades aprisionam**  
*When identities imprison*  
Paulo Roberto Ceccarelli

105 **Eficácia simbólica: a palavra do Outro como feitiço**  
*Symbolic efficacy: the Other's word as a spell*  
Renan Levy Francisco  
Paulo Roberto Ceccarelli

- 115** **O funcionamento dos sonhos e a censura**  
*The functioning of dreams and censorship*  
Renata Franco Leite
- 121** **A singularidade do ofício psicanalítico em um mundo “mcdonaldizado” e “disneyzado”**  
*The singularity of the psychoanalytic craft in a “mcdonaldized” and “disneyzed” world*  
Ricardo Azevedo Barreto
- 125** **Psicanálise e educação: fragmentos de uma experiência de construção de projeto socioemocional no contexto escolar**  
*Psychoanalysis and education: fragments of an experience of building a socio-emotional project in the school context*  
Waleska Pessato Farenzena Fochesatto
- 131** **O trauma psíquico: retrato de caso clínico**  
*Psychic trauma: clinical case portrait*  
Wilma Zuriel de Faria Maschke  
Deise Matos do AmparoIII  
Helena Maria Melo Dias

#### **NORMAS DE PUBLICAÇÃO**

- 139** **Normas de publicação**
- 143** **Roteiro de avaliação dos artigos**





*“Por isto já afirmo que a doença, após a primeira consulta,  
já não é de um só, é dos dois, médico-paciente,  
no sentido de que a fala do médico,  
sua presença, seu interesse, seu envolvimento,  
poderão mudar significativamente  
o curso da mesma.”*

**GERALDO CALDEIRA**  
19/05/1935 \* 19/03/2022

Médico, psicanalista, vice-presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (1985-1987), onde fez formação em psicanálise. Geraldo Caldeira foi pioneiro na prática do ensino da medicina psicossomática em Minas Gerais e muito atuante na transmissão da psicologia médica, contribuindo para a formação dos profissionais de saúde que se interessaram pela escuta do inconsciente e pela prática da psicanálise em consultórios e em extensão.







# Editorial

Há exatos três anos o mundo iniciava um período jamais imaginado durante o qual, em grande parte de seu tempo, as cidades retiraram de seus espaços comuns a vida que se representava pelo ir e vir dos sujeitos em liberdade. Em 2020 as pessoas que circulavam pelas ruas do planeta Terra ou estavam em trabalhos essenciais, ou negavam o perigo iminente de contaminação e possível morte pelo coronavírus, responsável por uma pandemia mundial. Ainda vivemos reflexos desse tempo e recebemos recomendações de cuidados frente às novas variantes que a todo o momento surgem e trazem sintomas. A ciência foi fundamental para que não perdêssemos mais vidas nesses três tristes anos. A vacina salvou vidas, segue salvando, ainda que muitos continuem negando sua importância.

Nós, analistas do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e de suas filiadas, fizemos uma travessia desse tempo obscuro não sem temores, dúvidas e recolhimento, mas também com coragem, amor ao trabalho, respeito aos nossos analisandos e, fundamentalmente, com a escuta de nosso desejo de analista para criarmos dispositivos que nos possibilitassem o retorno ao trabalho. Poder contar com a interlocução entre os colegas foi essencial para o atravessamento de um real só contornável com as palavras que circularam em ondas, no espaço virtual que nos aproximou mais que nunca, em apresentações de seminários, trabalhos, jornadas e congresso nas filiadas que compõem o CBP. Foi também nesse espaço virtual que não cedemos de nossa posição de analistas frente aos analisandos adultos, adolescentes e mesmo crianças, que desejaram manter conosco o percurso analítico. Não fizemos isso de modo impensado, rápido ou para tamponar a falta do atendimento presencial. Para isso, foi preciso que nos debruçássemos sobre muitos escritos, discussões, propostas que contemplavam a possibilidade do atendimento virtual para que a angústia, o medo, o luto (que se tornou presente de modo impressionante frente a tantas perdas), pudessem ser acolhidos e devidamente trabalhados, sem que nossa clínica ficasse à deriva. A falta, esta foi reconhecida. Buscar o simbólico foi o destino certo que nos coube. A revista *Estudos de Psicanálise* traz em seus últimos números muitos dos trabalhos que surgiram desse tempo de elaboração.

Tivemos em 2021 nosso Congresso, também de modo virtual, organizado com excelência pela filiada do CBP-Rio de Janeiro. Em 2023 teremos o retorno das filiadas de modo

presencial no XXV Congresso do CBP e XLI Jornada do CPMG, organizado pelo Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), que ocorrerá em Belo Horizonte, no mês de setembro. Será um reencontro emocionante. Poderemos, dentro de verdadeiros abraços, aplacar a saudade que se instalou entre nós no tempo de isolamento. Iremos também nos emocionar com a ausência de quem partiu e sempre participou ativamente de nossos encontros, destacando, entre outros colegas, Isabela Santoro, vítima da covid-19 em 2021. Nesse Congresso iremos trabalhar o tema “Clínica psicanalítica ... mais, ainda”, em alguns subtemas que contemplam desde a “experiência analítica em seus desafios e impasses” à “atualidade da metapsicologia freudiana na clínica contemporânea”. Será um excelente espaço para discutirmos a teoria e a prática analítica atuais.

Foram três longos anos, os últimos. Insuportáveis, em muitos momentos. Desafiadores, sempre. Mas nossa travessia se deu porque a Pulsão de Vida assim nos permitiu, aliada à sorte, no tempo inicial, e à Ciência, posteriormente.

Não tenho como terminar minhas palavras sem citar um trecho da canção *Coisa acesa*, de Fausto Nilo e Moraes Moreira. Estivemos no mesmo barco e contar com os colegas do CBP nesse mar revolto fez toda a diferença para que a luz não se apagasse em nós. Agora, talvez, já possamos sorrir.

*Atravessei os sete mares  
E por todos os lugares  
Por onde andei você me dava a vida  
Foi uma dádiva da natureza  
Essa coisa acesa que hoje vejo em ti  
Não acredito nem que o mundo chora  
Foi bonito agora  
Vi você sorrir*

**Juliana Marques Caldeira Borges**  
*Vice-presidente do CBP  
Diretora de Comunicação e Divulgação do CPMG*

# A psicanalista Curiosa e os 7 padrões<sup>1</sup>

*The Curious Psychoanalyst and the 7 Patterns*

Cristina Nunes

## Resumo

Partindo da sua experiência clínica, que se foi cruzando ao longo do tempo com a literatura e pensamentos seus nas temáticas associadas, a oradora pretende partilhar e discutir alguns pontos de vista nascidos e criados no campo terapêutico, particularmente no que se refere à repetição de alguns padrões em pacientes ligados às artes e à cultura. Estes padrões repetitivos relacionam-se com a elevada frequência com que estes pacientes não reconhecem os seus progenitores como figuras de autoridade moral e ética, assim como com a tendência para não recorrerem ao mecanismo de defesa recalçamento para lidar com os seus conflitos internos e ainda com a recorrência de fenómenos vivenciados como traumáticos ao longo do desenvolvimento. O fenómeno traumático associa-se assim empírica e inevitavelmente à abordagem deste tema, pelo que é incontornável a reflexão sobre a sua relação com o processo criativo, enquanto escapatória e transformação do terror internalizado, assim como as interligações com o recurso aos mecanismos de defesa. Revisitando Freud, Kohut e Blatt, a autora procura compreender esse processo de transformação interna através do modelo tectónico da mente e da analogia entre o Self e a Terra. Novos olhares sobre o tema, propõem ainda considerar três tipos de sublimação – introjectiva, anaclítica e mista – bem como uma predisposição genética para a expressão artística, vista como uma das etapas finais da cadeia simbólica.

**Palavras-chave:** Expressão criativa, Trauma, Sublimações e Mecanismos de Defesa.

Era uma vez uma psicanalista que, quis o destino, teve o privilégio de trabalhar com artistas, cientistas e outras pessoas criativas. Nesta população especial encontrou “histórias e estilos de vida” que repetiam certos padrões, que a intrigaram. Muitas das pessoas que a procuravam tinham ligação às artes.

Essa experiência acumulada fê-la encontrar, ao longo do tempo, sete padrões, que teimavam em evidenciar-se nas histórias e estilos de vida:

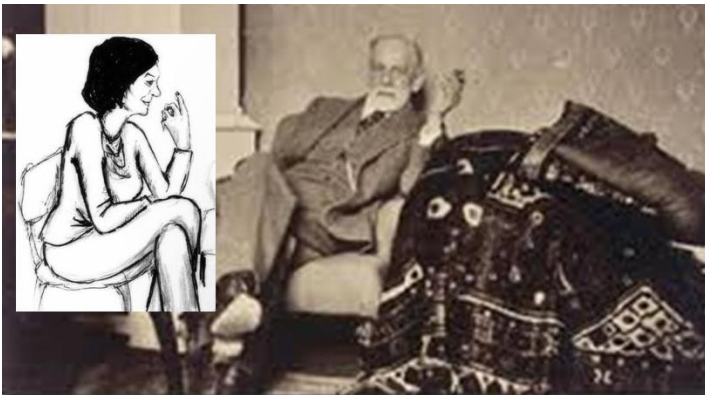
- Muito frequentemente, aquelas pessoas não reconheciam os seus pais como modelos de autoridade ético/moral credíveis;



1. Mantiveram-se as características do português de Portugal. No entanto, alterou-se a formatação para atender as normas da revista e da ABNT; além disso, foi feita a atualização ortográfica conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

- Este padrão relacional começava, em geral, tão precocemente quanto se lembravam;
- Em geral, não recorriam ao mecanismo de defesa recalçamento;
- Tendiam a ser centrados em si próprios e a estabelecer relacionamentos afetivos superficiais e flutuantes, excepto para muito raros objectos de investimento;
- Esses investimentos eram geralmente objectos a que se ligavam massiva e permanentemente, por exemplo, um grande *club de football* ou uma banda musical;
- Quase todos apresentavam perturbações explícitas no nível do funcionamento sexual;
- Quase todos relatavam experiências traumáticas na sua infância.

Um dia, enquanto se interrogava sobre o significado dos escritos que um dos seus pacientes mais antigos e de difícil acesso trazia para as sessões, sentiu-se girar sobre si própria como um pião. Quando deixou de girar, estava frente a uma poltrona com um homem de barbas e cabelos grisalhos, entre um divã e uma lareira, a fumar charuto. Pareceu-lhe vagamente familiar, mas, confusa, não o reconheceu.



– Vem à procura de compreender a relação entre certos padrões comuns aos artistas e a sua ligação ao desenvolvimento psicológico, ao narcisismo e ao fenómeno traumático?

– Uhm, bem, sim, mais ou menos!

Inacreditável! Estava perante o mestre Freud e só balbuciava!

Ele continuou:

– Bem, como sabe, eu considero que o desenvolvimento se dá através de etapas psicosexuais (FREUD, [1905] 1960). Acontecimentos disruptivos ao longo do desenvolvimento podem determinar a fixação da libido numa dessas fases (FREUD, [1923] 1960). Nas pessoas criativas que não respeitam nenhum dos pais como modelo de autoridade ética, teria sido hipotecada a resolução da triangulação edipiana, vendo-se a criança obrigada a criar sozinha o ideal do eu. Isso explicaria as características narcísicas e as dificuldades relacionais da sua amostra, bem como os sobreinvestimentos substitutivos, não lhe parece?



– Sim, sim, faz todo o sentido. Mas como relaciona tudo isso com o fenómeno traumático e tentativas de escapar aos seus efeitos nocivos?

– A propósito do fenómeno traumático penso que, quando a excitação é excessiva, pode levar a uma espécie de desligamento preventivo. Este corte da cadeia associativa impede a representação accionando medidas defensivas para religar o sistema.

– É como quando dispara o quadro eléctrico, por haver uma sobrecarga que ameaça o normal funcionamento, e, ao religar, não se ligasse o fusível associado ao perigo, e se voltasse a iluminar e abordar o fenómeno no modo de desenvolvimento anterior?



– Boa imagem! Sim, é isso. Os efeitos dessa regressão impediriam a consolidação desse último movimento associativo de crescimento, retomando o funcionamento e o recurso dos mecanismos defensivos próprios da fase anterior.

– Faz sentido; no entanto o artista funcionaria com uma maior plasticidade que lhe permitiria ligar porções do seu mundo interno através de processos vinculativos animados por Eros!

– Um! Um! Penso que os efeitos do fenómeno traumático, poderão determinar opções defensivas mais ou menos maduras. A forma mais elevada de operar esse religamento ou satisfação sexual substitutiva é a *sublimação*. Desde 1913 em *Totem e tabu* (FREUD, [1913] 1996) que considero que a sublimação não obriga mais ao recalçamento, mas considero-a antes directamente ligada à pulsão e ao self idealizado através do ideal do eu (FREUD, [1914] 1996), não implicando já a dessexualização da pulsão, mas antes a criação de um novo objecto de investimento dessexualizado (FREUD, [1915] 1996). Bom, agora, vai-me desculpar, mas tenho de regressar ao trabalho. Volte sempre que queira!

– Oh, muito obrigada. Foi muito útil.

Depois de se despedir, atónita, a psicanalista seguiu, devagar, o único caminho possível, ao longo de um corredor. Enquanto se dirigia para a saída do edifício, sem saber como, deu consigo a pensar no conceito de optimal frustration de Kohut, como frontei-

ra associada ao trauma.

Nem de propósito, a entrar no edifício, viu-a Heinz Kohut, que sorrindo diz:



– Posso dar-lhe umas dicas sobre o assunto.

– Ótimo. Agradeço sinceramente.

– Esse conceito refere-se às falhas ocasionais dos pais nas funções empáticas de amar e admirar. São decepções ou frustrações toleráveis que permitirão desenvolver estruturas internas facilitadoras de transição progressiva do sentimento do *self* grandioso para o de auto-estima e confiança (KOHUT, 1984).

Considero que desde o princípio de vida os seres humanos precisam de afecto, empatia e comunicação. Se ambos os progenitores falham nessas funções reguladoras, provocando disrupções acima do nível de tolerância da optimal frustration, comparáveis ao conceito freudiano de trauma, a criança será obrigada a recorrer a estruturas defensivas compensatórias inadaptadas (KOHUT, 1977).

– Essa parte interessa-me, pois relaciona-se com a questão do não reconhecimento dos progenitores como figuras de autoridade ética/moral e o fraco investimento afectivo. Podemos considerar que a função dos *self* objects primários falhou, obrigando o sujeito a criar por si só objectos substitutivos, provavelmente intoxicados por um *self* grandioso arcaico?

– Exacto. Quando o incidente disruptivo se dá num período pré-edipiano inicial, haverá uma disrupção severa na capacidade da mente se expandir e restaurar o narcisismo; se for no período pré-edipiano tardio haverá uma tendência sexualizante que sur-



girá como mecanismo de compensação para as necessidades narcísicas insatisfeitas, e se ocorrer no período edipiano haverá lugar a estratégias de procura constante de aprovação e admiração dos outros, assim como de objectos a idealizar (KOHUT, 1985). Mas agora, desculpe, mas vou ter de me ausentar. Estarei por aqui quando me quiser encontrar.

– Até breve, então.

Saiu do edifício para uma grande praça iluminada por um sol radiante que a cegou momentaneamente. De tal modo que, quando se dirigia para uma sombra a fim de decidir o caminho a tomar, tropeçou em alguém, desequilibrando-se e quase caindo. O desconhecido amparou-a e comentou:

– Este sol cega-nos completamente. Sidney Blatt. Muito prazer. Tenho-a visto a investigar a relação entre certos padrões que encontrou nos seus artistas e a sua ligação ao desenvolvimento psicológico, ao narcisismo e ao fenómeno traumático. Se tiver uns minutos...

– Peço desculpa, mas não via mesmo nada à frente. Muito prazer! E então, o que me diz?



– Na minha perspectiva o desenvolvimento da personalidade implica uma interacção entre dois eixos ou processos fundamentais, ou entre as tarefas que delimitam essas linhas: o estabelecimento de relações interpessoais cada vez mais maduras, estáveis e duradouras (eixo do relacionamento ou anaclítico) e o estabelecimento de uma identidade ou de um sentido do self como consolidado, diferenciado e integrado (eixo de auto-definição ou introjectivo), que, no final do desenvol-

vimento, se integram num sentido de *self* na relação (BLATT; SHICHMAN, 1983; BLATT, 1990).

A configuração anaclítica é sobretudo orientada para o objecto, focando-se preferencialmente em afectos, procurando confiança e bem-estar nas relações, recorrendo sobretudo a mecanismos defensivos de tipo evitante (recalcamento e negação).

Ao contrário, a configuração introjectiva enfatiza a análise, valorizando a lógica, a assertividade e o prestígio, pelo desejo básico de ser reconhecido e admirado, usando preferencialmente mecanismos de defesa de tipo neutralizante (projectão, intelectualização, formação reactiva, sobrevalorização ou isolamento do afecto) (BLATT; SHICHMAN, 1983; BLATT, 1990, 1995).

Experiências traumáticas acumuladas, como perturbações das relações da criança com as figuras significativas, em associação com predisposições biológicas, poderão levar o individuo a desenvolver sintomas psicopatológicos, que considero manobras ou tentativas compensatórias e distorções do desenvolvimento normal. Essas formas psicopatológicas podem representar um recurso excessivo às tarefas de uma linha e o evitamento defensivo das tarefas da outra, de acordo com o tipo de experiência disruptiva, e podem ocorrer em vários níveis de desenvolvimento (BLATT; SHICHMAN, 1983; BLATT, 1990, 1991, 1995).

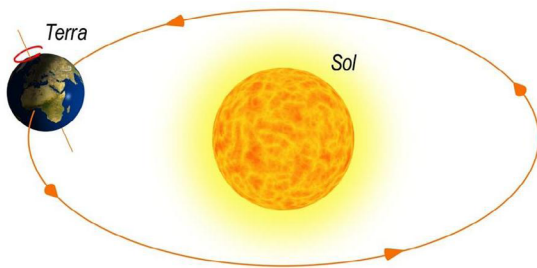
A minha experiência diz-me que, embora se encontrem com frequência pacientes com características em ambas as configurações, os quadros psicopatológicos organizam-se sobretudo à volta de uma dessas duas configurações, ao longo do espectro contínuo que vai da saúde à psicopatologia, sendo possível o sujeito fazer uma síntese integrativa de mecanismos defensivos mais ou menos evoluídos das duas configurações. Nesse sentido, a sublimação, como exemplo da integração dos dois eixos, pode ser considerada como produzindo uma resposta socialmente ajustada.

tada (dimensão anaclítica) e satisfatória para o próprio (dimensão introjectiva) (BLATT, 2008).

As últimas palavras já mal as ouvira, como se se distanciasse, sugada por um qualquer buraco negro do espaço. Anoitecera repentinamente cobrindo-lhe a visão para dentro e para fora de si.



Sentiu-se num gigante tubo de aspirador até ser despejada entre as estrelas. Leve e sem tónus, como o gigante balão de Alice que vira recentemente na feira. Estava no espaço celestial. Assim o confirmavam os planetas à volta do rei Sol, entre os quais a Terra.



Girando à volta do Sol e à volta de si própria, transformando-se lenta e harmoniosamente através dos seus movimentos complementares, a Terra desvelou-lhe uma parte do que procurava imaginar.

No movimento de rotação, linha da autodefinição ou da separação, o sujeito gira à volta de si próprio, constituindo o lugar onde olha para dentro de si (dimensão introjectiva da personalidade) e onde se desenvolve ou adoce o seu narcisismo, consoante a experiência relacional da translacção.

No movimento de translacção, linha do relacionamento ou da vinculação, o eixo é desenvolvido à volta do Sol, matriz relacional, intensidade do afecto, através de um objecto único (Sol) numa fase inicial de desenvolvimento, que progressivamente dará lugar a uma cada vez mais complexa multiplicidade de relações.

A nossa amiga Curiosa, entusiasmada com a feliz visão espacial, não parava de conjecturar. O fenómeno traumático também se podia olhar do espaço.

Os fenómenos traumáticos, tais como as perturbações disruptivas das relações da criança com as figuras significativas, teriam um impacto semelhante ao de um meteoro contra a crosta.



Como o fenómeno traumático não pode ser mentalmente representado, as áreas abrangidas teriam de permanecer soterradas no inconsciente, como rochas coesas, que assim se manteriam até que pudessem ser progressivamente transformadas pela influência de Eros, recorrendo preferencialmente a mecanismos defensivos desconectados da representação do fenómeno.

A este propósito, recordou alguns estudos que tentaram relacionar estilos de defesa e criatividade. Pareceu-lhe relevante a confirmação de que os mais criativos não recorriam ao recalamento mas complementarmente, a uma ampla gama de outros mecanismos de todos os níveis de funcionamento, desde os mais primitivos aos mais maduros, principalmente a sublimação (CRAMER, 1987, CULBERTSON, 1995, DOMINO; AL, 2002, ELA;

SLADE, 2005, GOERTZEL; GOERTZEL, 1962, MIOTTO, 2005, OGAWA; AL, 1997, VAILLANT, 1971; 1986; 1993, WALLER; AL, 1996, WEINE, 1996, THOMSON; AL 2009).

Articulando a diversidade das defesas, frequentemente usadas, com exceção do recalçamento, com a falência parental que obriga à criação do seu próprio ideal do eu, hipotecando a interiorização da interdição, Curiosa considera que poderão resultar dificuldades de regulação da libido, que poderiam justificar as queixas de ordem sexual dos seus “artistas”. Não deixou de o relacionar com o nível de funcionamento borderline, associado ao período pré-edipiano tardio e à tendência sexualizante, a que KOHUT se referiria.

Por outro lado, a ideia de Blatt (2008) de que o recurso ao mecanismo de defesa sublimação poderia resultar numa resposta mais ou menos integrada de autossatisfação (dimensão introjetiva) e aceitação social (dimensão anaclítico), fê-la pensar que quando o acto criativo tendesse mais para o polo introjectivo, seria um movimento de satisfação da pulsão deslocada (não dessexualizado) ao serviço do ideal do eu, e, quando tendesse para o polo anaclítico, corresponderia a uma manobra de sedução para conquistar a aprovação social (com dessexualização da pulsão, segundo pensava).

Por esse motivo, a psicanalista Curiosa concluía que provavelmente não se poderia falar de um só tipo de sublimação, mas de três, a sublimação de tipo introjectivo, a de tipo anaclítico e a de tipo misto, consoante a predominância da linha de autodefinição, da de relacionamento ou da mistura das duas linhas de desenvolvimento.

Curiosa acreditava que as pessoas criativas possuíam, originalmente, uma necessidade primária de se expressarem, mais associada à sublimação introjectiva.

Continua pensando que a expressão artística poderia ser uma espécie de ligação criativa, não associada ainda ao pensamento reflexivo.

Teria lugar no nível imediatamente inferior ao pensamento reflexivo, sendo um tipo de vínculo que ligaria diferentes materiais inconscientes num produto artístico final, sem se transformar num pensamento. Este processo associativo da cadeia simbólica seria mais consciente do que um sonho, mas ainda não pensável.

Na sua opinião, parecia haver uma predisposição criativa inata. Dependendo do código genético, estaria mais presente numa pessoa do que noutras, associada a maior dinâmica da expressão de Eros, podendo ser mais ou menos desenvolvida consoante as oportunidades oferecidas pela vida.

Imagina que, quando o corpo e/ou a mente são expostos a condições desfavoráveis, esta predisposição seria hiperestimulada e desenvolver-se-ia em compensação ao fenómeno traumático. Desta forma, poder-se-ia ver o evento traumático como um dos fenómenos que poderiam intensificar a predisposição artística inicial do sujeito.

Curiosa estava mesmo contente com estes pensamentos. Percebia assim que os caminhos com origem no fenómeno traumático podiam ter vários destinos, alcançados por meios e acessos muito díspares. O destino patológico, marcado por tentativas de restaurar o equilíbrio e a ordem interna impedindo a livre expressão de desejos perigosos, por caminhos conhecidos e seguros, ou os destinos criativos, marcados pela liberdade de escolha, do percurso a fazer, ao acaso, por trilhos, desvios e escapatórias de emergência, sempre em transformação. Imaginava que esta perspectiva podia enriquecer amplamente as abordagens psicoterapêuticas e a sua eficácia. Esta caminhada tinha-lhe mostrado ainda que, como há muito intuía, existe complementaridade entre a perspectiva pulsional e a perspectiva objectal acrescentando sentido à rede sempre em expansão do pensamento psicanalítico.

Enquanto pensava tudo isto, sentiu descair pesadamente a sua mão direita, donde saltou um papel, mal dobrado, que caiu ao



chão. Reconheceu-o quando o apanhou e desdobrou; era um daqueles escritos, que o seu paciente, de longa data, lhe começara a trazer, há algum tempo, para lhe falar do afecto que não conseguia verbalizar. Não resistiu a lê-lo, mais uma vez.



Quanto tempo consegues aguentar uma mentira  
 Sem deixar que ela te fira  
 Quanto tempo consegues ficar aprisionado pelo medo  
 Sem seres apontado a dedo  
 Quanto tempo consegues ficar em silêncio  
 Sem te sentires sufocado  
 E pareceres mal educado  
 Quanto tempo consegues ficar sozinho  
 Sem te sentires pequenino  
 Quanto tempo consegues viver sem amor  
 Sem sentir a grande dor  
 Quanto tempo consegues olhar para ti  
 Sem ver o que vai por dentro  
 Mesmo que isso pertença a outro tempo  
 Quanto tempo consegues enganar a alma  
 E trair o coração  
 Que conheces como a palma da mão  
 Sê livre e verdadeiro  
 É a única maneira de seres inteiro!

### **Abstract**

*Building on clinical experience crossed with literature and thoughts on the associated theme, the speaker wishes to share and discuss some viewpoints raised and created on the therapeutic field, namely on the repetition of some patterns on patients connected to art and culture. These repetitive patterns are related to the high frequency with which these patients do not recognize their parents as figures of moral and ethical authority, to a tendency not to use the defense mechanism of repression to deal with their internal conflicts, and to the recurrence of phenomena experienced as traumatic throughout their development. The traumatic phenomena is thus inevitably and empirically associated to the approach to this theme, and consequently the reflection on its relation with the creative process as an escape and transformation of the internalized terror, and on the interconnections with the resource to the defense mechanisms is unavoidable. By revisiting Freud, Kohut and Blatt the author seeks to understand this process of internal transformation by using the tectonic model of the mind and the analogy between Self and Earth. New perspectives on this theme put forward the contemplation of three types of sublimation – introjective, anaclitic and mixed – and the genetic predisposition to artistic expression, considered as one of the final stages of the symbolic chain.*

**Keywords:** Creative expression, Trauma, Sublimations, Defense mechanisms.

## Referências

- BLATT, S. J. A cognitive morphology of psychopathology. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 179(8), pp. 449-458, 1991.
- BLATT, S. J. Interpersonal relatedness and self-definition: Two primary configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. In: SINGER J. L. (ed.). *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1990. pp. 299-335.
- BLATT, S. J. *Polarities of experience: Relatedness and self-definition in personality development, psychopathology and the therapeutic process*. Washington, DC: American Psychological Association Press, 2008.
- BLATT, S. J. Representational structures in psychopathology. In: CICCETTI, D. TOTH, S. L. (ed.). *Emotion, Cognition, and Representation*. Rochester Symposium on Developmental Psychopathology, 1995. pp. 1-33.
- BLATT, S. J.; SHICHMAN, S. Two primary configurations of psychopathology. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 6, pp. 187-254, 1983.
- CRAMER, P. The development of defense mechanisms. *Journal of Personality*, 55, pp. 597- 614, 1987.
- CULBERTSON, R. Embodied memory, transcendence and telling: Recounting trauma, re-establishing the self. *New Literary History*, 26, pp. 169-195, 1995.
- DOMINO, G.; SHORT, J.; EVANS, A.; ROMANO, P. Creativity and ego defense mechanisms: Some exploratory empirical evidence. *Creativity Research Journal*, 14, pp. 17-25, 2002.
- ELAL, G.; SLADE, P. Traumatic exposure severity scale (TESS): A measure of exposure to major disasters. *Journal of Traumatic Stress*, 18, pp. 213-220, 2005.
- FREUD, S. Beyond the Pleasure Principle (1920). London and Vienna: The International Psycho-Analytical Press, 1922.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-108. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. The Ego and the Id (1923). New York: Norton, 1960.
- FREUD, S. *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905). Translation: James Strachey. New York: Basic Books, 1960.
- FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: \_\_\_\_\_. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).
- GOERTZEL, V.; GOERTZEL, M. G. *Cradles of eminence*. San Francisco: Jossey-Bass, 1962.
- KOHUT, H. *The Restoration of the Self*. New York: International Universities Press, 1977.
- MIOTTO, G. M. Bearing witness and healing through creativity. *Family Medicine*, 37, pp. 320-321, 2005.
- OGAWA, J. R.; SROUFE, L. A.; WEINFELD, N. S.; CARLSON, E. A.; EGELAND, B. Development and the fragmented self: Longitudinal study of dissociative symptomatology in a nonclinical sample. *Development and Psychopathology*, 9, pp. 855-879, 1997.
- THOMSON, P.; KEEHN, E. B.; GUMPEL, T. P. Generators and interpreters in a performing arts population: Dissociation, trauma, fantasy proneness, and affective states. *Creativity Research Journal*, 21(1), pp. 72-91, 2009.
- VAILLANT, G. E. (ed). *Empirical studies of ego mechanisms of defense*. Washington, DC: American Psychiatric Press, 1986.
- VAILLANT, G. E. *The wisdom of the ego*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.
- VAILLANT, G. E. Theoretical hierarchy of adaptive ego mechanisms: A 30 year follow-up of men selected for psychological health. *Archives of General Psychiatry*, pp. 24, 107+-18, 1971.

WALLER, N.; PUTNAM, F. W.; CARLSON, E. B. Types of dissociation and dissociative types: A taxometric analysis of dissociative experiences. *Psychological Methods*, 1, pp. 300-321, 1996.

WEINE, S. M. The witnessing imagination: Social trauma, creative artists and witnessing professionals. *Literature and Medicine*, 15, pp. 167-182, 1996.

**Recebido em:** 10/08/2022

**Aprovado em:** 28/10/2022

### **Sobre a autora**

#### **Cristina Nunes**

Licenciatura em psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Pós-graduação em psicoterapia do casal e aconselhamento familiar.

Especialização em psicoterapia psicodinâmica pela Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica (SPPC).

Especialização em psicanálise pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP).

Psicanalista.

Membro didata, formadora e supervisora da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP), fazendo parte dos órgãos diretivos desde a sua fundação, tendo sido sua presidente.

Presidente do Comitê Organizador do XXI

International Forum of Psychoanalysis

– Psychoanalytic Encounter: Conflict and Change.

Lisboa 5 a 8 de fevereiro de 2020.

**E-mail:** cristinanunes@psicris



# O intrincado luto nas infâncias

*The intricate mourning in childhood*

Marta Gerez-Ambertín

Tradução: Bernardo Maranhão

## Resumo

Em geral, a travessia do luto nas infâncias costuma ter arestas muito complicadas, como o de qualquer luto, mas a ele se agrega o ocultamento da morte por parte do entorno, que, ao pretender evitar o sofrimento pela perda de um ser querido ou de uma mascote amada, consegue apenas, com esse ocultamento, intensificar a dor pela perda e impedir que a criança ou o adolescente faça o necessário percurso do luto. Isso não é sem consequências, pois, ao impedir a criança ou o adolescente de fazer o luto, o adulto lhes dificulta, ao mesmo tempo, subjetivar qualquer perda: *acting-out* extremos, passagens ao ato neuróticas e psicóticas e, às vezes, outras patologias mais severas são a consequência dessa recusa do saber sobre a morte.

**Palavras-chave:** Travessia do luto, Luto impedido nas infâncias, Morte invisível, Recusa do saber, O vazio dos rituais fúnebres.

*Quando morre algum ser querido,  
o adulto costuma mentir para seu filho sobre o acontecido  
e pensa que não falar sobre a morte  
é fazer com que essa morte não exista para a criança.  
Confunde a dor da situação com  
a explicação dessa situação dolorosa.  
Quando uma mãe, um irmão ou um pai morre,  
sobrevém uma grande dor.  
Mas falar da morte não é gerar a dor:  
é aliviá-la, é ajudar a criança a ir elaborando essa dor.  
ARMINDA ABERASTURY. La muerte de un hermano.*

## 1. A morte-espetáculo e o luto intransitável

O que dizer sobre o luto e seu correlato, a morte, nos dias de hoje? Em princípio, nenhum deles deveria ser um ato só individual. A morte, assim como a vida, implica sempre os outros: "Por isso, como grande passo da vida, é celebrada por uma cerimônia sempre mais ou menos solene, que tem por objeto marcar a solidariedade do indivíduo com sua estirpe e sua comunidade" (ARIÈS, 1988). Acrescentemos que, antes de tudo, trata-se da solidariedade da comunidade com o morto.

No entanto, Ariès demonstrará que, na atualidade, o ritual já não é o mesmo. O cenário das despedidas se modificou. Assistimos a um novo espetáculo, de um **luto invisível**, de uma pressão pelo silenciamento do entorno do morto: não deve se desgarrar nem se alterar, fica sem lástima, sem sofrimento e, evidentemente, sem significação. Ao mesmo tempo, a morte passava radiante nos *mass media* com uma selvageria que nos convoca a um gozo não subjetivado.

Isso provoca um paradoxo entre os adultos, e ainda mais entre as crianças! Deleitam-se em seu gozo sob o olhar da máquina, seus heróis se despedaçam, matam, morrem, tudo isso em meio a uma algaravia de gritos que festejam a “conquista”. Será por isso que não chegam a um luto mínimo quando ao seu lado morre sua mascote, um amigo, alguém da família, seus pais ou seus irmãos? Os adultos participam desse luto invisível e o convocam, tratam de apagar as marcas da perda, expulsam do saber a privação ocorrida, oferecem rapidamente uma ortopedia que “vela” o vazio do real: não só não há velório, como há encobrimento que impede o luto. Isso não é sem consequências para o sujeito que, ao se ver impedido de fazer o luto, é também impedido de subjetivar a perda: *acting-out* extremos, passagens ao ato neuróticas e psicóticas e, às vezes, outras patologias mais severas são a consequência dessa recusa do saber sobre a morte.

Devido à pandemia de covid-19, a morte dos seres queridos – tão pouco ritualizada – tornou-se mais *invisível* do que nunca. A proibição dos funerais teve um efeito de *denegação* da morte e muito poucos falaram com seus filhos e filhas por ocasião da morte de algum parente ou amigo. Voltou à tona a conhecida história de que fulano *foi viajar...* enquanto as crianças esperam ansiosas pelo seu retorno. Recusa de saber sobre a morte e a fala nos adultos, que repercute intensificando nas crianças a recusa de saber sobre a morte do próximo.

## 2. Luto impedido e recusa de saber

Lacan ([1958-1959] 2014), no *Seminário 6: O desejo e sua interpretação*, aborda a relação entre o luto impedido e intransitável, de um lado, e a recusa do saber, do outro, ao relacionar a privação do luto com a forclusão do Nome do Pai nas psicoses. Já no *Seminário 10: A angústia*, especificará: “só se pode fazer o luto por aquele de quem fomos a falta” (LACAN, [1962-1963] 2010). Se tomamos essa citação, alguém em luto fica como

“causa perdida”, como “alma penada”, como “bala perdida”, como “**a penada**”. Uma “causa que já não causa ninguém” é uma “causa” que pode *se desmascarar em um real puro* e arrastar o enlutado na esteira desse *a* que apenas, risco possível de falha na operação de separação que pode derivar para a operação de sacrifício e imolação ao Outro do gozo. Dito de outro modo, um sujeito em luto é sempre um sujeito de muita fragilidade subjetiva, na medida em que está exposto ao objeto como real: **privação** que supõe falta, no real, de um objeto simbólico. Em outras palavras, no *Seminário 6*, ao tratar do conceito de privação, Lacan já adiantava as hipóteses de trabalho do luto, o qual consistiria em uma forma particular de identificação com o objeto, ainda que não especificasse que o objeto em jogo é o objeto *a* como causa. Por isso, o luto “*é um trabalho de separação e, ao mesmo tempo, de assujeitamento em relação ao objeto perdido, de consumir a perda em uma segunda volta (ou terceira, ou quinta), para sustentar em detalhe os laços com o objeto perdido e modificar nosso laço com ele (e sermos por esse laço modificados)*”. Esse trabalho de separação da criança em relação ao morto não deveria começar no momento mesmo da morte?

No luto, o furo do real convoca o simbólico, na medida em que convoca o falo e se encontra com o furo do real. Há aí *parentesco* entre o luto e a forclusão do Nome do Pai. Enquanto na forclusão o furo no simbólico convoca o real, no luto o furo do real convoca o simbólico, mobiliza o significante sempre que haja trabalho de luto e chamamento ao rito social.

O luto, pela questão da privação, é aparentado da psicose no ponto onde não se cumpre um trabalho de luto e se produz um retorno do real. Porque desse vazio pululam as alucinações e outros fenômenos, avalanche de certezas que acompanham o sem sentido de fenômenos da percepção ou do pensamento, efetuação, no real, do significante que falta, já que a ineficácia do simbólico, agora fura-

do, não consegue cifrar o gozo em questão. Lacan (1966-1967), em 12 de maio de 1967, pontificará: “Isso que está rechaçado no simbólico deve ser focalizado no campo subjetivo em algum lugar, para voltar a aparecer em um nível correlato no real”. Logo, no luto e no trabalho do luto, ganha importância o recurso ao rito como chamamento ao Outro e mobilização do significante.

Mas o que acontece quando esse recurso, esse chamamento ao simbólico, essa mobilização significante se vê impedida porque não há recurso ao rito? “O rito, através do qual damos **satisfação à memória do morto**, é a intervenção pública de todo o jogo significativo” (LACAN, [1958-1959] 2014). Aqui, Lacan coincide com Freud: o luto normal tramita pelos caminhos do *acting*: trata-se de uma colocação em cena (o *acting* está dirigido ao Outro) e, ao mesmo tempo, um chamado ao Outro e um cenário com público, o qual permite marcar, disfarçar, velar o objeto *a*. Esse buraco no ser, deixado pela morte de alguém cujo desejo causamos. Mascará-lo com o mínimo manto de cobertura agalmática nesse cenário ritualizado, publicamente legislado, permite que o *a* se recubra. Com isso, o *lutante* mostra que é a máxima causa do objeto morto e, nessa mostra, com esse cenário, com esse público, consegue disfarçar o objeto *a*, **mascará-lo**, cobri-lo com um último manto de cobertura agalmática. Há necessidade de mostrar ao Outro que ele é único na relação com esse objeto, mas como não sabe nada desse objeto, toma a saída de mostrá-lo, de mostrar que é único na relação com ele. Em suma, mostrar, pela via da atuação, sua relação com o morto e com objeto como causa perdida. Esse é um recurso para recobrir e velar o objeto *a*, possibilidade do cenário para mascarar o objeto.

Pois bem, um luto silencioso e anônimo, que expulsa todo o saber sobre a morte, sem rito, sem testemunho, sem testemunhas, sem suporte legislado pelo Outro social – isto é, um *não-luto* – deixa o enlutado exposto ao retorno, sobre ele, do objeto *a* proveniente

do morto, exposto ao risco da desmarcação fantasmática ou da psicose, pelo furo criado na existência. E ocorre que, quando a desapareção de alguém não foi acompanhada dos ritos necessários, produz-se um luto “não satisfeito”, “não se satisfaz a memória do morto”, isto é, um luto impedido e intransitável.

Aí, dirá Lacan ([1958-1959] 2014), “algo resulta falido ou elidido, ou **rechaçado** na satisfação da memória do morto”, não se cumpre com ele e, portanto, há intervenção dos fantasmas e espectros no vazio deixado pelo defeito do rito significante. Um morto sem memória é um morto sem rememoração, um morto não sepultado, um morto que há de nos confrontar com o objeto *a* liberado como causa, que há de nos confrontar com esse objeto a partir da voracidade superegoica.

Isso já tinha sido especificado por Freud ([1932] 1979): “Ainda hoje em muitos estratos da nossa população, ninguém pode morrer sem que se creia que foi assassinado por outro [...] E a reação neurótica regular ante a morte de uma pessoa próxima é, também, a autorrecriação de que nós mesmos causamos essa morte”. Saldo superegoico de todo luto, que deixa uma marca incurável na subjetividade.

Mas o que acontece quando se trata da morte de uma criança? Qual é a sua incidência na subjetividade daqueles que sobrevivem a ela, avós, pais, irmãos etc.? Freud deixa algumas pistas nas cartas a Fliess com relação à morte de seu irmão Julius: “matar o irmão, mandá-lo ao inferno, padecer a ameaça de sofrer, em retaliação, a mesma sorte”. Apesar de tudo, aí há uma figura da culpa inconsciente, há um semblante que permite a tramitação do luto.

Muito mais graves são as consequências daquelas mortes de irmãos ocultadas, mantidas em silêncio mesmo no mito familiar, e que reservam à criança o lugar de um objeto que deve recobrir o buraco do real deixado pela morte de um irmão. Não há memória de uma morte, não há rememoração da mor-

te do rival, só a obrigação de velá-lo [velare] sem velório. A esse respeito dirá Marie-Magdeleine Chatel (1994): “A morte de um próximo é subjetivada como crime, como suicídio ou como ambos. Por acréscimo, quando o ser querido é uma criança pequena, dependente da responsabilidade de seus pais, morto acidentalmente e não por outra causa [...] o acidente mostra que sempre é um acidente por negligência dos pais. Esse ato só pode ser tomado como um ato falho, efeito do desejo dos pais, o que leva ao rechaço à subjetivação por eles. É impossível reconhecer o assassinato do filho que tanto se ama, exceto mediante uma recusa do saber. As patologias que resultam dessa impossibilidade dão testemunho desse reconhecimento não sabido”.

### 3. Dizer a morte e fazer o luto: adultos e crianças

Não há em Freud, Lacan ou Klein uma “teoria” acabada do luto, muito menos uma formulação única dada de uma vez e para sempre. Nas obras desses autores, “o luto” vai se reformulando de acordo com as modificações sofridas pelo conjunto de seu corpus teórico-clínico.

No entanto, suas perspectivas coincidem em reconhecer que o luto é um enigma, e o buraco irreparável que ele deixa tramita nas respostas que cada um dá a esse furo no real pela via da fantasia.

Como dissemos antes, Ariès (1988) já demonstrou que, na atualidade, o dizer sobre a morte e os rituais mortuários tem variado. Há pressão para calar o entorno do morto: não deve se desgarrar nem se alterar, deve ficar sem pena, sem sofrimento e, evidentemente, sem significação, o que provoca o perigo de impedir a tramitação do luto, torná-lo intransitável.

Tudo isso se intensificou com a pandemia de covid-19. As novas modalidades fúnebres na pandemia, raquíticas de ritos funerários, exacerbaram o risco de potenciar o luto intransitável. Nessas situações, nem houve contato com o cadáver nem “último adeus”,

não houve “despedidas”. Foi escasso o tempo entre o falecimento e o enterro ou a cremação dos restos. As cerimônias fúnebres laicas ou religiosas se abreviaram ao máximo ou não existiram, e nelas só se permitiu um mínimo de enlutados. Os meios de imprensa colaboraram ocultando o sofrimento produzido em tantos pela ausência de velórios e seu quase impedimento de atravessar o luto. O que dizer às crianças, se nem os adultos tinham respostas ante uma pandemia que punha a humanidade em risco?

Se as cerimônias mortuárias, os ritos e a circulação dos dizeres sobre o morto que se produzem no próprio instante do falecimento são imprescindíveis para os adultos e deveriam ser compartilhadas com as crianças, como construir algo em torno desse vazio que foi produzido por uma morte, se a pandemia provocou a necessária proibição de “se aproximar” e de velar o morto?

Os dizeres dos adultos em tono da morte de um filho, de um ser querido próximo, têm impacto sobre os filhos, inclusive ali onde se trata de dissimular a dor deixada por uma morte. E se de fato, como disse Freud, “não há inscrição da própria morte no inconsciente”, essa inscrição da morte tramita subjetivamente na confrontação com a castração, com a falta no Outro. Não há inscrição da própria morte, mas a morte do próximo produz intimidação na subjetividade. Isso que ocorre com o semelhante ameaça irremediavelmente o filho. Seria o caso de poupá-lo dessa ameaça? Mas a vida não é sem ameaças, de todo tipo e, entre elas, a da morte ineludível.

Como afirma Aberastury (1976) em *La muerte de un hermano*, pretende-se que a criança viva em um mundo paradisíaco, mas essa pretensão esbarra na impossibilidade de sustentar o filho como *sua majestade, o neném*, alheio a frustrações, privações e perdas. Mas não há paraíso para as crianças, sua vida psíquica é constituída entre ameaças, perdas, separações e reencontros. O jogo do *Fort-Da* o exemplifica magnificamente: *fora*



é já separação, e *dentro* é a incorporação com marca de perda na fantasia.

Por isso, a morte de um ser querido, assim como o impacto dessa morte em seus pais e parentes próximos, não pode ser ocultada. Ainda quando se procura ocultá-la ou dissimulá-la, a criança a percebe e aparece a desconfiança na “boa fé” do adulto. De uma maneira ou de outra, a criança descobre que “algo” está sendo escondido dele, o que prejudica em muito a crença na palavra do adulto, decepção que deixa as marcas da inconsistência do Outro, que em tal caso se agiganta.

Contrariamente ao que é apregoado por algumas crenças populares ou psicologias sanitaristas, é preciso fazer circular o saber sobre essas mortes, *dizer sobre elas*, dar notícia dessas mortes à criança e poder mostrar o sofrimento que produzem nos adultos. As crianças ficam aliviadas por poder compartilhar os relatos e rituais mortuários das despedidas. Elas não deveriam ser excluídas desses processos.

Ainda que o saber sobre a morte não prepare ninguém para enfrentá-la, por se tratar de um saber inconsciente, o seu dizer possibilita confrontar-se com a privação e propicia os modos de lhe dar uma resposta. De um modo ou de outro, o furo no real (a morte), inassimilável no simbólico, deixa suas marcas, e será a fantasia da criança que irá produzindo os jogos, desenhos, cantos e ficções para responder a esse furo traumático do real.

Precisamente, o livro de Arminda Aberastury que cito na epígrafe (publicado em 1976 e dirigido a crianças maiores de cinco anos e a seus pais) pretende encarar, através de imagens e textos, a questão da morte dos irmãozinhos. Ela pesquisou os efeitos sintomáticos, as inibições e as angústias que se produzem nas crianças em vista da morte de um ser querido, nos casos em que se evita *o dizer da morte*. Evitar falar da morte, ocultar os seus ritos funerários, evitar *dizer* a morte, assim como mentir sobre ela, tem conse-

quências funestas, porque, nesse caso, a palavra dos pais é mais do que desvalorizada dali em diante.

Como tão bem assinalado por Ana Bloj, na revista *Fort-Da*, a respeito da obra de Aberastury: “Podemos ver ao longo de sua obra a ideia de que comunicar à criança ‘a verdade’ era acompanhada da ideia de tornar consciente um saber não sabido, portanto, um saber não consciente. Essa comunicação conduz, de algum modo, a uma liberação da criança com respeito ao segredo familiar e aponta para a cura do sintoma”.<sup>1</sup>

É de estranhar que não se tenham produzido mais abordagens nessa linha, ainda mais por se tratar de um tema sobre o qual é preciso aprofundar a investigação.

#### 4. O luto impedido e seus efeitos colaterais

O luto supõe, como dissemos, transitar em torno do furo do real, esvaziado pela morte de um ser querido, ali onde o mundo inevitavelmente se empobrece. A possibilidade de fazer a travessia do luto implica, a propósito, uma tentativa de recomposição desse mesmo mundo que, de uma maneira ou de outra, ficará furado, mas será possível transitar nesse mundo reconhecendo ausências e privações – não é isso a castração? – e, se calhar, sublimando... apesar delas. Esse trânsito também implica as infâncias, as crianças; é necessário que elas também o realizem.

As *dívidas/culpas* com nossos mortos, é preciso pagá-las atravessando o luto e praticando seus rituais concomitantes, para que esses cadáveres não terminem na desolação, insepultos. E para que o *corpo falante* das crianças não fique como encriptado, mudo testemunho dos mortos não velados, carentes de *semblantes*.

Daquilo que ofereçamos em tributo aos nossos mortos depende... a qualidade futura, não só da subjetividade dos adultos, mas também das infâncias e da sociedade do fu-

1. Disponível em: <http://www.fort-da.org/fort-da12/bloj.htm>.

turo. Qualidade, portanto, da *polis* que nos seja possível tentar recompor. Trânsito pelo luto, tanto singular e íntimo quanto social e político. Trânsito imprescindível pela confrontação com outros e conosco mesmos, e cujo resultado é a construção de um mundo onde o tributo aos nossos mortos e a sua recordação estão presentes.

Como diz John Donne: “A morte de qualquer humano me diminui, porque estou ligado à humanidade. Portanto, não pergunte por quem os sinos dobram: eles dobram por ti”. Ao que acrescento, sempre “dobram por ti e pelo Outro”.

A morte – cada morte singular e concreta – coloca a *sociedade inteira*, e não somente os “enlutados” diretos – crianças e adultos – ante o perigo de uma *fragilização das subjetividades e da sociedade*, de seu próprio “direito à existência”, e não esqueceremos que a complexa ritualidade simbólica torna possível o intento de *recuperar a memória* dos ausentes para que a comunidade, a *cada vez* que a morte abra em seu meio um vazio, possa ser *refundada* e recomece sua existência. Esse trabalho de luto e rememoração dos mortos implica necessariamente as crianças. É preciso que elas possam transitar por ele, para que as suas subjetividades não fiquem frágeis. Do mesmo modo, não podemos esquecer que o futuro lhes pertence, para refundar a convivência e a existência. Privá-las da rememoração implicada no luto pressupõe amputá-las de uma parte de si mesmas, uma parte importante daquilo que lhes permitirá sustentar os laços familiares e sociais.

Convém recordar uma frase de *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry: “Às vezes, temos que aguentar as urtigas, se queremos desfrutar das borboletas”. É preciso que a passagem do tempo e o fim dos dias se inscrevam na subjetividade de cada criança. Desse modo, será preciso suportar as urtigas (a morte) para poder desfrutar das borboletas (a vida)... e do depois.

### Abstract

*In general, the transit of mourning in childhood has very complicated edges, as in any mourning, but it is made even more complex by the hiding of death by the surroundings of the child. By means of this hiding, though intending to spare the child from the suffering of losing a dear relative or a beloved pet, the child's surroundings end up intensifying the pains of such loss and keeping the child or the adolescent from walking the necessary path of mourning. This has consequences, for, by impeding the child or adolescent from working through the mourning process, the adult makes it difficult for them, at the same time, the subjective processing of any loss: extreme acting-out episodes, neurotic and psychotic passages to action and, at times, more severe pathologies, will result from this refusal of the knowledge about death.*

**Keywords:** *Crossing of mourning, Impeded mourning in childhood, Invisible death, Refusal of knowledge, The emptiness of funerary rituals.*

## Referências

---

ABERASTURY, A. *La muerte de un hermano*. Buenos Aires: Paidós, 1976.

ARIÈS, Ph. *El hombre ante la muerte*. Madrid: Taurus, 1988.

LACAN, J. *El Seminario, libro 10: La angustia (1962-1963)*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

LACAN, J. *Seminario, libro 14: La lógica del fantasma (1966-1967)*. Inédito.

LACAN, J. *El Seminario, libro 6: El deseo y su interpretación (1958-5199)*. Buenos Aires: Paidós, 2014.

FREUD, S. Conferencia 33: La feminidad (1932). In: \_\_\_\_\_. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis, y otras obras (1932-1936)*. Traducción de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1979. (Obras completas, 22).

CHATEL, M.-M. A falta de estrago... *Litoral*, 17, Buenos Aires: E.D.E.I.P.S.A., 1994.

**Recebido em:** 12/09/2022

**Aprovado em:** 23/10/2022

## Sobre a autora

### Marta Gerez-Ambertín

Doutora em psicologia pela Universidade Nacional de Tucumán (Argentina).

Pós-doutora em psicologia clínica

– menção psicanálise pela PUC São Paulo (Brasil).

Diretora do curso de doutorado em psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Tucumán (Argentina).

**E-mail:** martagerezambertin@gmail.com



# *O pequeno Hans – um garoto muito visível – e Herbert Graf – o homem invisível*

*Little Hans – a very visible boy  
and Herbert Graf – the invisible man*

Anchyses Jobim Lopes

## Resumo

Dados biográficos sobre Herbert Graf e Max Graf, nomes verdadeiros do Pequeno Hans e seu pai. Max como participante da sociedade das quartas-feiras e primeiro psicanalista infantil. A influência direta de Freud na vida dos Grafs, inclusive na de Olga Hönig, mãe de Hans. Outras interpretações da *Fobia de um menino de cinco anos*. Leitura de Lacan sobre os termos bobagem [*Dummheit*] e tumulto [*Krawall*], muito citados no texto de Freud. Acréscimo do termo charivari por Lacan. Aprendizado de Herbert em música e teatro. Sua descrição como criador da ocupação de diretor de cena em espetáculos de ópera. Resumo de sua carreira e sucesso profissional. Sua visita a Freud, já adulto. Digressões sobre as pulsões invocante e escópica e seu papel na cena primária do Pequeno Hans. Sublimação da cena primária e de sua neurose infantil para sua escolha profissional.

**Palavras-chave:** Pequeno Hans, Herbert Graf, Cena primária, Pulsões escópica e invocante, Sublimação.

## Introdução: por décadas um desconhecido do meio psicanalítico

O Pequeno Hans, assim como Dora, o Homem dos Ratos, Schreber e o Homem dos Lobos, é sempre apresentado como um dos cinco grandes casos clínicos da obra de Freud. Mas até algumas décadas atrás, nada se sabia do destino que teria tido na vida adulta.

Ou pior. Nos 80 e 90 do século passado, quando pela primeira vez, ao participar de seminários e depois lecionando o caso do Pequeno Hans, eram divulgadas informações imprecisas e deletérias sobre sua vida adulta, desprovidas de qualquer fonte conhecida ou fidedignidade.

Por acaso, ao final da década de 1980, um curto verbete de um dicionário de ópera, traduzido e publicado no Brasil, trouxe informações de que Herbert Graf, nome verda-

deiro do Pequeno Hans, já falecido, teria sido uma personalidade importante no meio profissional da ópera (OSBORNE, 1987, p. 174).

Há mais de década surgiu a publicação de um livro sobre os pacientes de Freud, desde os cinco grandes casos até dezenas de outros nomes desconhecidos. Contudo, a leitura dessa obra mostrava ser excessivamente negativa a Freud. Assim como a contribuição de seu autor em publicações de teor muito crítico à psicanálise, tornam obrigatório que o livro seja lido com muitas ressalvas. Precaução confirmada ao ministrar cursos sobre o Homem dos Lobos e realizar a leitura direta de algumas das fontes usadas no referido livro.

Contudo, nas décadas mais recentes do século XXI, os mecanismos de busca na internet permitiram o acesso a fontes diretas em todas as áreas, inclusive de entrevistas

feitas pelo próprio Herbert Graf e por sua filha mais nova a uma publicação especializada do meio operístico. Entrevistas já utilizadas por algumas publicações psicanalíticas no Brasil, inclusive.

Corroborada a informação do dicionário de ópera décadas antes. Herbert Graf fora personalidade de destaque nesse meio artístico, tendo intensa e criativa atividade profissional em vários países da Europa e nos Estados Unidos. Entre todos os cinco casos clínicos de Freud, sem dúvida, o de maior êxito profissional e pessoal. Com a ressalva de que a comparação com o Homem dos Ratos, ao qual Freud fazia elogios, é sempre injusta, porque infelizmente faleceu muito jovem, ao início da Primeira Guerra Mundial.

Contudo, apenas a curiosidade de novas informações biográficas sobre o Pequeno Hans, não seriam de qualquer utilidade. O caso clínico deve ser lido pela primeira vez tal como Freud o apresentou. A partir de uma segunda leitura, sim, conhecer um pouco o Herbert Graf adulto. Tentar ir além de Freud no primeiro relato de uma psicanálise infantil.

Muito da leitura de Lacan ([1956-1957] 1994) sobre o Pequeno Hans no *Seminário 4: A relação de objeto* será útil para ir além de Freud. Mas também temos de usar os dados de que hoje dispomos sobre Herbert Graf para evitar que neste trabalho ocorram distorções, como em algumas interpretações de Lacan. Seguramente desconhecedor de quaisquer informações sobre a vida adulta do Pequeno Hans, que então já estava com mais de 50 anos quando do *Seminário 4*, onde mais discorre sobre Hans. Na época Herbert Graf já era um profissional muito ativo e destacado, com um segundo casamento ainda pela frente e mais uma filha a nascer. No *Seminário 4* ficou registrada a seguinte opinião de Lacan sobre um Hans adulto:

O pequeno Hans se situa numa posição passiva [...] daqueles rapazes que esperam que a iniciativa venha do outro lado – que espe-

ram, para dizer tudo, que se lhes tirem as calças. [...] O pequeno Hans não tem que perder seu pênis, já que, tampouco, não adquiriu em momento algum (LACAN, [1956-1957] 1994, p. 429).

É difícil sustentar essas opiniões de Lacan. Não coincidem com a intensa carreira profissional de Herbert Graf. Nem com seus dados biográficos objetivos. Casou-se a primeira vez aos 23 anos com Liselotte Austerlitz, com a qual teve um filho aos 30 anos, Werner Lothar Graf (1933-2004), também casado e com filhos. Herbert enviuvou e casou-se em segundas núpcias aos 63 anos com Margrit Thuring, com a qual teve uma filha, Ann-Kathrin (Hannah) Graf, nascida em 1966. O primeiro casamento de Herbert é descrito como problemático. Sua esposa repetira as dificuldades emocionais e neuroses de sua mãe. Terminando por suicidar-se após mais de trinta anos de casamento. O segundo casamento foi bem-sucedido.

Com as informações agora conhecidas sobre a vida e obra de Herbert Graf adulto, o objetivo aqui será complementar Freud em alguns aspectos. Tal sua busca, então infrutífera, pela cena primária entre os relatos de Hans e de seu pai. Mas também ousar algum avanço sobre aspectos da psicanálise da música. Percorrendo um pouco da trilha aberta por outras contribuições mais felizes de Lacan. E também por dois de seus seguidores – Alain Didier-Weil e Michael Vivès – que traçaram percursos para uma psicanálise da música e do canto. Objetos de amor que serviam de elo entre Graf's pai e filho.

### **Herbert Graf: dois eixos para um aprendizado pluridimensional**

Desde criança Herbert Graf era apaixonado pela ópera. Mas em entrevista dada para a publicação *Opera News*, pouco mais de um ano antes de falecer, Herbert Graf discorre como ao início do século XX os espetáculos de ópera muitas vezes eram musicalmente

magníficos. Contudo, o cenário, a movimentação e a atuação dos cantores no palco, o lado teatral, era pobre e sem vida. Graf relata que, quando iniciou sua carreira profissional, a função de diretor de cena, “quase não existia”, quem dirigia o espetáculo eram os regentes de orquestra. Muitas vezes havia a figura do encenador, mas seu papel era secundário e seu poder muito limitado. Continua Graf: “[...] na maior parte das vezes nos contentávamos em fechar os olhos e imaginar produções ideais” (GRAF; RIZZO, 2008, p. 3).

Há certo exagero em afirmar que Herbert teria sido o criador do diretor de cena para os espetáculos operísticos. Mas sua carreira brilhante e diversificada pelas mais diversas casas de ópera e em grandes metrópoles, sem dúvida, tornou respeitável e necessária a figura do diretor cenográfico. Função para a qual tinha uma meta bem definida:

Sempre achei que o diretor de cena é o “homem invisível” da ópera, ou deveria ser. A própria natureza deste trabalho é ficar nos bastidores e deixar a luz se projete sobre a própria obra em si (GRAF; RIZZO, 2008, p. 23).

Para realizar seu sonho, Herbert Graf passou por dois eixos tríplices complementares em sua formação. Compondo o item inicial do primeiro eixo, a própria presença de seu pai Max Graf, que foi descrito em seu obituario no *New York Times* como: “decano dos críticos musicais de Viena na primeira metade do século XX” (WIKIPEDIA, 2022). Max Graf também foi o autor de dez ou mais livros e inúmeros artigos sobre música e, devido ao seu exílio durante o nazismo, por ser judeu, professor em Nova York da *New School for Social Research*, prestigiadíssima instituição, onde, mais tarde, também lecionaram Hanna Arendt e Erich Fromm.

Segundo relato de Max Graf, desde os dois anos de idade, o pequeno Herbert também cantava. O que culminou por estreitar no mundo da ópera como cantor em 1925, aos

22 anos (SOTOMAYOR, 2017). Neste segundo item, através do próprio canto, a experiência musical do pequeno Hans e do grande Herbert era também a de ele mesmo como criador de música. Sua maior influência e identificação parece ser com o pai, quem mais destaca nos relatos de Freud. Mas também deve ter ocorrido muita com sua mãe, pouco mencionada por Freud, em parte pelas questões éticas de ter sido sua paciente.

Um terceiro item desdobrava-se a partir de seu núcleo familiar. Conta o próprio Hans na entrevista a Rizzo:

Gustav Mahler,<sup>1</sup> meu padrinho, era um hóspede frequente em nossa casa em Hietzing. Lembro-me de Oscar Kokoschka e também do arquiteto Adolf Loos. Depois vieram Richard Strauss e Arnold Schoenberg, cuja importância meu pai foi um dos primeiros a reconhecer. Um dos meus colegas de escola era Raimund von Hofmannsthal. Outra figura familiar, embora remota, era um vizinho que eu via quase diariamente a caminho da escola, um homem alto e aristocrático que chamávamos de “Oscar Wilde”. Só mais tarde soubemos que seu nome verdadeiro era Alban Berg (GRAF; RIZZO, 2008, p. 4).

O outro eixo tríplice iniciou-se quando, ainda adolescente, durante a Primeira Guerra Mundial, Herbert foi enviado a Berlim, para passar as férias com sua tia. Max Graf recomendou seu filho a um amigo, Arthur Kahane, que trabalhava para Max Reihardt, produtor e diretor de teatro que se tornara famoso por suas grandes produções, vindo a abarcar também o cinema. Conta Herbert décadas depois:

1. Gustav Mahler, Richard Strauss, Arnold Schoenberg e Alban Berg, principais compositores austríacos e alemão (Strauss) da primeira metade do século XX. Oscar Kokoschka, famoso pintor expressionista e escritor austríaco. Raimund von Hoffmannsthal, três anos mais novo que Herbert Graf, era filho de Hugo von Hoffmannsthal, célebre escritor e dramaturgo austríaco.

Max Reinhardt era diretor de nada menos que três teatros em Berlim, cada um encenando uma produção brilhante atrás da outra. [...] Senti que era minha missão fazer pela ópera, o que Reinhardt fizera pelo teatro (GRAF; RIZZO, 2008, p. 4).

Iniciado seu aprendizado sobre a direção de espetáculos, Herbert passou também a aprofundar o estudo da música, o segundo item deste outro eixo. Mas continuou o aprendizado iniciado com Reinhardt, com o curso de Alfred Roller sobre cenografia na *Escola de Artes e Ofícios de Viena*, que complementou como um terceiro item deste eixo, o estudo de canto na Academia de Música e Performances Artísticas de Viena, e de piano e teoria musical no Instituto de Musicologia da Universidade de Viena. Em 1925 defende sua tese de doutorado intitulada *Richard Wagner, diretor cênico* (GRAF; RIZZO, 2008, p. 4-5).

Herbert Graf realizou seu desejo profissional. Mal terminou os estudos, deixou Viena, cujo conservadorismo lhe parecia uma trave ao seu desejo de inovação. Já em fevereiro de 1930 dirigiu na Casa de Ópera de Frankfurt a estreia da ópera *Von heute auf morgen* [*De hoje até amanhã*, também traduzido como *De um dia ao outro*], obra dodecafônica de Schoenberg. A partir de 1930 até seu falecimento quarenta e três anos depois, dirigiu espetáculos nas mais famosas casas de ópera da Europa e Estados Unidos. Citando apenas as principais: na *Royal Opera House*, o *Covent Garden* de Londres, no *Metropolitan Opera* de Nova York, várias óperas para o Festival de Salzburgo, muitas na Itália, no *La Scala* de Milão, mas principalmente em Florença, “meu primeiro e favorito lar italiano”.

Contudo, onde mais tempo permaneceu foi em Nova York no *Metropolitan Opera* (1936-1960). Apesar disso, Graf também aceitava ocasionais trabalhos na Europa, para onde retornou definitivamente em 1960. Estabeleceu-se na Suíça, trabalhando na Ópera de Zurique (1960-1963) e no *Grand Théâtre*

de Genebra (1965-1973). Ao longo de sua carreira trabalhou com famosos regentes: Bruno Walter, Arturo Toscanini, Karl Böhm, entre outros. E com famosas cantoras de ópera, tais como Elisabeth Schwarzkopf, Maria Callas e Teresa Berganza.

### Os Graf: Max e Herbert

Herbert nutria profunda admiração por seu pai. Indagado se ele o teria incentivado, Herbert responde:

Como era típico dele, ele não me empurrou nem me impediu. Embora suas finanças não estivessem indo muito bem, ele me forneceu os meios para me preparar para a carreira que escolhi (GRAF; RIZZO, 2008, p. 23).

Apesar do vasto conhecimento e a produção literária de Max Graf tenham sido sobre a música, devemos lembrar que, quase desde seu início, fora convidado a participar do primeiro grupo criado por Freud, ao final de 1902 – a Sociedade Psicológica das Quartas-feiras. Nela permaneceu ativamente até sua dissolução em 1908, quando Freud a substituiu pela primeira instituição psicanalítica formal: a Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual Max Graf tornou-se membro. Mas em pouco tempo começou a afastar-se. “Na lista de membros da Sociedade Psicanalítica de Viena de outubro de 1913, seu nome está riscado” (MIJOLLA, 2005, p. 833).

Em alguma data incerta entre 1904 e 1906, Freud escreveu um texto curto sobre um tema, para seu grupo, até então inesperado: *Personagens psicopáticos no palco* [*Psychopatische Personen auf der Bühne*]. Freud entregou a Max Graf o manuscrito. Esse texto em alemão nunca foi publicado em vida pelo próprio Freud. Graf guardara o manuscrito e em 1942 o entregou para publicação na *Psychoanalytic Quarterly*. Hoje está nas edições completas ou incompletas das obras de Freud. Infelizmente não existem registros dos encontros das quartas-feiras entre 1902 e a maior parte de 1906 (CHECCHIA, 2015,



p. 12). Mas tudo indica que o primeiro momento em que Freud vai além das questões clínicas e psicológicas e se lança à psicanálise da arte, deveu-se a uma apresentação e/ou diálogo com Max Graf.

Em dezembro de 1907, na Sociedade das Quartas-feiras, Max Graf fez uma exposição sobre o tema *A metodologia da psicologia do poeta* [Methodik der Dichter Psychologie] (CHECCHIA, 2015, p. 381-395). Que influenciou Freud a escrever e publicar em 1908 outro texto: *O poeta e o fantasiar*. Alguns anos mais Max Graf aplicou a psicanálise para estudos sobre música, que se saiba o primeiro a fazê-lo: Richard Wagner em *Fliegenden Holländer: ein Beitrag zur Psychologie künstlerischen Schaffens* [O holandês voador:<sup>2</sup> uma contribuição para a psicologia da criação artística], livro publicado em Leipzig e Viena, por Franz Deuticke em 1911.

A participação de Max Graf no Grupo das Quartas-feiras e na nascente Sociedade Psicanalítica de Viena, bem como o diálogo, também por escrito, entre ele e Freud, era outro eixo de seu interesse profissional. O tratamento da fobia de seu filho, com a supervisão de Freud, o coloca como o primeiro psicanalista de crianças. O vasto conhecimento musical e interesses correlatos do pai facilitaram muito a mistura feita por seu filho Herbert dos vários tipos de saberes e fazeres, o que em muito lembra a polimatia de Freud.

O que o pai da psicanálise e o pai de Hans deixaram de contar em *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, é

[...] que Freud, que se associava aos festejos familiares dos Graf, levou para o pequeno Hans, de presente por seu terceiro aniversário, um... cavalo de balanço (ROUDINESCO, 1998, p. 311).

2. Mais conhecido como *O navio fantasma*.

### Os encontros do Dr. Herbert Graf com Deus e o filósofo grego barbudo

Em 1922 Freud acrescentou um pós-escrito à *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, texto mais conhecido como *O Pequeno Hans*, originalmente, publicado em 1909. Freud havia reencontrado o ex-pequeno Hans. Mas era desconhecida a versão do próprio Hans, isto é, de Herbert Graf. Somente em entrevista dada para a publicação *Opera News* em 1972, pouco mais de um ano antes de falecer, é que hoje temos seu relato.

Quando o interlocutor o indaga sobre a participação de seu pai Max Graf no círculo que veio a ser conhecido como Grupo das Quartas-Feiras, Herbert brevemente descreve sua neurose fóbica aos cinco anos e seu pai como o primeiro a aplicar a técnica psicanalítica a uma neurose infantil. Mas toda essa experiência da primeira infância fora esquecida.

Somente aos dezenove anos, quando da separação definitiva de seus pais e ao folhear os livros de Max Graf, Herbert começara a rememorar sua história da primeira infância.

Não me lembrava de nada disso até anos depois, quando me deparei com um artigo no escritório de meu pai e reconheci alguns dos nomes e lugares que Freud não modificara. Num estado de grande excitação, fui procurar o grande médico em seu consultório na Berggasse e me apresentei como “pequeno Hans”. Atrás de sua mesa, Freud parecia um desses bustos de filósofos gregos barbudos que eu havia visto na escola. Ele se levantou e me abraçou afetuosamente, dizendo que não podia esperar uma melhor comprovação de suas teorias do que o jovem de dezenove anos feliz e saudável que eu me tornara. (GRAF; RIZZO, 2008, p. 20).

Temos aqui a origem do pós-escrito adicionado por Freud em 1922.

Herbert age ao contrário de seu pai, que durante mais de uma década, algo entre 1910 e 1912, se afastara de Freud. Em parte, por

achar o grupo inicial da psicanálise cada vez mais sectário. Mas Max Graf em parte também se afastara de Freud para não dificultar ainda mais seu problemático casamento. Olga Hönig, nome real da mãe de Herbert, fora paciente de Freud antes de se casarem. Grave histérica e com sintomas obsessivos, ao longo dos anos desenvolveu uma crescente transferência negativa com seu antigo terapeuta. Embora ela não fizesse parte do Grupo das Quartas-Feiras, acompanhava o desenvolvimento da psicanálise e tornou-se adepta de Adler, indo ainda mais contra Freud.

Antes do casamento, Max já era conhecedor de Olga Hönig ser paciente de Freud e da gravidade de seus sintomas. Mais além, Max indagou a Freud se deveria se casar com ela. E o mestre afirmou que sim (GUELLER, 2016, p. 226). Max e Olga casaram-se em 1898. O nome de Freud já circulava pela família Graf muito antes de Herbert nascer. E continuou circulando na família Graf muito depois de terminar o caso clínico do Pequeno Hans.

O relato de Herbert ao *Opera News* em 1972 suscita algumas considerações. Todas as vivências relatadas por Freud em *O Pequeno Hans*, aos 19 anos tinham submergido ao inconsciente de Herbert. O que corrobora o efeito terapêutico de sua análise. Foi Herbert quem procurou Freud e não se apresentou com seu nome verdadeiro, mas efusivamente como *O Pequeno Hans*. Uma transferência não totalmente resolvida, como todas, mas de lembrança muito feliz.

Apesar disso, no relato de Freud sobre o caso clínico, na primeira infância Herbert só teria visto pessoalmente Freud uma única vez, algo hoje questionável a partir das informações acima sobre as idas de Freud a casa dos Grafs, muito mais foi transmitido, consciente ou inconscientemente, ao menino do que consta no texto freudiano. Na segunda parte do texto freudiano *História clínica análise* referente ao relato do pai de Hans, do próprio e das intervenções, Freud ([1909] 2021, p. 273-274) termina descrevendo a re-

solução edípica do pequeno Hans. Descreve e comenta no texto um diálogo de Hans com seu pai:

[...]

30 de abril. Como Hans está novamente brincando com seus filhos imaginários, falo para ele: Por que é que os seus filhos ainda estão vivos? Você sabe muito bem que um menino não pode ter filhos.

Hans: Eu sei. Antes eu era a mãezinha, *agora sou o papaizinho*.

Eu: E quem é a mãezinha das crianças?

Hans: Ora, a mamãe, e você é o *vovó*.

Eu: Portanto, você quer ser tão grande quanto eu, ser casado com a mãezinha, e depois ter filhos.

Hans: Sim, isso é que eu gostaria, e aquela lá de Lainz (minha mãe [avó de Hans]) é então a *vovó*.

Tudo termina bem. O pequeno Édipo encontrou uma solução mais feliz do que a que fora prescrita pelo destino. Em vez de eliminar seu pai, concede-lhe a mesma felicidade que exige para si: nomeia-o avô e casa-o com a própria mãe.

A solução edípica do pequeno Hans, é a de que, se seu pai se casar com sua própria mãe – sua avó – ele poderia ficar com sua mãe. Mas também podemos ter aí a indicação de que o avô não era apenas o pai de Max, mas transferencialmente também Freud. E como já havia dito Hans a seu pai, quando do caminho de volta a sua casa, após Max levá-lo a visitar Freud: “O professor fala com o querido Deus pra poder ficar sabendo de tudo antes?” (FREUD, [1909] 2021, p. 212).

Na terceira idade, ao ser entrevistado para o *Opera News*, o ex-pequeno Hans, então o grande Dr. Herbert Graf, hoje verbete de enciclopédias de ópera, aparentemente sem maiores vínculos religiosos, repaginou a imagem paternal de Freud, comparada a Deus, para somente “um filósofo grego barbudo”. Comparação que, se vivo, agradaria muito mais a Freud.

Contudo, a história é mais complicada. Josef Graf, avô paterno do pequeno Hans, [...] falecera em 3 de junho de 1908, exatamente um mês depois da data 2 de maio, registrada por Freud como o momento de conclusão do tratamento psicanalítico que Max realizou com seu filho. Podemos deduzir que os cinco meses em que o pequeno Hans apresentou os sintomas fóbicos coincidiram com a doença e final da vida desse avô paterno que, ao perecer, resultou bastante conflitivo “interiormente” na história de Max Graf. Sua avó, Regina Lederer, [...] no relato freudiano, é conhecida como “a avó de Lainz”, aquela que Hans e seu pai visitavam todos os domingos. Regina faleceu em 27 de novembro de 1909, data casualmente coincidente com o ano da publicação do texto de Freud que relataria a fobia por cavalos de seu neto (SANTOS, 2019, p. 31).

Segundo o relato de Max Graf, seu próprio pai, Josef Graf, era um analista político violento e temperamental. Na entrevista concedida, a Kurt Eissler em 1952 (EISSLER, 2008), Max Graf não hesita em dizer abertamente, e a uma pergunta expressa, que tinha medo dele, que seu método educacional consistia em espancamentos e no grande medo que tinha de ser espancado por ele.

Nós nos perguntamos – embora sempre especulando por que não temos outra escolha – se este “bom pai” Max Graf não queria evitar para seu pequeno Hans/Herbert ser aquele pai terrível que ele quando criança ele tanto temera [...] se não obedeceria a um fantasia para consertar em seu filho, aquilo que nele marcara sua própria infância. O desejo é o desejo do outro. Não encontrou Max na relação com o filho sua própria mensagem de forma invertida? (SOTOMAYOR, 2017, tradução nossa).

Max Graf pediu conselho a Freud – como se perguntaria a um pai – sobre a possibilidade de seu casamento. O conselho “casar” não deu certo. Anos mais tarde, Max foi vê-lo

novamente para contar que a vida sexual do casal não ia bem: “[...] em suma, [...] fui ver o professor Freud: “Sr. Professor, esse casamento não está funcionando!” (SOTOMAYOR, 2017, tradução nossa). Freud ficou surpreso e o aconselhou a ter um filho, e desse conselho nasceu Herbert, o pequeno Hans. Max resumiu para a entrevista o final da história:

Achei que as crianças provavelmente poderiam mudar a situação, mas não foi assim. Eu agüentei dezoito anos e meio neste casamento, no entanto, até as crianças se tornarem grandes o suficiente para eu sair tranquilamente, sem perturbar muito o seu desenvolvimento (SOTOMAYOR, 2017, tradução nossa).

Max obedeceu a Freud, não assumindo sua própria autoridade diante da situação. Freud também possui muito da imago inconsciente do real pai de Max. E sem essa intervenção nada neutra de Freud, o Pequeno Hans talvez não tivesse existido. Para o pequeno Hans, Freud realmente teria agido como Deus.

E teria o pequeno Hans criado ou fundido as imagos de dois avós em sua resolução edípica? Além da supervisão direta no caso clínico do pequeno Hans, os anos de proximidade entre Max Graf e Freud poderiam ter mesclado para Hans seu avô biológico com a imago que o próprio Max Graf teria do criador da psicanálise como um pai bom? O qual acabou decepcionando Max, que se afastou de Freud e de frequentar a Sociedade Psicanalítica de Viena. E quais as fantasias feitas por Hans a partir do cavalo de balanço dado de presente por Freud aos três anos? Estamos ainda seis a sete anos antes da publicação de *Totem e tabu*. Mas há um animal totêmico livremente circulando entre os Grafes e Freud.

O episódio do reencontro final de Hans com Freud é relatado pelos dois protagonistas como muito feliz. O que também se reflete no pós-escrito adicionado por Freud ao caso clínico. E a guarda por quase quatro décadas do manuscrito de Freud por Max,

pode ser interpretada como a retenção de um bom objeto e lembrança de tempos mais felizes de uma relação. Que se torna realmente internalizada quando Max traduz e depois entrega o manuscrito para a comunidade psicanalítica.

Herbert sempre manteve um relacionamento muito bom com Max e, depois da morte de seu pai, uma bela lembrança dele. Todo o seu percurso profissional o fazia se sentir digno herdeiro. O sucesso que tivera demonstra que as identificações em torno da música não eram predominantemente neuróticas, mas sublimadas. O percurso foi através do mesmo objeto – a música – mas Herbert o fez de modo muito criativo e diferente do que seu pai fizera.

### **Hans: bobagem e tumulto, com direito ao charivari de Lacan**

Dois palavras alemãs aparecem com muita frequência em *História clínica e análise*, segunda parte da *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos: Dummheit* [bobagem] e *Krawall* [tumulto, rebelião]. Deve-se tomar cuidado com as traduções brasileiras, que algumas vezes traduzem o mesmo termo da língua alemã com palavras diferentes. “Bobagem” foi inserida no vocabulário de Hans pelo próprio Freud.

Combinei com o pai de Hans que ele diria ao menino que tudo aquilo relacionado com cavalos não passava de uma bobagem [*eine Dummheit*] e nada mais (FREUD, [1909] 1978, p. 28, tradução nossa cotejada com o texto em alemão).

Não se trata de uma interpretação, mas o comentário de um Freud ainda tateando a clínica, ao inserir um termo que tende a desvalorizar a vivência do sintoma. Hans imediatamente incorporou o significante. A repetição quinze vezes ao longo do caso clínico demonstrou que a “bobagem” era nada menos que o núcleo de seus sintomas. Apesar de o menino ter adotado o termo sem

correlacioná-lo com algum significado mais abrangente, em pouco tempo Freud contornou sua inserção do significante e interpretou o complexo edípico de Hans. Contudo, a resistência como sintoma do analista continuaria através de outra manifestação.

A outra palavra alemã – *Krawall* – que também pode ser traduzida como “barulhão” ou “motim”, é repetida vinte e três vezes no caso clínico do Pequeno Hans (FREUD, 2022). A própria repetição demonstra a importância desse significante. Inclusive porque desta vez foi inserido pelo próprio Hans, no diálogo com seu pai, quando este indaga por que ele está tão assustado:

[...]

Eu: Mas a bobagem [*Dummheit*] foi que você pensava que um cavalo ia mordê-lo. E agora você me diz que tinha medo de um cavalo cair.

Hans: Cair ou morder.

Eu: Por que você levou o susto?

Hans: Porque o cavalo fez assim com as patas. (Ele se deitou no chão e me mostrou como o cavalo agitava as patas pelos lados.) Levei um susto *porque ele fez um barulhão* [*Krawall*] com as patas.

(FREUD, 1978, p. 50, itálico em português próprio do texto original em inglês, palavras em alemão foram adicionadas pelo autor a partir do original em alemão, FREUD, 2022).

O “tumulto” condensa tanto o desejo de Hans de que o animal caísse, e possivelmente morresse ou fraturasse uma perna ou pata, tendo de ser sacrificado. Destino dos cavalos, principalmente daqueles de raça barata e usados para transporte de cargas. Quanto ao morder, e possivelmente arrancar o “pipi” do Pequeno Hans, a vingança e punição que lhe seria infligida pelo cavalo. Édipo completo condensados em uma imagem, uma frase e uma advertência prévia da lei totêmica: o barulhão o provocado pelas patas do cavalo.

Lacan ([1956-1957] 1994), ao discorrer sobre o caso do Pequeno Hans, no *Seminário 4 – A relação de objeto*, acrescenta um curioso significativo – charivari – palavra francesa que também existe em português (FERREIRA, 1990, p. 392).

É singular que Freud não se coloque a questão de saber o charivari, o tumulto, *Krawall*,<sup>3</sup> que é um dos temores que a criança experimenta diante do cavalo, não está em relação com o orgasmo, até mesmo com um orgasmo que não seria o seu. Quanto a saber se ele não teria percebido uma cena entre os pais, Freud admite com muita facilidade a afirmação dada por estes, de que nada poderia ter sido entrevisto pela criança. Este é um pequeno enigma de que teremos a solução certa (LACAN, [1956-1957] 1994, p. 259).

Charivari é sinônimo de balbúrdia, gritaria, desordem, discussão acalorada misturada com gritos, música discordante (figurado), entre outros termos menos comuns. (DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS, 2022). Charivari amplia os sentidos de *Krawall*. Além dos significados acima enumerados, além de algo inquietante e angustiante, pode chegar a ser utilizado na Áustria “para designar um escândalo” (LACAN, [1956-1957] 1994, p. 287). Freud pesquisa pela cena primária de Hans.

Ao final da história clínica e o relato solução criada por Hans para superar sua neurose, Max Graf envia a Freud uma lista de informações solicitadas. Duas nos chamaram mais a atenção:

3) Hans estava com cerca de 4 anos quando ganhou um quarto separado de nosso dormitório. [...]<sup>4</sup>

6) [...] não disponho de nenhuma prova direta de que ele, como o senhor pensa, teria espionado o coito dos pais (FREUD, 2021, p. 277-278).

As respostas de Max sobre a pesquisa de Freud a respeito de uma cena primária concreta configuram uma típica negação. Em muitos aspectos, Graf pai era um homem além da mentalidade convencional do início do século XX. Recalcara bem menos que a maioria dos pais de sua época. O relato do caso clínico de seu filho fora a tentativa da comprovação de muitos itens dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Max seguramente o lera. Contudo, mais do que um recalque maciço, que gasta muita pulsão, muito mais simples e econômico um escotoma: uma lacuna na percepção ou compreensão de alguma situação. O que surpreende foi Freud, na terceira parte da *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, ter rápida e facilmente concordado com a negação de Max Graf:

O pai não foi capaz de confirmar minha suposição de que tivesse se ativado na criança alguma reminiscência de uma relação sexual dos pais no dormitório. Contentemo-nos, pois, com aquilo que conseguimos colher (FREUD, [1909] 2021, p. 313).

Nomear Max Graf como o primeiro analista de crianças pode ter sido um pouco de exagero. Mas no caso de Freud um escotoma possui uma designação mais forte na clínica: ponto cego. Ironiza Vivès (2011, p. 49): “Como se vê, mesmo os espíritos vienenses mais esclarecidos tinham de lidar com alguns pontos cegos [...]”.

Quanto à imagem do cavalo, a associação mais imediata e simples é a de que se trata de um representante da figura paterna: grande, musculoso e dotado de um vistoso pênis. Na realidade, a leitura cuidadosa do texto freudiano é possível obter uma interpretação mais complicada. Ainda na *Introdução* Freud

3. Em alemão e itálico no texto original em francês.

4. Sua irmã Hanna nascera quando ele tinha três anos e meio. Portanto, ainda permanecera mais uns seis meses no quarto dos pais.

([1909] 1978, p. 9-10, tradução nossa) descreve:

Noutra ocasião, ele estava olhando atentamente sua mãe despida, antes de ir para a cama.

Mãe: Por que você está olhando para mim desse modo? ela perguntou.

Hans: Eu só estava olhando para ver se você também tem um pipi.

Mãe: Claro. Você não sabia?

Hans: Não. Pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo.

(Tradução nossa).

Estabelecer a diferença sexual tornara-se um grande desafio para Hans. Além do enigma de qual teria sido a função de seu pai para sua existência e a de sua irmãzinha. Graças à flexibilidade e à ambiguidade de cadeias associativas, também teria de ser feita por Hans a descoberta de que a gestação pode realizar-se em apenas cerca de metade dos seres humanos.

Apesar de sua defesa da bissexualidade, Freud privilegiou o pênis e sua inveja como protótipo para ambos os sexos. Só duas décadas mais tarde proporá uma teoria e clínica um pouco mais equalitárias para ambos os sexos. Além do ponto cego revelado pela incapacidade de interpretar a cena primária nos relatos de Hans, também parece não ter visto que a imagem do cavalo pode interpretativamente ser mais complexa.

Em ambos os sexos, cavalos possuem vistosas nádegas e ventre. Na espécie humana ambas mais associadas ao feminino. Para leigos, a gravidez de uma égua pode passar despercebida. Tendo ainda o complicador que provavelmente muitos dos cavalos de carga e transporte na Viena de 1900 eram machos castrados. Vários complicadores para um menino como Hans usar em suas pesquisas sobre a diferença sexual. Ou, por isso mesmo, serem os equinos um bom representante para fantasias bissexuais ou hermafroditas.

Apesar de tão inteligentes e afetivos quanto seus primos caninos, éguas e cavalos não são educáveis quanto ao controle das fezes. Úteis para uma vingança fantasista de crianças impostas à educação anal. Sobre a enorme boca dos equinos morder ou arrancar seu *pipi*, Hans repetidamente deixou sua descrição do pior medo infantil. Não à toa a bobagem [*Dummheit*] e o barulhão [*Krawall*] da constelação edípica de Hans foram projetados no cavalo. E temos de concordar com Lacan que ambas foram muito ampliadas pela consistência das cenas primárias, negadas por Max, um pouco menos por Freud, mas presenciadas por Hans.

Na terceira e última parte da *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, cuja tradução correta do título em português é *Epicrise*, Freud questiona seu próprio ponto cego. Medita dialogando com o leitor:

[...] Talvez o medo do “barulho feito com as pernas [*Krawallmachen*] pudesse ter sido usado para preencher lacunas na nossa produção de evidências. É verdade que Hans declarou lembrar-se do barulho feito com as pernas [*Krawallmachen*] sempre que o obrigavam a interromper sua brincadeira para ir fazer *Lumpf*, de modo que esse elemento da neurose vem se associar ao problema de saber se a mamãe gostava de ter filhos ou se o fazia de maneira forçada, mas não fiquei com a impressão de que, com isso, esteja posto todo o esclarecimento do “barulho feito com as pernas” [*Krawallmachen*]. O pai não foi capaz de confirmar minha suposição de que se tivesse ativado na criança alguma reminiscência de uma relação sexual dos pais no dormitório. Contentemo-nos, pois, com aquilo que conseguimos colher. (FREUD, 2021, p. 313, os termos entre colchetes e em alemão foram acrescentados por nós.)

### Ópera: a arte da cena primária

Freud também trouxe à tona um item essencial da sexualidade infantil: a cena primária. Ver ou fantasiar ter visto o ato sexual

dos pais. O olhar emerge da pulsão escópica, que vai além, a fantasia que configura o que está além do olhar. Mas os olhos podem ser voluntariamente fechados. A cena primária pode se associar a outras pulsões além de qualquer controle intencional.

Apesar de residir em uma capital que era um dos grandes centros musicais europeus, Freud não era grande apreciador desta arte. Max Graf foi o primeiro a aplicar uma psicologia psicanalítica à compreensão da música. Contudo, o grande avanço de uma psicanálise da música ocorreu muitas décadas mais tarde, através de um referencial laciano. No *Seminário 11* é mencionado que o ouvido é o único orifício que não podemos fechar e mencionada a pulsão invocante, “a mais próxima da experiência do inconsciente” (LACAN, [1964] 1998, p. 102).

O bebê nasce imerso num universo sonoro de sons e palavras de todos que o cercam. Que em muitos momentos dirigem-se diretamente ao bebê. Seja por quem o amamenta, limpa, embala, apazigua, brinca ou o faz dormir. Desde simples sons, passando por cantigas até palavras e frases. Além de invocante, também pode ser designada pulsão vociferante. Desde o ritmo da fala, passando pela cantiga de ninar e outros cantos, indo aos gritos de surpresa ou recriminação, ou aos sons e vocalizações dos atos sexuais dos pais. Mas a todas as invocações, seja de que modo for, respondem os bebês.

Nos alvoroços de vozes mais altas, podemos incluir o *Krawall*. Expressões do êxtase sexual humano, mais associado ao feminino. Pelo recalque projetado nos barulhos das pernas dos cavalos, não apenas ao tropeçar e cair, mas também em marchas ritmadas, dois momentos do ato sexual. Sintoma simplificado por Freud com rótulo de *Dummheit*. Lacan ampliou com os significados de *Krawall* e com os de charivari, que vão de gritos à música discordante.

Ao longo do caso clínico do Pequeno Hans há várias referências a uma mancha preta que Max Graf e Freud não conseguem

claramente identificar do que se trata: se o bigode de Max, tiras de couro dos arreios nas bocas de cavalos, um ferro, fezes [*Lumpf*], uma calça, olhos, cabelos. Seja qual a origem do sintoma, retornamos ao domínio da pulsão escópica.

Interpreta Vivès, psicanalista que além da música, tal qual Alain Didier-Weil, procura também a psicanálise do canto.

A mancha preta protegeria contra a mordida e esconderia “a Coisa inatingível da mãe”. A mancha preta é, portanto, o que protege ao apontar o abismo que o feminino abre. Essa mancha tem a função não de esconder o sexo, mas de esconder a castração materna (VIVÈS, 2011, p. 49, tradução nossa).

Por meio de seus sintomas, Hans conciliou ambas as pulsões, escópica e invocante, da cena primária. Porém, mais do que o sintoma de uma neurose infantil, Hans redescobriu um dos mecanismos, ou o mecanismo, que há séculos através música unem o canto e o som de instrumentos com a imagem visual de uma paisagem ou o interior de um ambiente.

Com efeito, inventar a encenação da ópera equivale a deixar-se dividir e a dividir o espectador por uma colocação em jogo muito particular da pulsão escópica e da pulsão invocante na relação com o significante: no mesmo instante escutar o significante tem precedência sobre a voz e o olhar. Veremos mais adiante que, aliás, uma sutil dialética de voz e olhar se estabelece nesse dispositivo (VIVÈS, 2011, p. 45, tradução nossa).

Na terceira parte do Pequeno Hans – Epícrise – Freud relata que o menino, aos quatro anos e nove meses, passara a ter sintomas consequentes de uma onda de recalçamento. Por exemplo, passa a se abster da masturbação ou ter nojo de tudo que lembre excrementos. Mas agora, com pouco mais de cinco anos, não há mais sintomas fóbicos ou

relacionados a cavalos. Freud também relata que, apesar desse recalque, bem antes já surgira em Hans uma ponta de sublimação. Na realidade, desde o início de seu estado de medo, aos três anos, “demonstra um interesse cada vez mais intenso por música e desenvolve seu talento musical hereditário” (FREUD, [1909] 2021, p. 316).

Coloquemos em desuso o termo “hereditário” e pensemos em um intenso processo identificatório de Hans com o pai, do qual a música foi um, senão o maior, dos elos. O que muito facilitou a predominância do vínculo amoroso sobre o lado usual da ambivalência e hostilidade do filho contra o pai. Segundo o relato de Max Graf, aos dois anos, bem antes dos sintomas neuróticos, Hans já cantava (EISSLER, 2008). Uma das evidências de que teria surgido o início de deslocamentos sublimatórios.

A cena primária é universal em crianças de ambos os sexos. Tanto no modo concreto de ver o ato sexual dos pais, quanto apenas indiretamente inferi-lo. Trata-se de uma fantasia primeva, que nada precisa da justificativa biológica de memórias hereditárias, mas da consequência de fantasias edípicas que têm sua origem nas pulsões universais, em qualquer ser humano desde o nascimento.

Contudo, a permanência de Hans no quarto dos pais até os quatro anos, foi a principal origem dos sintomas neuróticos relatados em *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Sintomas que não surgiram imediatamente, mas tiveram um tempo de latência. A falta da estimulação externa e concreta das pulsões invocante e escópica, associada à inveja e aos ciúmes de que sua irmãzinha, que provavelmente permanecera no quarto dos pais, acabariam por desfazer o equilíbrio prazeroso mas precário de espectador contumaz da cena primária. Hans deve ter sido tomado pela agressividade ou, mais precisamente, pela pulsão de morte. Como forma de proteção ao lado amoroso dos investimentos em seus pais, ocorreu uma cisão, na qual som, voz e imagem foram

recalcadas e projetadas no meio ambiente, principalmente nos cavalos, que retaliariam castrando-o.

Com todas as vicissitudes do trabalho analítico de Max Graf, orientado por Freud, o “tratamento” teve êxito. O diálogo entre pai e filho, cada vez mais recoberto por ambos de afeto amoroso, foi aos poucos metamorfoseando as vivências concretas da cena primária, agora recalçadas e projetadas em sintomas, em palavras. Do real e imaginário ao simbólico.

Em *Análise precoce*, Klein (1975, p. 86-89) comenta que o sucesso da sublimação se funda em fixações precoces que não devem ter sofrido um recalque muito cedo, o que impediria a possibilidade de seu desenvolvimento em formas mais complexas e que fossem assimiladas ao eu. Se o recalque for precoce, as características diretamente sexuais da pulsão não serão sublimadas e se tornarão sintomas neuróticos, o que inicialmente ocorreu a Hans, mas desenvolveu-se em algo muito mais rico. Segundo Klein (1975, p. 87), também parece ser um dos dons da libido a capacidade de se manter em um estado de suspensão, de tal modo que possa ser deslocada para caminhos mais sutis e não condensada como em sintomas histéricos. O deslocamento permite a transformação das pulsões, domesticando também a pulsão de morte.

Quando se fala em fixações muito precoces assimiladas ao eu, pensamos em outro tipo que as neuroses transferênciais, as neuroses de caráter. O que talvez ocorra em muitos, ou até a maioria das vezes, em casos de exposição a cena primária. A alta frequência que na clínica social do CBP-RJ e na clínica particular, descortinou a frequência do abuso sexual infantil e de vários tipos de incesto pode ter aí uma de suas principais causas.

Mas é possível que muitas vezes, compensada por uma relação próxima e predominantemente amorosa, como a entre Graf's pai e filho, em vez de uma fixação ego sintônica perversa da cena primária, ocorra uma outra, ego sintônica, capaz de sublimação. Tã-



natos tenderia a fixação pétreia e pobre. Eros a uma fixação fluida e capaz de permanente metamorfose. Facilitadora das características descobertas por Freud sobre o funcionamento do processo primário: deslocamento e condensação, seguindo por infinitas associações inconscientes.

Talvez aqui também esteja uma das interpretações para um componente essencial à música quando sublimado: o ritmo. Que já foi interpretado como sendo tanto uma rememoração dos batimentos cardíacos da mãe escutados pelo feto e pelo bebê, quanto associado à ritmicidade do ato sexual. Mas acima de tudo trata-se de repetição. Aquela em que Eros se sobrepõe a, domesticando Tãtatos, sem negar o que todo sexual também possui de pulsão de morte. A conclusão da cena primária, quando satisfatória, usualmente é expressa por certas expressões sonoras de júbilo, mais associadas ao feminino.

Max Graf não só consultou Freud se deveria casar com Olga Hönig. Várias vezes depois informou Freud que a união era problemática. A fase dos aconselhamentos teve seu ápice com a indicação de Freud de que o nascimento de um filho poderia ajudar. Muitos anos mais tarde, nas entrevistas acima mencionadas, além de se afastar de Freud, Max relata que durante bom tempo apenas aguardara os filhos estarem suficientemente grandes para finalizar sua união com Olga. Além dos componentes sublimados através da música, é interpretável que entre Max e Herbert também houvesse inconscientemente um pacto perverso. Que da parte de Hans também seria uma vingança por sua mãe nunca ter acedido aos seus desejos edípicos. Como todo menino, o desejo não era o de que a cena primária permanecesse apenas uma cena. O bem-sucedido trajeto profissional de Herbert não deixou de inconscientemente satisfazer seu lado edípico vingativo. Descreve Vivès (2021, p. 50):

Na ópera, a figura d'A Mulher se consumindo no palco é cena recorrente. [...] É, de fato,

uma banalidade dizer que a ópera associa regularmente o feminino e a morte. Ao cantar, A mulher, principalmente se for soprano [...] aproxima-se perigosamente do lado da morte e é regularmente sacrificada no altar do belo canto. [...] Não a chamamos de Diva? Na morte seu canto se torna mais agudo, sua voz roça o grito e, algumas vezes, o alcança (Tradução nossa).

## Conclusão

### – Assim como o maestro conduz a música, o diretor de cena conduz a vida no palco

Tal como definiu Herbert, o diretor de cena é o “homem invisível” da ópera, ou deveria ser. A natureza de sua ocupação é ficar nos bastidores e deixar a luz brilhar sobre o espetáculo. Ou, em uma interpretação psicanalítica: a criança que se torna espectadora contumaz da cena primária aprendeu com a experiência que deve permanecer absolutamente quieta, até fingir que está dormindo. Para essa microplateia, suas pulsões escópica e invocante precisam ser apassivadas ao máximo possível. Toda satisfação de necessidades do bebê ou criança – vestimenta, alimentação, troca de fraldas ou ida ao banheiro – tem de ser satisfeita antes do espetáculo.

Por que, então a sublimação em vez da perversão? O surgimento das fobias de Hans serve de explicação. O enorme desenvolvimento do bebê em uma criança de mais de três anos (possivelmente muito antes), une motora e sensorialmente seu corpo e sua percepção do meio ambiente e das pessoas ao seu redor. Todos eles possíveis porque sua psique não mais trabalha com objetos parciais, mas com o investimento nas pessoas que a cercam em objetos quase totais. As fantasias edípicas chegam a seu ápice. A leitura do caso do pequeno Hans chama atenção de todos os leitores para um fenômeno. Apesar da ambivalência universal dos seres humanos, na ligação entre pai e filho extremamente próxima, predomina muito um lado amoroso. Max se mostra um pai, talvez minoria

até hoje, companheiro e dedicado, desprovido de inveja. Alguns dos motivos vimos acima. Como a preocupação com seu filho em reparar sua relação parcialmente ruim com seu próprio pai.

Colocando a parte explicações biológicas e pseudoneurocientíficas, Hans ecoa a seu pai com a predominância também de um lado amoroso. Apesar de o casamento que o originou não ser nada satisfatório. Com o acréscimo de que, se a figura do “filósofo grego barbudo” forneceu alguns conselhos lamentáveis, provavelmente através da relação entre Max e Herbert, também reparava a relação com seus próprios filhos. Que na sociedade altamente patriarcal e sexista europeia do século XIX, criava uma distância invencível entre pais e filhos.

A sublimação, sintoma criativo, em vez da neurose comum, respondeu ao chamado pelo lado amoroso do recalque. Em vez da neurose em sua paralisia repetitiva, sua metamorfose em sublimação, com infinitos caminhos pelos processos primário e secundário, transformou a memória infantil da cena primária em arte e ótimo sustento de vida. Sem dúvida se trata de uma interpretação reducionista. Porque todas as interpretações psicanalíticas, quando realmente trazidas até a primeira infância, o são. Pela sublimação a cena primária tornara-se semelhante a base pela qual se segura e abre um leque, só que agora, um leque infinito.

Escreveu o pintor, que também era amante da música e a pintava, Wassily Kandinsky, “criar uma obra de arte é criar um mundo”. E milênios antes, o pré-socrático Demócrito: “o homem, um microcosmos”.

### **Abstract**

*Biographical data about Herbert Graf and Max Graf, real names of Little Hans and his father. Max as a member of the Wednesday Society and the first child psychoanalyst. Freud's direct influence on the lives of the Grafts, including that of Olga Hönig, Hans's mother. Other Interpretations of the Phobia of a Five Year Old Boy. Lacan's reading of the terms nonsense [Dummheit] and turmoil [Krawall], often cited in Freud's text. Addition of the term charivari by Lacan. Herbert's apprenticeship in music and theater. His description as creator of the occupation of stage director in opera shows. Summary of your career and professional success. His visit to Freud, as an adult. Digressions on the invocant and scopic drives and their role in Little Hans' primary scene. Sublimation of the primary scene and his childhood neurosis into his professional choice.*

**Keywords:** *Little Hans, Herbert Graf, Primary scene, Invoking and scopic drives, Sublimation.*

## Referências

- BORNHOLDT, I. Releitura do caso O pequeno Hans: sobre silêncios e invisibilidades. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 22, n. 2, p. 339-358, ago. 2015.
- CHECCHIA, M.; TORRES, R.; HOFFMANN, W. (orgs.). *Os primeiros psicanalistas: atas da Sociedade psicanalítica de Viena 1906-1908*. São Paulo: Scriptorium, 2015.
- DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/charivari/>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- EISSLER, K. Reportaje a Max Graf. Realizado por Kurt Eissler (16 dic. 1952). *FORT-DA Revista de Psicoanálisis con Niños*, n. 10, nov. 2008. Disponível em: <https://fort-da.org/fort-da10/repomaxgraf.htm>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de 5 anos (caso do Pequeno Hans) (1909). In: \_\_\_\_\_. *Histórias clínicas - cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica*. Tradução: Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 173-333.
- FREUD, S. Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben. In: *Projekt Gutenberg-DE*. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/freud/5jaehrig/5jaehrig.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- FREUD, S. Analysis of a phobia in a five-year-old-boy (1909). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. X. London: The Hogarth Press; Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- GRAF, A.-K.; PERNICONE, A. Diálogo con Ann-Kathrin Graf. Apuntes sobre la vida de Herbert Graf. *Fort-Da, Revista de Psicoanálisis con Niños*, n. 10, nov. 2008. Disponível em: <https://www.fort-da.org/fort-da10/pernicone7.htm>. Acesso em: 28 dez. 2022.
- GRAF, H. *The Invisible Man Finally Speaks* (1938). Dr Herbert Graf - intervention during the intermission between act 1 & 2 - Otello Met broadcast Feb 12, 1938, NBC Blue Network - Introduction by Milton J. Cross. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KkVqw2T87H8>. Acesso em: 27 dez. 2022.
- GRAF, H.; RIZZO, F. Memórias de um homem invisível. Herbert Graf relembra meio século de teatro: um diálogo com Francis Rizzo. Entrevista publicada na revista Opera News, 05 fev. 1972. *Hans e a fobia*, Publicação da Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro, 2008. p. 19-25.
- GRAF, H.; RIZZO, F. Memorias de un hombre invisible. Herbert Graf recuerda medio siglo de vida en el teatro. Un diálogo con Francis Rizzo. "Opera News", fev. 1972. *FORT-DA Revista de Psicoanálisis con Niños*, n. 10, nov. 2008. Disponível em: <https://www.fort-da.org/fort-da10/herbertgraf.htm>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- GUELLER, A. S. Os pais da psicanálise com crianças. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 19(2), 225-241, jun.2016.
- GUTFREIND, C. O pequeno Hans discutido e sentido entre o passado e presente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 43, n. 2, 69-76, 2009.
- KLEIN, M. Early analysis. In: \_\_\_\_\_. *Love, guilt and reparation and Other works 1921-1945*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1975.
- LACAN, J. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse citado por Alain Didier-Weill. *Os três tempos da lei*, 1997. p. 238.
- LACAN, J. *O seminário, livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).
- LOPES, A. J. Afinal o que quer a música. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 29, set. 2006, p. 73-82. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- LOPES, A. J. Dos gritinhos da bebê ao canto do Fort-Da (psicanálise e música 2). *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 39, p. 15-28, jun. 2013. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- LOPES, A. J. Refletindo sobre a verdade a partir de Hans e Heidegger. *Foco*, Rio de Janeiro, n. 39, p. 19-22, jan./fev./mar. 1987. Revista trimestral da Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro - Instituto de Psicanálise (SPCRJ).

MIJOLLA, A. *Dicionário internacional de psicanálise*. Conceitos, noções, cronografias, obras, eventos, instituições. 2 v. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

OSBORNE, C. *Dicionário de ópera*. Tradução: Julio Castañon Guimarães. Verbetes brasileiros de Marcus Goes. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PERNICONE, A. Diálogo con Ann-Kathrin Graf - Apuntes sobre la vida de Herbert Graf. *FORT-DA Revista de Psicoanálisis con Niños*. n. 10, nov. 2008. Disponível em: <https://www.fort-da.org/fort-da10/pernicone7.htm>. Acesso em: 27 nov. 2022.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, L. T. *Tradução e psicanálise: uma tradução comentada de Fobias na infância*, de Ariel Pernicone e Mirtha Benítez. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para a obtenção de grau de Bacharel em Letras: Tradução - Espanhol. Brasília, 2019.

SOTOMAYOR, H. E. Herbert Graf: El hombre que no fue Hans. *CartaPsi - Revista Carta Psicoanalítica - Psicoanálisis, Filosofía & Cultura*, n. 26, 27 abr. 2017. Disponível em: <http://www.cartapsi.org/new/herbert-graf-el-hombre-que-no-fue-hans/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

VIVÈS, J.-M. De l'épisode phobique au devenir metteur en scène d'opéra du "Petit Hans": une voi(e)x d'accès à l'inconscient et ses musiques. In: *Insistance - les voi(x)es de la création*. n. 6, Colloque de Cerisy – l'inconscient et ses musiques. Toulouse: Éres, 2011. p. 41-58.

WIKIPEDIA. *Max Graf*. Disponível em: Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Max\\_Graf](https://en.wikipedia.org/wiki/Max_Graf). Acesso em: 25. nov. 2022.

**Recebido em:** 12/11/2022

**Aprovado em:** 23/12/2022

## Sobre o autor

### Anchyses Jobim Lopes

Médico e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Mestre em medicina (psiquiatria)

e em filosofia pela UFRJ.

Doutor em filosofia pela UFRJ.

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos

Antônio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.

Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ.

Coordenador do Grupo

de Trabalho Sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.

Foi professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ),

professor adjunto da Faculdade de Educação e da graduação em psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP),

professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em teoria

e clínica psicanalítica da Universidade Estácio de Sá (UNESA).

Patrono das Turmas de Formandos em Psicologia da PUC-RJ, 1998 e 1999 e Patrono da Turma de Formandos em Psicologia 2012, UNESA, Campus Ilha.

Um dos editores da revista Estudos de Psicanálise, publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Presidente do CBP-RJ e do CBP em vários mandatos.

Delegado do CBP para a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Um dos editores regionais para a América do Sul da revista International Forum of Psychoanalysis.

**E-mail:** anchyses@terra.com.br

# *Reflexões sobre a normatização e padronização escolar: um olhar psicanalítico*

*Reflections on school normatization and standardization: a psychoanalytical view*

Carolina Acauan Menezes  
Denise Regina Quaresma da Silva

## **Resumo**

Este artigo propõe uma reflexão sobre o processo de escolarização de crianças diagnosticadas com psicose e autismo que adentram a escola regular e os receios/expectativas das professoras sobre a normalização do ensino e aprendizado. Metodologicamente, apresentamos um estudo de caso estruturado a partir dos pressupostos da teoria psicanalítica. Concluímos que a imposição de que essas crianças aprendam e ajam de forma homogênea, prejudica seu desenvolvimento cognitivo e os laços sociais.

**Palavras-chave:** Escola, Psicanálise, Psicose, Autismo, Infância.

## **Introdução**

Este artigo tem como tema as reflexões sobre a normalização e padronização de crianças diagnosticadas com os transtornos de psicose e autismo que adentram a escola regular. O interesse surgiu após experiências da distância com educação e psicanálise. Nessa assertiva, tem como objetivo geral propor uma reflexão sobre a imposição de normalização e padronização de crianças que frequentam a escola regular, que apresentem diferenças estruturais psíquicas no seu desenvolvimento, a saber a psicose e o autismo. Também objetiva analisar a inserção escolar dessas crianças em inclusão, bem como verificar através de um estudo de caso psicanalítico quais são as problemáticas desse processo, descrevendo e discutindo através das anotações e observações obtidos nos atendimentos individuais e familiares realizados em um serviço de saúde.

Este estudo de caso psicanalítico apresenta a história de uma interlocutora, uma menina que chamaremos pelo pseudônimo de

Mirela, atendida no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre (RS).

Até o século XVIII crianças e adultos deficientes eram segregados da sociedade, perpassando por diferentes formas de exclusão ao longo dos anos. A concepção de deficiente foi uma questão demoníaca, digna de abandono ou morte na infância sem que isso caracterizasse crime. Após a Revolução Francesa, a loucura passou de exclusiva ao poder jurídico para um envolvimento com a medicina, ganhando um novo olhar. Dessa interlocução entre a medicina higienista da época e o direito, surge uma ciência nova: a psiquiatria, além da instituição psiquiátrica no começo do século XIX, com o início das práticas de internamento e potentes aparatos manicomiais. Naquele momento, a medicina higienista passava a deter o conhecimento da loucura, emitindo enunciados sobre a doença mental (SILVA; QUARESMA DA SILVA, 2017).

Após a Declaração de Salamanca, ocorrida na Espanha em 1994, constituiu-se no

Brasil um grande marco para novas possibilidades de educação e políticas públicas voltadas para as necessidades educativas especiais e, a partir disso, inicia-se um avanço nas leis que priorizam a universalidade da educação.

Em 1996 estabelecem-se as Leis de diretrizes e bases da educação nacional com a Lei n.º 9.394/96 (BRASIL, 1996), influenciando um processo crescente de olhares para a educação inclusiva. Somente em julho de 2015, institui-se a Lei Brasileira de Inclusão à Pessoa com Deficiência, que abrange a inclusão escolar de crianças com sofrimento psíquico grave e, junto dela, a colaboração da resolução complementar CNE/CP 1/2002 (CNE, 2002), que orienta o dever das instituições sobre formação dos professores referente à compreensão do que é ensino educacional especial (BRASIL, 2015).

Com a inclusão, aposta-se que haja subjetivação dos discursos que circulam no campo social, no desejo de assegurar, sustentar ou modelar lugares sociais para essas crianças, considerando que nessa forma tais discursos sobre a escola são demasiadamente poderosos. Uma escolha de lugar social é imprescindível para as crianças que passam por dificuldades em criar laços sociais, tal como é o caso das crianças enfatizadas neste artigo. Mesmo decadente em sua capacidade de manter uma tradição de ensino, a escola pode ser uma instituição poderosa quando lhe exigem que haja uma certidão de pertinência, a criança que está na escola, pode então receber o carimbo de criança (KUPFER, 2014).

Paéz (2001) aponta que aos(as) professores(as) era ensinado que, quanto mais homogênea uma resposta era, mais próxima de estar certa ela estaria. Considerando isso, como podemos esperar a inclusão de crianças com sofrimento psíquico, se mantiver como desejo que suas respostas sejam igualitárias perante uma linguagem que não lhe pertence? Como compreendemos a linguagem e o discurso de cada criança quando desejamos que suas respostas sejam iguais? É

preciso apagar a singularidade e as diferenças para obtermos esse/tal resultado? Queremos esse resultado para qual finalidade? Sibenberg (2001) afirma que o termo “educação” vem de uma antiga crença romana de que a criança que chega ao fim do ciclo da amamentação passa a ser cuidada por uma deusa menor, cujo nome seria Educa. A educação por essa perspectiva seria, então, a missão de um cuidado educativo, a apresentação e a inscrição de valores simbólicos e não a homogeneidade dos registros.

É importante observar e analisar o funcionamento de uma criança dentro dessas expectativas e da escola perante esses/os processos concernentes à dificuldade de frustração no ensino, com o olhar voltado para os desejos da escola e do professor. Qual lugar ocupa essa criança no discurso social, quando a educação tem como viés homogeneizar seu modo de ser, considerando que cada criança tem uma articulação diante de sua posição como sujeito de desejo?

Neste estudo de caso, teremos como foco a situação escolar de crianças diagnosticadas com psicose e autismo, considerando que, na abordagem psicanalítica, olha-se a criança como um todo – um sujeito assujeitado às suas condições – não pensando em seu diagnóstico em si, como uma doença isolada.

Apesar de as denominações desses transtornos serem os motivadores das leis inclusivas mais incisivas como a Declaração de Salamanca (ONU, 1994), ainda se faz necessária a discussão sobre o funcionamento desses transtornos. Para tanto, discute-se como a psiquiatria e a psicanálise abordam tais transtornos. A psicanálise foi a abordagem teórica escolhida para nortear as discussões dos dois conceitos de sofrimento grave na infância.

Para a psicanálise, o sujeito não nasce pronto, ele vai se estruturando conforme sua inscrição vai ocorrendo na linguagem que se opera com o Outro. Alfredo Jerusalinsky (1999) marca radicalmente a diferença en-

tre tais estruturas e propõe que se entenda o autismo como uma quarta estrutura clínica, ao lado das três outras – psicose, neurose e perversão – propostas por Lacan. O autor postula que entre psicose e autismo não há nenhuma identidade de estrutura, porque na psicose se trata da forclusão e no autismo se trata da exclusão. No caso da exclusão, não há inscrição do sujeito; no lugar onde a inscrição deveria se encontrar, está o Real, ou seja, a ausência de inscrição. Essa diferença radical de estrutura conduz a efeitos clínicos observáveis. Esses quadros são indefinidos e têm diversas complexidades, afinal, cada criança é um sujeito em processo de constituição psíquica (MILMANN, 2019).

## 2 O diagnóstico de transtorno do espectro autista

De acordo com o *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (APA, 2013) em sua quinta edição, o transtorno global de desenvolvimento adentra o transtorno de espectro autista (TEA), que também incluiu autismo, transtorno de Asperger e transtorno sem outra especificação. Assim, os transtornos supracitados passaram a compor um único diagnóstico, o TEA, um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por grandes dificuldades persistentes na fala, na interação social, nos movimentos repetitivos e em diversos casos, na restrição em interesses alimentares.

Havendo essa ampliação do transtorno do espectro autista, adentram nessa categoria, diversos outros quadros clínicos que entre si abarcam desde o autismo clássico até psicoses não decididas na infância. Com isso, se radicaliza os automatismos na ideia de a criança excluir o outro de seu campo de satisfação segundo Julieta Jerusalinsky (2019). Segundo a autora, quando desaparecem as diferenciações clínicas fundamentais e todas adentram juntas, configurando uma epidemia, o diagnóstico de transtorno do espectro autista se tornou um grande amontoado que, pela diversidade que tem em sua falta de es-

pecificidade, acaba por obscurecer o que deveria ser feito em direção a cada criança e seu tratamento.

Para concluir um diagnóstico de espectro autista, devem ser observados na criança os prejuízos na interação social, a comunicação e o comportamento aos três anos de idade. O transtorno se caracteriza pela dificuldade de contato visual e especificidades na interação social, tendo também repertórios restritos referente às atividades (BATTISTI; HECK, 2015).

Na abordagem psicanalítica entende-se que a criança em sua primeira infância não se inscreve como sujeito, ela não existe em desejo e conceitos porque nela a inscrição é não ser. Uma mãe que se caracteriza como apática e cujo desejo não inspira a existência daquela criança – de forma que o bebê está ali, mas não está – não o auxilia na sua construção de existência. Quando não aclamado pela mãe que não lhe indica que seu choro se refere a mamar, que não lhe indica que seus movimentos se referem aos seus pedaços corporais, e cujos movimentos não refletem em nada, não refletem em respostas, ratifica uma criança que não existe. Não há falta no que não existe. O objeto não pode ser simbolizável e, por isso, não há substituição dele (JERUSALINSKY, 1997).

O ensinamento freudiano refere a experiência de satisfação como uma importante determinadora da inscrição do aparelho psíquico. A mãe precisa perceber no bebê o desamparo inicial, não lhe deixando opções a não ser a assistência de uma mãe experiente, para que ele sobreviva. E é com o grito que o bebê faz apelo ao Outro para que lhe perceba essa carência que só se atenua com a intervenção de alguém. Do outro vem não somente o alimento, mas também a palavra. O papel do grito nessa inscrição é essencial, visto que, desde o início, ele faz enodamento com a linguagem (FERREIRA, 2017).

As crianças ficam presas no real do objeto e demonstram grande apego a objetos que geram apenas uma continuidade física de seu corpo, mas não possuem significado.

## 2.1 As psicoses não decididas: uma forma de psicose na infância

A Organização Mundial da Saúde (OMS), através do Código Internacional de Doenças – CID-10 (WELLS et al., 2011), caracteriza a psicose infantil dentro do transtorno global do desenvolvimento. A psiquiatria se dedica a caracterizar os fenômenos das doenças mentais tal como a descrição de seus sintomas e sinais, enquanto a psicanálise se volta para o diagnóstico estrutural. Com base no diagnóstico psicanalítico, este trabalho inclinará seus conceitos. Jerusalinsky (1997) aponta que na infância a psicose, em uma proporção bastante significativa, não está totalmente decidida, então, as psicoses não decididas seriam uma forma de psicose na infância.

Freud ([1913] 2013), ao falar em psicose, fala em interdição dos desejos e refere essa interdição à quebra da possibilidade de ser um sujeito desejante, pois antes da sua própria demanda, vem a demanda da mãe. Nesse caso, o bebê não se separa simbolicamente do corpo da mãe: ele é sua extensão, sendo fabricado a partir das demandas da mãe e sem corte de separação. A mãe, nesses casos, vai além da maternagem no sentido de cuidar. Ela adentra na relação dual com sua dimensão simbólica e passa a ter o saber sobre as demandas da criança e ela mesma lhe confere um sentido. Assim o bebê se dá a ler pela mãe, que decide pelo seu significado (FERREIRA, 2017).

Na falta desse corte relativo à alienação, a criança vai se inscrevendo como a própria mãe, não conseguindo distinguir aquilo que ela deseja daquilo que é ou poderia ser seu, não há barramento do outro. É o outro quem o controla. Essa ausência de respostas de fora, pois está em uma relação dual, fragmenta a criança em pedaços com a realidade, onde não há capacidade de lidar com a totalidade desta. Como a demanda é da mãe, ela é sempre completada antes de desejar, implicando uma satisfação imediata. Por conseguinte, a frustração de um desejo não satisfeito ime-

diatamente tira a criança da realidade, pois ela não consegue lidar com a frustração da demanda não satisfeita.

Na alienação o sujeito fica sendo representado por um significante. O sujeito não é nada e nada pode haver nele porque falta o segundo significante (FERREIRA, 2017). As coisas para essas crianças são como são, concretas, com um empobrecimento facilmente observável do simbólico.

## 3 O caso Mirela e a comunicação não verbal

Nos casos de sofrimento psíquico grave, há situações nas quais a teoria vem à mente, mas a prática assusta. Na situação analítica, Zimerman (2004) aponta que, para a psicanálise, é primordial a comunicação, que a comunicação vai além das palavras.

Mirela chegou pela primeira vez ao atendimento em um Centro de Atenção Psicossocial com três anos de idade, acompanhada por pai e mãe, que chamaremos de João e Maria. Ainda na recepção, antes do atendimento, Mirela gritava e andava por todos os cômodos do lugar, abria portas enquanto sua mãe andava atrás dizendo com voz frágil e exausta: “Para, Mirela, vem aqui com a mãe”. Nesse mesmo momento, o pai pedia desculpas à recepcionista do serviço.

O anúncio materno avisa: “Ela não fala” e a pergunta que nos ocorria era como atender uma criança que não fala. Antes da angústia do profissional, faz-se necessário apaziguar a angústia dos pais. Conversou-se sobre deixarem a criança explorar o local, considerando estar conhecendo um lugar novo, deixando claro aos pais não haver problemas a respeito dos movimentos da criança naquele espaço. O sorriso dos pais demonstrou conforto, dando início ao vínculo. Mirela gritava de forma incômoda, não gerava apenas vocalizes livres e expressivos de descoberta, mas gritava como quem procurava algo e não encontrava em cômodo nenhum. Considerada a necessidade de fazer a anamnese com



os pais, observou-se Mirela por alguns minutos e, devido ao desconforto dos pais, aos olhares dos demais pais e crianças no espaço, foi combinado novo atendimento no dia seguinte, quando somente o pai e a mãe compareceriam.

Como saber qual a abordagem quando uma criança não fala? A escuta da linguagem paraverbal é uma forma expressiva de linguagem que não utiliza somente o verbo para se comunicar, mas que é possível observar comunicação também em mímicas faciais, postura, impaciência, aflição, contrariedade e alívio. Como compreender o desconforto de Mirela com o local, se ela não verbalizar? Mirela fala, mas não possui a mesma estrutura de linguagem da maioria das crianças. Compreendeu-se que a criança queria sair do local, pois o som dos vocalizes traziam em sua sonoridade o desconforto, o andar do corpo era rápido e impulsivo. Percebia-se o descontrole de si, a desleitura do “onde” irei. É possível ouvir a fala de Mirela, quando o profissional a escuta a partir de “um olhar e uma escuta para dentro”. É prestando atenção no que ela nos faz sentir, que compreenderemos o que ela sente. É no afetar-se. Somente na tentativa-erro-tentativa-acerto é que conseguiremos ler um ao outro (ZIMERMANN, 2004).

### 3.1 A angústia dos pais

Enquanto os pais sentavam-se em frente à profissional que os atendia, um ao lado do outro, a mãe, Maria, segurando a bolsa, o pai, João, inclinado para frente apoiado nos joelhos, pensa-se em todas as perguntas que é preciso fazer no intuito de sanar dúvidas sobre a primeira infância daquela criança, no sentido investigativo. Ao se apresentar à mãe, a primeira fala não vem do cunho investigativo da profissional, mas da mãe de Mirela, que diz: “O que minha filha tem?”. Uma questão nos ocorre: quem sabe mais dessa criança? Os pais ou os especialistas, que a “traduzem” pela complexidade de suas características singulares? Seria um diagnós-

tico que mostraria todo seu modo de ser? (MARIOTTO; SCHAEGLER, 2012).

Segundo Silva (2019), uma vez que é dado o diagnóstico de psicose, autismo ou outro transtorno global, a família e a escola passam a parar de investir naquele sujeito, na ideia de se tornar somente seu diagnóstico, pelo efeito iatrogênico do diagnóstico.

Para responder à pergunta da mãe, usamos a orientação de não conhecer a criança e sua história, não sendo possível dizer-lhe quem é sua filha, dando a Maria a oportunidade de narrar quem é Mirela aos seus olhos. A mãe, em um discurso ansioso e cansado, inicia a descrição dos pontos que julga mais importantes, o que consideramos para poder compreender o adoecimento da menina e a expectativa familiar.

Os pais esperam que um diagnóstico, uma nomeação dita por um especialista fará com que eles encontrem um método para lidar com o filho da forma certa, para que assim saiam da inadequação. Confusos com a tarefa de educar e impor limites, os pais se rendem ao saber total e seguro que a ciência oferece (MARIOTTO; SCHAEGLER, 2012).

A mãe, ao descrever Mirela, diz:

Mirela não dorme, fica a noite inteira se batendo, não se cobre com o cobertor mesmo que faça frio, a gente não pode ligar a televisão, ninguém olha televisão lá em casa, pois ela começa a gritar e se bater. Ela anda pela casa toda e quando a gente diz não, ela se joga no chão se bate, ela não ouve o nome dela de jeito nenhum, acho que ela não sabe que o nome dela é Mirela, não adianta chamar, eu já desisti.

Nessa anamnese descobre-se que Mirela ainda não vai à escola. Fica somente em casa com a mãe, que em determinado momento diz: “Quando ela nasceu, Maria morreu, ficou só a mãe de Mirela”.

Uma semana depois desse primeiro encontro, a família muda-se de cidade, inter-

rompendo nossos atendimentos. Volta a residir no município três meses depois e retorna ao serviço de saúde com o diagnóstico de autismo para Mirela, que passa a frequentar a escola com esse signo. A mãe conta que Mirela fica apenas vinte minutos na instituição de ensino e que, em seguida, as professoras pedem que Maria busque a filha e a leve embora.

Percebe-se que há a ideia de que, para conseguir ensinar, para decidir a forma de integrar e adequar a escola, é necessário que a criança tenha uma nominação diagnóstica e o que esse diagnóstico fala sobre a criança. Parece que o mais importante é que a escola tenha esse diagnóstico mais do que a própria criança. É sabido que as escolas afirmam tais coisas, como se o fato de que não havendo diagnóstico não saibam o que fazer, como agir, como ensinar (FILIDORO, 2016).

Mirela volta aos atendimentos após três meses, com o diagnóstico de autismo e medicações. A mãe conta que não pôde continuar residindo na cidade em que estava, pois a família não tinha paciência com a filha e a agrediam, causando desavenças nos laços familiares. Considerado isso, retornam aos atendimentos individuais com a criança que está mais calma pelo auxílio da contenção medicamentosa, o que possibilitou os atendimentos.

Nos encontros seguintes, sem esforço algum, Mirela vai para o pátio, demonstrando não haver ansiedade de separação da figura materna. Faz estereotípias com as mãos, batendo-as uma sobre a outra. A profissional que a atende não existe, é somente mais um objeto do local. Mirela retira todos os brinquedos do armário, mas não se fixa em nenhum. A criança não se concentra em um único objeto, pulando sem conexão entre um e outro, ou se fixando apenas em um brinquedo, parecendo não haver forma flexível de significância com o restante do mundo que a rodeia (SIBEMBERG, 2001). A criança com dificuldade em estabelecer limites entre fantasia e realidade, acaba agindo como

se ela mesma fosse aquilo que ela encena e, assim, tem dificuldades em estabelecer um brincar como estamos acostumados a ver, um brincar representativo (DAROS, 2013).

Ao observar a criança colocar um armário de brinquedos inteiro abaixo, é necessário da parte do terapeuta um autocontrole na angústia para não querer controlar ou organizar o ambiente. Isso diz da percepção do que é terapêutico, do que é desejo do profissional e quais são o processo e desejos da criança. Com o tempo, Mirela chega e vai para a sala dos brinquedos, pega uma caixa com *tazos*, pequenos discos plásticos, e permanece com eles durante todo o atendimento, segurando-os próximo ao rosto. Nesse momento ocorre o ensimesmamento prazeroso, um momento em que a criança tem prazer consigo mesma, sem relação lúdica e exploratória com os brinquedos e com o local onde está sem relação afetiva. Mirela colocava os *tazos* próximo ao rosto, fazia movimentos repetitivos com as mãos e soava vogais que pareciam vocalises felizes (JANUÁRIO; TAFURI, 2008).

Nesses momentos com os *tazos*, ninguém existia, nada existia. Havia a frustração da terapeuta sobre ser ignorada em um atendimento. O que significa a presença da terapeuta nesse momento? Fica-se só a observar? Sim, deixa-se a criança vincular-se ao local e àquilo que lhe interessa, para que se crie um ambiente de acolhimento no que se refere a sua forma de existir e ser nesse espaço. Sibemberg (2001) afirma que o autismo infantil é caracterizado pela falta de referentes imaginários e simbólicos, essa falta seria decorrente da exclusão do mundo da linguagem, então a relação com os objetos fica somente na materialidade deles, não havendo interação recíproca de modo como os objetos e as pessoas podem estar confundidos entre si.

Com o passar dos atendimentos, Mirela foi percebendo a existência da terapeuta, indo em direção à sala dos brinquedos somente quando via a terapeuta chegar à recepção. Mirela sentia-se convidada através

dos movimentos repetitivos rotineiros desses encontros. Em um encontro, a terapeuta pegou um brinquedo chamado “Senhor Bata-ta” e fechou as portas do armário. Mirela foi ignorada quando a profissional se sentou no chão com as peças que se caracterizam como partes de um corpo. Pés, mãos, nariz, boca, etc. Ao ver a terapeuta sentada no chão, Mirela foi até ela, percebeu a existência desse outro. Sentou-se e pegou as diversas peças uma por uma, colocando-as coladas em seu rosto com excitação. A cada peça que Mirela pegava, a terapeuta falava seus nomes referentes, como “BOCA”, em voz firme e alta, olhando-a e colocando a peça na boca da terapeuta, repetindo a palavra “BOCA” novamente e tocando na boca de Mirela. Isso foi feito repetidamente com as peças e em vários atendimentos. Em alguns momentos, Mirela pegava as peças quando era dito o nome referente e colocava em seu rosto.

As teorias epistemológicas apontam a relação básica entre o sujeito cognitivo e os objetos de seu conhecimento. De acordo com essa teoria, a construção lógica no sujeito acontece com a mudança de esquemas mentais no confronto do sujeito com a realidade. Isso foi produzido com Mirela, puxando-a pedaços por pedaços, para a realidade daquelas peças, através da interação ativa com os objetos. Esse processo utilizado com Mirela opera a partir de processos simultâneos de assimilação e acomodação, que fazem parte do processo de equilíbrio, onde a criança passa a assimilar os conceitos para adequar as suas estruturas mentais à realidade, fazendo assim uma adaptação das demandas que lhe foram colocadas (MILMANN, 2019).

### 3.2 Na escola...

Após esse tempo no Centro Psicossocial Infantil (CAPSi), Mirela apresentou melhoras significativas na socialização, comparecendo na escola com sua mãe, que já havia apresentado o diagnóstico da menina para a instituição. No momento de sua chegada na escola, a professora assustou-se, pois o contato com

a diferença estrutural angustia, a “loucura” que vemos na criança traz a nós a fragilidade e a falta-a-ser que temos (SILVA, 2019).

A escola mostra-se de início temerosa em relação ao atendimento de crianças autistas ou psicóticas, pois diversas vezes elas mantêm uma posição contrária às normas sociais e apresentam rechaço na interação social com as pessoas que fazem parte da vida escolar. Nesses casos, percebe-se o medo do impossível de educar. Mirela passa a ficar uma hora na escola, porém quando chora é solicitado a sua mãe que a leve embora. Os pais e a escola temem a impossibilidade de educar, apegados ainda na perspectiva da alfabetização, e os pais ainda estão presos no desejo de que ela fale e aprenda a escrever (FUZUY; MARIOTTO, 2010).

Ao pensar na proposta curricular na inclusão, é importante compreendermos que ela vai além dos conteúdos. Ou seriam então os conteúdos mais importantes que o processo educativo? Nesse caso, o(a) docente deve observar a real necessidade do autista e como esse currículo vai ajudá-lo no seu desenvolvimento cognitivo (BATTISTI; HECK, 2015). O(A) educador(a) que trabalha com inclusão necessita perceber as diferentes posições subjetivas que a criança pode vir a constituir, para compreender de que lugar a criança fala ou não, em que lugar ela é colocada transferencialmente e, a partir desse ponto, em qual lugar irá se inserir a aprendizagem (MEIRA, 2001).

O espaço escolar na inclusão, não designa somente a aprendizagem clássica dos currículos constituídos, mas os diversos ganhos dessas crianças em espaços sociais. A questão de lugar na sociedade se faz importante para as crianças que apresentam dificuldades em estabelecer relações e laços sociais. A partir disso, é importante mudar o foco do ensino e o funcionamento de cobrança (FUZUY; MARIOTTO, 2010). Apesar de Mirela não apresentar resistência em permanecer na escola durante o tempo em que lá está, a mãe queixa-se de a filha ter que ir embora na hora

do recreio, sem compreender essa necessidade imposta pela escola. Nesse aspecto, podemos nos questionar a “pseudoinclusão”, pois essas crianças não deveriam ficar isoladas em casa. No funcionamento ideal de uma inclusão, elas deveriam conviver com as outras pessoas de sua faixa etária e ter as mesmas oportunidades, pois seriam assim instigadas a colocar em prática suas capacidades (BATTISTI; HECK, 2015).

### **3.3 A interlocução com a escola: uma discussão que não privilegia a patologia**

Considerando que se faz sempre necessário o diálogo entre escola e a terapeuta de Mirela, a comunicação com o(a) professor(a) colabora para que seja escutado(a) em suas dúvidas e que possa encontrar respaldo. Assim, abre-se para a singularidade do caso, em vez de permanecer fixada na aluna a lista de fenômenos descritos na sua categoria psicopatológica (MILMANN, 2019).

A importância desses diálogos se dá no desejo de haver o espaço do não saber, da imparcialidade e incompletude, e o diálogo entre as áreas não tem o sentido de dizer o que é certo e errado no papel do(a) docente, mas de se transmitir uma parceria. Esse ato ocorre através da transmissão, na medida em que se exercita o aqui e o agora entre vários, falando, conversando e ouvindo, percebendo e se arriscando “junto com”, num ideal de parceria e não de maestria. É importante salientar os pontos positivos daquilo que já está sendo feito pela escola, legitimar e dar visibilidade à dedicação do professor, colaborando no encorajamento de novos fazeres (SILVA, 2019).

A conversa entre a terapeuta e a docente se deu nessa perspectiva, com uma discussão que não privilegiou a patologia de Mirela, mas possibilitou pensar em quem a menina está sendo no momento em que avaliam uma significativa melhora na criança relativamente aos laços sociais. Questionamos por que Mirela não pode permanecer no re-

creio, e a resposta unânime foi: medo. Medo de que seja machucada por outras crianças e medo de que machuque outras crianças em algum momento de irritabilidade. Nesse aspecto, orientamos sobre o fato de que qualquer adaptação realizada na perspectiva de favorecer as crianças de participar cooperativamente em comunicações interpessoais de uma criança em inclusão, favorece a todos os presentes na instituição, pois o convívio das crianças ditas normais com crianças com transtornos, acentua a adaptação da convivência com o diferente (FILIDORO, 2001).

Nessa conversa, contamos um pouco do funcionamento de Mirela nos espaços coletivos do CAPSi, onde ela facilmente interage com os(as) demais, sem haver preocupações graves. Deu-se assim, nesse diálogo, a decisão de que Mirela participaria do recreio com as demais crianças. Isso ocorreu porque as professoras se sentiram respaldadas. Um detalhe tal como o receio das professoras impossibilitou que Mirela pudesse conviver com outras crianças da sua idade, e isso traz consequências, pois Mirela ficou situada por um discurso que dificulta sua aprendizagem, no laço social, na subjetividade. Esses modos de laço, bem como a caridade, a tolerância, os direitos modelam as interpretações, as leituras e o pensamento dos interlocutores com quem essa criança interage (FILIDORO, 2016).

No mesmo encontro, as professoras também sinalizam que em alguns momentos Mirela “vai embora” ao parar de realizar as atividades propostas, dizem: “Ela não rende”. Questionamos um pouco sobre o que significaria “render” para a escola, na perspectiva de compreendermos se ela se desorganiza, chora ou entra em alguma crise. A resposta da escola é que não, ela simplesmente para de realizar as tarefas, ficando no seu local de forma tranquila.

Retomamos o que Julieta Jerusalinsky (2019) aponta sobre a denominação de “deficiência”, quando refere que assim eram agrupadas as crianças, na razão de serem

consideradas diferentes pelo fato de não alcançarem determinado padrão de “eficiência”. O padrão de eficiência então construído, estava atrelado a currículos escolares cujas primeiras versões desconsideravam a ideia de direito a saber e impunham uma obrigação de conhecer, na perspectiva da sociedade ser dotada de habilidades desejadas pela civilização industrial, criando, assim, pessoas capazes de produzir e consumir.

Nessa assertiva, cabe um questionamento pertinente e atual: como a escola leva em consideração as diferenças e os processos mentais dos desiguais? O que é cobrado das professoras em relação às estatísticas de alunos de inclusão que passaram de ano e foram alfabetizados? (JERUSALINSKY, 2019).

As professoras nos questionaram se deviam ou não aprovar Mirela no final daquele ano, considerando que ela não saiba ler e escrever. Reiteramos que, quando pensamos na inclusão dessa criança, a expectativa não deve ser a mesma das demais, pois nenhuma criança funciona da mesma forma que a outra. Esse saber perante o aluno, pertence aos professores, apesar de psicólogos e psiquiatras por diversas vezes emitirem laudos informando se a criança deve ou não seguir adiante na sua escolarização. Esses laudos favorecem que ocorra uma desimplicação sobre a avaliação dos(as) docentes em relação ao processo de aprendizado desse aluno(a).

Mas, afinal, o que avaliamos quando referimos a inclusão: o produto preestabelecido pelos currículos ou o processo de cada um? Após o diálogo que tivemos com a escola, iniciou-se uma conjuntura entre rede de saúde mental e escola, propiciando mais segurança para as professoras na aposta do desenvolvimento de Mirela. A criança passou a estar presente no recreio e permanecer o mesmo tempo na sala de aula como as demais. Notamos ao longo deste estudo de caso que a falta de informação sobre Mirela e a posição narcísica das professoras em ter que trabalhar com uma criança que não aprende aquilo que elas sabem ensinar foram fatores

que estavam atravancando o desenvolvimento de Mirela.

#### 4 À guisa de uma conclusão

Na tessitura entre psicanálise e educação, sabe-se que os registros do adulto que educa a criança ocorrem pela via do afeto e colaboram com seu desenvolvimento psicológico. Apostando na relação saúde e educação, a psicanálise oferece saberes a respeito da estrutura do sujeito e traz diversas afirmações sobre a importância do educador(a), cuidador(a), professor(a), na construção da geografia psíquica de uma criança. Se faz necessário esse diálogo e que a psicanálise e a educação enlacen seus conhecimentos para melhor inclusão de crianças com transtornos psíquicos.

Percebeu-se neste estudo a necessidade de mais estudos colaborativos objetivando esclarecimentos em relação as dificuldades de docentes e escolas em aceitar alunos(as) com estruturas psíquicas diferentes. Nota-se o desconhecimento dos professores em relação ao processo das competências e habilidades no processo temporal das crianças e suas dificuldades quando não há uma suposição de sujeito tal como devido, na primeira infância. Consideramos que educação inclinada somente para a tarefa do aprender a ler e escrever desconsidera a importância dos laços sociais na formação da cidadania dos *infans*.

A criança com déficit ou prejuízo no desenvolvimento bem como qualquer outra criança que adentra a escola, esse importante espaço coletivo de laços sociais e aprendizado, precisa ser vista em sua singularidade, ser tratada de maneira a ter possibilidades de desenvolver-se. Apesar da denominação diagnóstica, a criança se mantém com suas especificidades e funcionamentos, que não de ser descobertos através de afeto, abertura e trocas de saberes, tanto entre as áreas, quanto entre criança e escola.

### Abstract

*This article proposes a reflection on the schooling process of children diagnosed with psychosis and autism who enter regular school and the fears/expectations of teachers about the normalization of teaching and learning. Methodologically, we present a case study structured from the assumptions of psychoanalytic theory. We conclude that the imposition that these children learn and act homogeneously, harms their cognitive development and social ties.*

**Keywords:** School, Psychoanalysis, Psychosis, Autism, Childhood.

### Referências

APA - American Psychiatric Association et al. *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BATTISTI, A. V.; HECK, G. M. P. *A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática*. Chapecó (SC): Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015.

BRASIL. *Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm). Acesso em: 16 set. 2022.

BRASIL. *Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 16 set. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). *Resolução CNE/CP 1/2002*. Institui diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13207-resolucao-cp-2002>. Acesso em: 16 set. 2022.

DAROZ, R. *A simbolização da criança psicótica*. Secretaria de Estado da Saúde. Programa de Aprimoramento Profissional. São Paulo, 2013.

FERREIRA, T. *A escrita da clínica: psicanálise com crianças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FILIDORO, N. O que fazemos, na escola, os profissionais de saúde? *Escritos da Criança*, n. 7, Porto Alegre, 2001. Publicação do Centro Lydia Coriat.

FILIDORO, N. *Práticas psicopedagógicas*. Buenos Aires: Biblos, 2016.

FREUD, S. *Totem e tabu: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos* (1913). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FUZIY, M. H.; MARIOTTO, R. M. M. Consideração sobre a educação inclusiva e o tratamento do Outro. *Psicologia Argumento*, v. 28, n. 62, p. 189-198, 2010.

JANUÁRIO, L. M.; TAFURI, M. I. O olhar e o corpo na relação transferencial com uma criança em sofrimento psíquico grave. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 192-209, dez. 2008.

JERUSALINSKY, A. A escolarização de crianças psicóticas. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 72-95, 1997.

JERUSALINSKY, A. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

JERUSALINSKY, J. Verdade, gozo e saber na infância. In: APPOA. *Quem cuida da saúde mental infantojuvenil?* 1. ed. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2019.

KUPFER, M. C. M. O impacto do autismo no mundo contemporâneo. In: KAMER, M.; MARIOTTO, R. M.; VOLTOLINE, R. (orgs.). *Por uma nova psicopatologia da infância e adolescência*. São Paulo: Escuta, 2014. p. 105-110.

MARIOTTO, A. M.; SCHAEGLER, M. C. *Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância*. São Paulo: Escuta, 2012.

MEIRA, A. M. G. *Contribuições da psicanálise para a educação inclusiva em Escritos da Criança*. 2. ed. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001.

MILMANN, E. Diagnóstico: cartão de ingresso para entrar na escola. In: *Quem Cuida da Saúde Mental Infantojuvenil?* Porto Alegre: Instituto APPOA, 2019.

ONU. *Declaração de Salamanca*. Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca (Espanha), 1994.

PAÉZ, S. M. *A integração em processo: da exclusão à inclusão em escritos da criança*. 2. ed. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001.

SIBEMBERG, N. *Memórias de uma experiência: da turma de autistas à classe de educação terapêutica em Escritos da Criança*. 1. ed. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001.

SILVA, I. P. O que a escola demanda à clínica. In: *Quem Cuida da Saúde Mental Infantojuvenil?* 1. ed. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2019.

SILVA, T. J.; QUARESMA DA SILVA, D. R. Caleidoscópio narrativo: uma experiência etnográfica no campo da desinstitucionalização psiquiátrica no sul do Brasil. *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, v. 42, n. 2, p. 327-351, 2017.

WELLS, R. H. C. et al. *CID-10: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. São Paulo: EDUSP, 2011.

ZIMERMAN, D. E. *Manual de técnica psicanalítica: uma revisão*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**Recebido em:** 10/08/2022

**Aprovado em:** 28/10/2022

**Sobre as autoras**

**Carolina Acauan Menezes**

Psicóloga.

**E-mail:** teddy.carolinda@gmail.com

**Denise Regina Quaresma da Silva**

Psicóloga pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

Mestre em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS).

Doutora em Educação pela UFRGS.

Pós-doutora em estudos de gênero pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES).

Professora adjunta e pesquisadora bolsista de produtividade do CNPq.

Atua no curso de psicologia, no Programa de Pós-graduação em Educação e no mestrado de Saúde e Desenvolvimento Humano da Universidade La Salle - RS (UNILASSALE).

**E-mail:** denisequaresmadasilva@gmail.com



# *O vazio avassalador: a função desobjetalizante num quadro de melancolia*

*The overwhelming emptiness:  
the deobjectifying function  
in a melancholia setting*

Márcia Alves da Rocha

## **Resumo**

O artigo apresenta fragmentos clínicos do atendimento de uma paciente com marcados traços de melancolia, suas nuances de culpa inconsciente e suas impossibilidades de simbolização. Para refletir sobre o caso, o texto traz à tona as postulações de André Green acerca da função desobjetalizante e do narcisismo negativo. O objeto que não se deixa apagar ocupa o espaço psíquico que deveria ficar vazio para que o desejo e o ego do bebê possam se estruturar. Isto ocorre quando o trabalho do negativo fracassou em sua função de negatização do objeto primário. Considerando que o sujeito melancólico experimenta a perda do objeto como uma perda de si, refletimos também sobre a suportabilidade do estado de desamparo presente no masoquismo erógeno primário, o que nos leva às pontuações de Rosenberg acerca do masoquismo mortífero e do masoquismo guardião da vida.

**Palavras-chave:** Função objetalizante/desobjetalizante, Masoquismo mortífero/guardião da vida, Melancolia, Narcisismo negativo, Trabalho do negativo.

*Oh, pedaço de mim  
Oh, metade amputada de mim  
Leva o que há de ti  
Que a saudade dói latejada  
É assim como uma figada  
No membro que já perdi*  
CHICO BUARQUE DE HOLLANDA  
Versos de *Pedaço de mim*

## **Introdução: Green e a função objetalizante/desobjetalizante**

Desde o *Projeto para uma psicologia científica*, Freud ([1895] 1996) sempre concebeu a dor mental como desprazer, ancorando-a ao princípio de constância e a outros conceitos que reduziam a finalidade da vida mental à

redução de tensões. Em seu primeiro modelo da psique humana, o grande princípio econômico era o princípio de prazer, que consistia na redução das tensões. Mas a observação clínica lhe mostrava cada vez mais que os fenômenos clínicos não se enquadravam na simples obtenção de prazer e evitação da dor,

tampouco na satisfação de desejos. A partir de 1920, na virada da segunda tópica, Freud segue sua trilha de pensamentos numa direção que o leva a postular o conceito da pulsão de morte, propondo que existe um princípio econômico mais primitivo, um princípio que estaria “além” do princípio de prazer, regendo a compulsão à repetição.

Green (1988), por sua vez, vai propor que, embora consideremos as pulsões como entidades primeiras, precisamos admitir a importância do objeto como o revelador das pulsões. Para o autor, o objeto não cria as pulsões, mas é a condição para que elas existam. O bebê, em sua onipotência, alucina ter criado o objeto. Então, podemos pensar que em parte o objeto é criado pelas pulsões, mas, ao mesmo tempo, as pulsões precisam de um objeto que as revele. Com isso, Green propõe que a meta essencial das pulsões de vida é garantir uma função objetalizante. Isso não significa apenas dizer que o papel da pulsão de vida é criar uma relação com o objeto (seja interno, seja externo), mas que ela se revele capaz de transformar estruturas de objeto, mesmo quando o objeto não está mais em questão.

Criar estruturas de objeto significa ter um investimento significativo em tudo aquilo que tem – ou não – as propriedades e os atributos do objeto. O eu pode, portanto, ser o alvo de um desses investimentos significativos, sendo alçado à categoria de objeto do próprio sujeito. No limite, podemos pensar que o próprio investimento é objetalizado. Green nos diz que o mais importante nas teorias das relações objetais deve ser não o objeto por si só, mas sim a função objetalizante.

Se, por um lado, a meta da pulsão de vida é a função objetalizante, por outro lado, Green vai argumentar que a meta da pulsão de morte é realizar ao máximo uma função desobjetalizante. Na função desobjetalizante, não é somente o objeto que é atacado, mas também todos os seus substitutos, inclusive o eu (ou seja, o próprio investimento que

recebeu o processo de objetalização). Para Green, portanto, a manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento do objeto, que pode ser um objeto externo, um objeto interno, ou até mesmo o próprio eu do sujeito.

Tudo isso levou Green a defender a hipótese de um narcisismo negativo, um desinvestimento no eu, que tem como aspiração ao nível zero. A título de exemplo, Green aponta que a função desobjetalizante pode ser percebida como dominante nos quadros clínicos de melancolia, autismo, psicose crônica e em alguns quadros psicossomáticos.

Para Green (2008, 2010), o objeto precisa se deixar ser apagado pelo sujeito, a isso ele chamou de negatividade positiva. O objeto não pode ser presente demais, nem ausente demais; precisa ser suficientemente bom, falhar na medida certa, pois o objeto que não se deixa apagar (negativar) se transforma num objeto absolutamente necessário, num objeto absoluto. O objeto excessivamente presente não consegue ser introjetado como estrutura, ocupa permanentemente o espaço psíquico que deveria ficar vazio para que o desejo e o ego do bebê possam se estruturar. Assim, o objeto absoluto deixa de ser quem contém a pulsão e ao invés de torná-la tolerável, a torna inassimilável. Isso ocorre quando o trabalho do negativo fracassou em sua função de negatificação do objeto primário. Nesses casos, o sujeito fica num *looping* de esforço contínuo de tentar se separar do objeto.

A partir dos referenciais teóricos listados acima, apresento a seguir fragmentos de uma análise em que as desintrinsicções pulsionais se mostram de forma bastante marcada. Refletiremos o caso tomando como ponto de partida as postulações de André Green acerca da importância do trabalho do negativo como uma tentativa legítima de existência psíquica. Ao refletir sobre o caráter desobjetalizante da pulsão de morte presente nos casos de melancolia, passaremos também pelas postulações de Benno Rosenberg acerca do

masoquismo mortífero e do masoquismo guardião da vida.

### **Fragmento clínico: o vazio avassalador e uma devastadora culpa inconsciente**

Em uma das passagens de *O ego e o id*, Freud ([1923] 1996) pondera sobre um poderoso e inconsciente sentimento de culpa possível de ser detectado em alguns criminosos, antes mesmo que pratiquem seu primeiro crime. Freud nos diz que é como se fosse um alívio poder ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo real e imediato. A paciente que ilustra os fragmentos que apresento a seguir, me faz muito lembrar tal passagem freudiana.

Luciene, 30 anos, chega a meu consultório falando muito pouco. Permeando suas poucas palavras, muitas lágrimas e um vazio silenciosamente avassalador. Ao longo das sessões, em seus poucos relatos, fala de uma tristeza que acredita sentir desde criança, de episódios de traição do marido e em retornar a sua terra natal, para ficar ao lado de sua mãe – e deixar de ser tão triste. Conta-me também, com muita dificuldade em conectar-se aos seus sentimentos, que se sente “sem paciência” com o marido, com os afazeres domésticos, com seu trabalho, com a vida. Gostaria de sumir, desaparecer, morrer. Seu temor católico a Deus já a impedira de se atirar na frente de um carro por duas vezes, me diz ela.

Sinto em Luciene uma apatia paralisante. Uma impossibilidade de desejar. Nem mesmo quando fala sobre retornar à terra natal, não o menciona como um desejo que aspira realizar. Nossos encontros são acompanhados pelo vazio de seu olhar. Paradoxalmente, um vazio que me convoca de forma demandante, um clamor por uma existência, por uma constituição egoica, por pulsão de vida.

Com cem por cento de assiduidade nas sessões, Luciene raramente atrasava, mas nunca atrasos superiores a dois ou três minutos. Mas quando isso ocorria, chegava muito envergonhada, sentia-se muito cul-

pada por estar “muito atrasada”. Certa vez, percebeu que a campainha do consultório não estava funcionando e não bateu à porta, não me ligou nem passou mensagem. Ficou parada em frente ao consultório, por 10 minutos, até ouvir meus passos no interior da sala, quando então se sentiu menos culpada em me passar uma mensagem falando que estava do outro lado da porta.

Embora não se dê conta, o sentimento de culpa inconsciente de Luciene é algo que permeia seus dias. Sessão após sessão, Luciene se queixa (ainda que com pouquíssimas palavras) das noites em que seu marido não retorna do trabalho para casa e do seu receio de novas traições. Sente-se culpada por ele tê-la traído. E ainda mais culpada por não conseguir perdoá-lo. Também sente culpa por estar longe da mãe. Apesar de morarem muito distante, e ela ficar anos seguidos sem visitar a família, diz que se um dia sua mãe morrer não sabe como conseguirá seguir a vida. Sente-se feia, magra demais e culpada por não conseguir se alimentar melhor. Come por obrigação, para não morrer.

### **O objeto que não se deixa apagar e o narcisismo negativo presente na melancolia**

Karl Abraham – num ensaio escrito em 1911 e complementado em 1924 – faz uma analogia com a baixa autoestima e autorrecriminação de seus pacientes, associando tais sentimentos a uma negação da vida. Tal negação seria uma resposta aos conflitos ambivalentes em sua forma mais primitiva, ainda no estado fusional com a mãe. Abraham classifica que, quando não há êxito na sublimação dos instintos hostis direcionados ao objeto, o sujeito desenvolve um estado de depressão melancólico como saída psíquica, para lidar com as tendências sádico anais que visam a destruir e expelir o objeto.

[...] a tendência em abandonar o objeto de amor tem sua origem na fixação da libido na fase anterior do nível sádico anal. Entretanto,

se descobrirmos que o melancólico se inclina a abandonar essa posição em favor de uma ainda mais primitiva, ou seja, o nível oral, temos então de supor que existem certos pontos de fixação em seu desenvolvimento libidinal que datam da época em que sua vida instintiva se achava ainda centrada principalmente na zona oral (ABRAHAM, 1970 [1924], p. 108).

Vale destacar que Abraham fala do desligamento da libido do mundo externo não a partir da predominância das pulsões agressivas que acabam desembocando numa ambivalência insolúvel, e sim de um desapontamento sofrido por parte do objeto na fase oral pré-ambivalente. Daí viria uma severidade superegoica e uma culpa mordaz pela incapacidade de reintegrar o objeto. Ainda no ensaio de 1924, Abraham cita que uma grave lesão ao narcisismo infantil, produzida por sucessivos desapontamentos amorosos, antes mesmo de os desejos edipianos serem superados, o levaram a concluir que:

[...] a psicogênese da melancolia se acha estreitamente vinculada com os desapontamentos ocorridos no início da vida do paciente, [...] todos os seus desapontamentos subsequentes derivam sua importância do fato de serem repetições do original, toda a soma de sua ira encontra-se, em última análise, dirigida contra uma única pessoa (ABRAHAM, 1970 [1924], p. 108).

Abraham destaca que acredita não haver dúvidas de que a depressão melancólica é provocada por um desapontamento com o objeto. Cita, ainda, que um autoamor e um auto-ódio, assim como uma superestimação e uma subestimação do ego, seriam manifestações de um narcisismo positivo e um narcisismo negativo.

Green (2022), por sua vez, afirma que devemos a Abraham algumas das intuições mais importantes sobre a temática da melancolia, pontuando que:

As ocorrências da pulsão de morte se manifestam muito além do princípio de prazer, onde a morte, tanto a de outrem como a do próprio sujeito, é barrada apenas insuficientemente por um psiquismo “esburacado” (GREEN, 2022, p. 120).

Ao afirmar que não se deve defender a ideia de uma função autodestrutiva que se exprima de forma espontânea e automática, Green aprofunda-se em conceitos que o levam à compreensão do papel tanto da libidinização quanto da destrutividade, a partir das nuances existentes na relação entre pulsão e objeto. Green vai nos dizer que a função intrínseca do objeto é paradoxal: o objeto está lá para estimular, despertar a pulsão, mas ao mesmo tempo contê-la.

Quando o objeto não chega a se fazer esquecer, algo se desvia em sua função de objeto. Citando Winnicott, Green lembra o fundamental papel da mãe suficientemente boa, falível, na constituição da subjetividade. Quando a relação com o objeto é internalizada, o “sim” e o “não” são introjetados. Mas quando o objeto – absolutamente necessário à elaboração da estrutura psíquica – não se apaga, esse excesso da presença (ainda que excesso pela falta) do objeto não dá luz à representação. Em resumo, para poder dizer sim a si mesmo, é preciso poder dizer não ao objeto.

É essencial para a construção do Eu do bebê que lhe permita dizer sim a si mesmo, que a mãe aceite que ele possa lhe dizer não. Não somente sob a forma de ‘Você é má’, mas às vezes também, ‘Você não existe’ (GREEN, 2010 [1986], p. 292).

Para Green, mesmo que se apresentem as pulsões como entidades primeiras, é preciso admitir que o objeto é o revelador das pulsões, é condição para que elas existam. Ele sugere a hipótese de que o objetivo essencial da pulsão de vida é assegurar uma função objetalizante, enquanto a

pulsão de morte tem como objetivo a função desobjetalizante, pelo desligamento. É a partir da negatização do excesso que Green trabalha as noções de presença excessiva do objeto e da ausência excessiva do objeto, impondo-se, a seu modo de ver, a negatização desses excessos em busca de um novo equilíbrio. Esse caminhar teórico o leva a aprofundar-se na hipótese de um narcisismo negativo.

O narcisismo é um investimento no eu como objeto, é o próprio investimento objetalizado. Para Green, quando o próprio eu não é mais objeto da libido, trata-se de um narcisismo negativo como aspiração ao nível zero, expressão de uma função desobjetalizante que não se contentaria em se referir aos objetos, mas ao próprio processo objetalizante. O narcisismo negativo seria, portanto, uma vitória da pulsão de morte, conferindo ao princípio de nirvana uma relativa proeminência ao princípio de prazer. Trata-se não só de abrir mão dos objetos, mas do próprio investir. Quando o objetivo está quase atingido, um sentimento de morte efetiva, um aquém da dor, atinge o próprio sentimento de existir que pode aparecer na melancolia.

Ao passo em que a pulsão de morte seria uma renúncia pulsional, a pulsão de vida – objetalizante – teria como principal consequência a simbolização. Green vai nos falar ainda que do seu ponto de vista a compulsão à repetição também é encontrada em material que não é ação, numa paralisia da comunicação, por exemplo.

Voltando ao fragmento clínico que citei acima, este é um ponto importante no atendimento da minha paciente Luciene, que diz nada se lembrar de sua infância, sejam sentimentos, sejam sensações. Da mesma forma, não se recorda de haver relatos familiares de episódios de sua infância ou de suas irmãs. Em sua impossibilidade de fazer ligações, seu pensamento se esvai, como se não houvesse ligação entre representação coisa e representação palavra.

Se nada ocorre ao paciente, que pode apresentar uma mente vazia, isso se dá obviamente para impedir qualquer associação e, assim, evitar a possibilidade de atribuir um significado ao que ocorre na sessão. Essa não é apenas uma consequência da repressão; é também uma expressão mais radical, um efeito da negação (GREEN, 2007, p. 134).

Green (2007) ressalta, entretanto, que a ligação não se refere apenas à passagem do processo primário ao secundário. Para ele a ligação está relacionada a processos muito primitivos, é uma forma de atividade primitiva intensificada pela organização pulsional. O desligamento, por sua vez, acontece sempre como uma forma de protesto contra a natureza insatisfatória do objeto. Mas o sentido geral não chega a ser revelado ao sujeito, para que se forme um grupo coerente de ideias. O desligamento torna desordenado qualquer grupo de ideias. E é o auge dessa falta de sentido que torna o paciente silencioso. Mesmo que lhe ocorra algo, ele não é capaz de expressar.

### **Masoquismo mortífero ou guardião da vida?**

Antes de entrar no tema específico deste tópico, retorno momentaneamente a Freud. A dialética pulsional sempre foi afirmada em sua obra e é em seu texto *Esboço de psicanálise* ([1938] 1996) que a oposição e o objetivo das pulsões de vida e morte aparece de forma ainda mais nítida, quando afirma que o objetivo de Eros é estabelecer unidas cada vez maiores e assim uni-las e preservá-las.

Corroborando a corrente que enfatiza as relações de objeto na temática pulsional, Rosenberg (2003) destaca o caráter antagonista e heterogêneo das pulsões de morte e vida, afirmando que a intrincação/desintrincação pulsional só é possível por intermédio do objeto. O autor aponta que o antagonismo das pulsões só se torna conflito a partir de uma relação do eu com o objeto, e a relação

amor-ódio é o melhor exemplo dessa relação pulsional.

Para a constituição da ‘unidade’ do objeto, para sua ligação-coerência interna, é preciso que a libido consiga constitui-lo e conservá-lo como é preciso que a pulsão de morte não consiga ‘despedaçar’, desagregar o objeto; mas é necessário que no interior do objeto mantido pela libido a pulsão de morte possa, como efeito de uma desinrinciação bem moderada, não desagregar, mas estabelecer diferenciações internas que constituirão a riqueza do objeto. É a pulsão de morte, conjuntamente com a diferenciação interna que ela produz que dá a possibilidade de uma estruturação complexa do objeto, tornando assim possível da parte do eu, uma relação nuançada com o objeto (ROSENBERG, 2003, p. 162-163).

Considerar a relação dialética inerente ao princípio de prazer, nos remete às considerações freudianas quanto ao *Problema econômico do masoquismo*. Freud ([1924] 1996) conclui o texto afirmando que o masoquismo moral é uma prova clássica da fusão das pulsões de morte e vida. De acordo com Freud, no masoquismo moral é o próprio sofrimento que importa e o masoquista sempre oferece a outra face para receber um novo golpe.

Esse pressuposto me leva novamente à minha paciente Luciene, que oscila entre esperar que seu marido mude seu comportamento e relatos de sentir-se culpada pelas traições e ausências dele. Nas raras vezes em que tenta direcionar sua energia “para cuidar de si mesma” (reproduzindo suas palavras), Luciene fantasia que a solução para sua tristeza seria se reaproximar de um antigo ex-namorado. Troca mensagens com ele, mas seu marido descobre (ou porque ela esquece o celular em cima da mesa e ele vê as mensagens, ou porque talvez ele a tenha visto agindo diferente, ou, quem sabe, ele possa ter clonado seu celular para saber se ela não o trairia, supõe ela). A culpa, portanto, volta a assolá-la, desta vez com uma força ainda mais

avassaladora, afinal, ela merece ser traída por ter trocado mensagens com outro homem. Retomando Freud, lembro das postulações do mestre ao afirmar que o masoquismo cria uma tentação a efetuar ações “pecaminosas”, que devem ser censuradas pela consciência sádica.

Freud associa o masoquismo a um superego sádico, herdeiro do complexo de Édipo. Entretanto, como citado anteriormente, sintoma que algo na constituição egoica de Luciene clama por socorro, por um pedido desesperado de integração, de, antes de mais nada, existir. Nas sessões de Luciene me deparo com seu profundo medo de desmoronamento e colapso (WINNICOTT, 1963). Talvez Luciene tenha encontrado em sua “tristeza”, a única saída para sua sobrevivência psíquica.

Rosenberg vai nos propor que o masoquismo erógeno primário é, acima de tudo, um masoquismo guardião da vida. Complementa seu pensamento propondo que o masoquismo mortífero é um masoquismo que deu certo demais, quando o sujeito investe de forma maciça toda a dor e desprazer. O masoquismo mortífero, que chama de verdadeiro masoquismo patológico, seria a busca do prazer da excitação em detrimento do prazer da descarga enquanto satisfação objetal.

Citando o texto freudiano *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental* (1911), Rosenberg retoma a postulação de que a satisfação alucinatória do bebê não impede o desamparo, já que o bebê demonstra ao mesmo tempo seu desprazer. A satisfação alucinatória somente teria sentido em função do estado de desamparo, havendo uma concomitância entre ambos. Rosenberg destaca que isso evidencia a suportabilidade do estado de desamparo condicionada ao masoquismo primário erógeno, que vai permitir a satisfação alucinatória.

O masoquismo, ao assegurar a possibilidade de excitação, não é somente guardião da vida, mas é também o guardião da vida psíquica: a permanência do núcleo masoquista primário

no eu garante a temporalidade-continuidade psíquica, assegurando a continuidade da excitação e impedindo assim, de um lado, a necessidade de descarga imediata e, por outro lado, pela presença de um mínimo de excitação conservada no próprio seio da descarga, evita que esta última seja (como a descarga imediata) um ponto de descontinuidade, uma ruptura na vida psíquica (ROSENBERG, 2003, p. 108).

Em sua analogia, Rosenberg afirma que o núcleo masoquista erógeno primário é responsável por assegurar a continuidade do eu neurótico, evitando a clivagem até mesmo em situações traumáticas. Na clínica, me deparei com o masoquismo erógeno secundário de Luciene, que, somando-se ao seu masoquismo primário, original, aponta para uma regressão a uma situação primária da mesma natureza. Penso em sua “tristeza” como uma possibilidade de continuidade, de existência. Entretanto, conforme afirmou Freud, onde há intrincação pulsional, a desintrinsicção não está longe. Na medida em que a desintrinsicção pulsional se realiza, o masoquismo se aproxima da pulsão de morte recebendo, assim, uma potencialidade mortífera. De acordo com Rosenberg, isso se encontra nas melancolias graves, em que a desintrinsicção enfraquece a organização masoquista do eu, aumentando assim o risco de suicídio.

Ao enfatizar que a dificuldade do melancólico em desapegar-se do objeto é oriunda do investimento narcisista de objeto, Rosenberg destaca que antes do desapego no trabalho da melancolia é preciso previamente assegurar uma destacabilidade do objeto, visto que as representações do sujeito estão coladas ao objeto. Investir narcisicamente num objeto é investir no eu por meio do objeto, no espelho do objeto. Portanto, desinvestir do objeto, aceitá-lo como perdido, significaria perder a si mesmo. Por isso, a melancolia experimenta a perda do objeto como uma perda de si. Voltando mais uma vez a Luciene, lembro-me da sensação de de-

investimento narcisista a que nossas sessões me remetem, a sua quase inexistência sem seu marido ou sua mãe por perto.

### Considerações finais

Iniciei este trabalho com a citação de um denso poema de Chico Buarque de Holanda. De alguma forma, durante um dos meus encontros com Luciene, o trecho citado de *Pedacinho de mim* me veio à mente, como se parte dela tivesse ficado com o objeto, impossibilitando-a de sentir-se integrada. Penso que essa impossibilidade de integração, a faz ter um profundo medo do colapso, denotando um impasse em adquirir referências internas próprias. Finalizando estas páginas, recorro novamente a Chico Buarque, retirando o seguinte trecho de *Mulheres de Atenas*: “Elas não têm gosto ou vontade, nem defeito, nem qualidade, têm medo apenas”. Assim percebo a chegada de Luciene na análise, sem gosto ou vontade, impossibilitada de desejar.

Seus marcados traços melancólicos, caminhando lado a lado com uma frágil constituição egoica me remeteram aos pensamentos de André Green sobre o objeto absolutamente necessário, tão excessivamente presente que não consegue ser introjetado como estrutura, não dando espaço para que o desejo e o ego do bebê possam se estruturar. Ao longo da reflexão para a elaboração deste trabalho, os seguintes pensamentos ecoam em mim de forma mais marcante: a importância do trabalho do negativo como uma tentativa de existência, assim como a saída masoquista pode se apresentar como o único guardião possível para a manutenção da existência psíquica.

O manejo nesses tipos de caso é delicado. O analista precisa suportar os silêncios do *setting*, mas ao mesmo tempo precisa perceber a demanda invocante presente no silêncio do paciente. Num *looping* de esforço contínuo em tentar se separar do objeto, Luciene clamava por uma constituição egoica que a permitisse se sentir viva sem o adesivamento com o outro.

Creio que vale lembrar Ferenczi, no texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*:

De acordo com minhas tentativas de ‘elasticidade’ da técnica analítica... nesses casos de diminuição do prazer de viver, vi-me, pouco a pouco, na obrigação de reduzir cada vez mais as exigências quanto à capacidade de trabalho dos pacientes... deve-se deixar, durante algum tempo, o paciente agir como uma criança [...] Somente mais tarde é que se pode abordar, com prudência, as exigências de frustração (FERENCZI, 1929, p. 59).

Penso que o desamparo sentido por Luciene ocorre em relação a um outro corpo, o materno. Recordo-me de sua fala ao citar a falta que sente de dormir ao lado da mãe, “agarradinha com ela”. Em contrapartida, existir apenas a partir do objeto é algo que Luciene tenta elaborar de alguma forma, na sua compulsão à repetição. Muda de cidade, mas apesar de dizer que sente falta do colo da mãe, nunca retorna à terra natal. Num paradoxo complexo, pensa que somente será capaz de não ser triste se retornar ao colo materno. Da mesma forma, o repete em relação ao marido, manda-o para fora de casa, mas quando ele vai, sente-se desmoronando.

Através da análise, Luciene buscou um abrigo que lhe permitisse transformar sua “caverna em um verdadeiro lar” (DELOUYA, 2014). Luciene projetou suas pulsões de vida no processo de análise, em busca de um contorno que lhe faltava. Mas, assim como postulado por Ferenczi, recordo que em meu divã encontro uma criança em busca de constituição. E, assim como as crianças que tentam migrar do estado de dependência absoluta, para a dependência relativa, e um posterior rumo à independência, Luciene se apresentou inicialmente em meu consultório com pouca capacidade de simbolizar, de atingir uma representação palavra.

Penso caber aqui uma citação de André Martins que ilustra minhas reflexões:

Caberá ao analista – mediante uma postura que sobreviva às inseguranças do paciente, atualizadas transferencialmente, seja de forma atuada ou verbalizada – permitir que o paciente vivencie uma experiência de continuidade e confiança primeva... a fim de integrar não, ou não diretamente, a personalidade consciente ou egoica, mas o que estava dissociado em seus mecanismos psíquicos inconscientes (MARTINS, 2009, p. 353).

Ao iniciar a análise, todos os sentimentos, sensações e vivências de Luciene eram descritos de forma muito fragmentada, apenas pelo seguinte conjunto de palavras: “tristeza” e “falta de paciência”. Em dado momento da nossa caminhada, ela conseguiu espontaneamente usar a palavra “angústia” para se referir a algo que estava sentindo. Tal qual fazemos com uma criança quando amplia seu vocabulário, comemoro a entrada desta nova palavra em nossa dinâmica. Se apropriar da palavra “angústia” foi também a possibilidade de começar a acessar sentimentos e sensações até então não simbolizados, representados apenas pelo silêncio e vazio de seu olhar até então.

No início de nosso percurso, o auge da falta de sentido tornava Luciene silenciosa. Mesmo que algo lhe ocorresse, ela não era capaz de expressar. Se considerarmos a pulsão de morte como uma renúncia pulsional e a principal consequência da pulsão de vida como sendo a simbolização, talvez não seja otimista demais pensar que a entrada desta nova palavra na cadeia simbólica de Luciene tenha sido um novo começo para que ela começasse a dizer sim a si mesma. Na luta entre as pulsões de vida e de morte, a análise de Luciene nos mostra que a função objetalizante não cessa em procurar formas de ganhar a batalha.



**Abstract**

*The paper presents some clinical fragments of a patient with marked traces of melancholia, nuances of unconscious guilt and impossibilities of symbolization. We bring up André Green's postulations about the deobjectifying function and negative narcissism. The object that cannot be erased occupies the psychic space that should be left empty so that the baby's desire and ego can be structured. This occurs when the work of the negative has failed in its function of negating the primary object. Considering that the melancholic subject experiences the loss of the object as a loss of himself, we will also think about the availability of the state of helplessness present in primary erogenous masochism, which leads us to Rosenberg's scores about deadly masochism and life-preserving masochism.*

**Keywords:** *Objectifying/deobjectifying function, Deadly masochism/life-preserving masochism, Melancholia, Negative narcissism, Work of the negative.*

**Referências**

ABRAHAM, K. *Teoria psicanalítica da libido*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

DELOUYA, D. *Depressão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

FERENCZI, S. *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929). Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 55-60. (Obras completas de Sándor Ferenczi, 4).

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: \_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 17-75. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: \_\_\_\_\_. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 157-221. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: \_\_\_\_\_. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 237-244. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27-80. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 177-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: \_\_\_\_\_. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 347-454. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

GREEN, A. *O trabalho do negativo*. Tradução: Fatima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GREEN, A. *A pulsão de morte*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.

GREEN, A. Compulsão à repetição e o princípio de prazer. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 41, n. 4, p. 133-141, 2007.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução: Celia Gambini. São Paulo: Escuta, 2008.

GREEN, A. *Por que as pulsões de destruição ou de morte?* Tradução: Vanise Dresch. São Paulo: Blucher, 2022.

MARTINS, A. *Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

ROSENBERG, B. *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. Tradução: Celia Gambini. São Paulo: Escuta, 2003.

TOSTES, I; WINOGRAD, M. *Pulsão de morte e o trabalho do negativo: uma introdução*. Curitiba: Appris, 2019.

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo (1963). In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: Irineo Constantino Schuch Oritiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 79-87.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso (break-down) (1963). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (orgs.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 70-76.

ZALTZMAN, N. *A pulsão anarquista*. Tradução: Anna Cristina Ribeiro Aguiar. São Paulo: Escuta, 1993.

## Sobre a autora

### Márcia Alves da Rocha

Bacharel em comunicação social.  
MBA pela Fundação Getúlio Vargas.  
Pós-graduada em gestão e recursos humanos pela PUC-RJ.

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Professora do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.

Supervisora clínica dos candidatos em formação no Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Integrante do Grupo de Trabalho sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.

Integrante do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância (NEPI) do CBP-RJ.

Coautora do livro *Transexualidades: reflexões psicanalíticas sobre gênero e Édipo*.

Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF).

**E-mail:** marcia\_a\_rocha@hotmail.com

**Recebido em:** 10/8/2022

**Aprovado em:** 28/10/2022

# Escutando o corpo

*Listening to the Body*

Marcia Costa Barbosa

## Resumo

Cada vez mais, observamos em nossa clínica analisandos que apresentam um discurso vazio, que evoca nossas sensações, dando origem a uma experiência que vai além do uso e da apreensão da própria palavra. Por meio da apresentação de fragmentos de um caso clínico e tendo como pano de fundo a teoria psicanalítica, procuro demonstrar como o sujeito corpo pode dar voz ao sofrimento psíquico não passível de elaboração. Experimentando na relação analítica um ambiente flexível e acolhedor (FERENCZI, 1934), mesmo no cenário virtual, o sujeito pode conseguir promover a integração do seu eu.

**Palavras-chave:** Representação, Psicossomática, Trauma.

Ainda que o conceito de inconsciente tenha sido levantado primeiramente em 1889 por Pierre Janet, na obra *Automatismo psíquico* (ELLENBERGER, 1970), foi com Freud que adquiriu sua característica dinâmica e foi alçado ao papel de senhor da subjetividade humana.

Desde então, verificamos que o ato de sofrer é algo inerente à subjetividade, ou seja, depende da relação de percepção e do processamento psíquico de cada sujeito. Assim como o ser humano está inserido numa *Kultur*, produto do desenvolvimento ocorrido através do tempo, a expressão do sofrimento psíquico também varia.

Nesse cenário, o objetivo deste texto é promover uma ligação entre a teoria freudiana – que, no final do século XIX, deu luz ao sofrimento psíquico – e os sofrimentos da ordem psicossomática, que ganharam espaço a partir de meados do século passado, através da Escola de Chicago com as

pesquisas de Franz Alexander e da Escola de Paris, na figura de Pierre Marty e M'Uzman.<sup>1</sup>

O ofício da prática psicanalista vem exigindo dos psicanalistas uma atenção, que muitas vezes vai além da atenção flutuante e da interpretação. Observamos, cada vez mais, em nossos consultórios, analisandos que apresentam um discurso vazio, que evoca nossas sensações, suscitando uma experiência que ultrapassa a utilização e apreensão da palavra em si.

Tendo como pano de fundo a fundamentação teórica, em que os conceitos freudianos de representação coisa e representação palavra são evocados, faz-se o relato de alguns fragmentos de um caso clínico<sup>2</sup> que indicam que o sujeito portador de uma elaboração psíquica empobrecida pode ser acometido de adoecimento físico e/ou adições, desenvolvendo as chamadas patologias psicossomáticas.

1. Não se pode deixar de mencionar a importância de Groddeck (1920) ao destacar a relevância da interação corpo e alma. Para ele, não haveria esse dualismo, tudo seria o *isso*. Entretanto, no presente trabalho, nos deteremos na noção de patologias psicossomáticas desenvolvida a partir da segunda metade do século XX.

2. De maneira a preservar o anonimato do analisando, foram realizadas alterações e condensações nos fragmentos relatados, bem como em seus dados identitários.

## Representação coisa e representação

### palavra: principais pontos

Em 1891, no seu texto *Sobre a concepção das afasias* Freud fez menção ao conceito de representação. A essa época ele argumentou que as experiências do indivíduo vivenciadas no mundo seriam captadas pelos sentidos, gerando um registro na memória. Freud acreditava que, na representação palavra, o organizador seria a sonoridade e na representação coisa, a organização se daria pela percepção visual. Dessa forma, a noção de representação e consciência estariam vinculadas.

No *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895), conforme Laplanche e Pontalis (2001), houve uma evolução na sua linha de raciocínio à medida que foi colocado que as representações poderiam ser formuladas a partir de estímulos internos ou externos, sendo possível ocorrer a associação entre a imagem verbal e a imagem mnêmica. O que ligaria essa representação à consciência seria o índice de qualidade alcançado por essa interligação. Freud tentava, assim, construir uma teoria científica através da compreensão do caminho do afeto no sistema psíquico. Esse raciocínio foi fundamental para o esclarecimento de processo primário e secundário<sup>3</sup> abordado de forma mais detalhada no texto *O inconsciente* ([1915] 2010, p. 110), quando foram considerados os aspectos topológico, dinâmico e econômico do aparelho psíquico.

Ao promover esse passo, Freud sinalizou que a adequada interação do indivíduo com o meio propiciaria a qualidade das articulações psíquicas, derivadas dos múltiplos processos de associação da representação coisa e representação palavra. O desenvolvimento teórico da ocorrência dessa elaboração entre

significantes pré-verbais e a representação palavra estaria presente, além do texto *O inconsciente* ([1915] 2010), nos seus outros artigos metapsicológicos: *Os instintos e seus destinos* ([1915] 2010) e *A repressão* ([1915] 2010).

Nesse sentido, Green (2002) e Laplanche e Postalis (2001) destacaram que, para Freud, o afeto seria não um conceito, mas uma noção, porque envolveria quantidade, variação, movimento e descarga. A noção de afeto não estaria restrita a *quantum*, mas envolveria sensações de prazer e desprazer.

Para Laplanche e Postalis (2001, p. 143), segundo Freud, elaboração psíquica seria:

Expressão [...] para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação corre o risco de ser patogênica. Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas.

Nessa perspectiva, Freud estava afirmando que a pulsão se apresentaria através de dois registros: um ocasionado pela noção de afeto, que indicaria a qualidade e as diferentes variações da quantidade dessa pulsão, e o outro, pela representação.

Assim, a elaboração psíquica contaria com o funcionamento do mecanismo de recalque, que, através de associações e deslocamentos, promoveria uma espécie de protetor psíquico para a descarga pulsional. Segundo o autor, as neuroses de transferência seriam decorrentes de aspectos topológicos, dinâmicos e econômicos que explicariam o caminho desse afeto advindo da vivência sexual infantil: no caso da histeria de conversão, a conversão seria num corpo erógeno; no caso da neurose obsessiva, haveria um deslocamento do afeto para pensamentos e ações ruminativos decorrentes de falhas nesse processo elaborativo; e no caso das fobias, haveria um deslocamento do afeto e sua conseqüente ligação a outros representantes.

3. Esses conceitos foram apresentados em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900), advindos das ideias desenvolvidas por Freud e Breuer em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895).

Ao conferir essa noção de afeto, bem como conceituar o processo de elaboração psíquica, Freud indicou que a plasticidade psíquica de cada indivíduo seria advinda da interação do seu mundo interno com o mundo externo, bem como de suas relações intrapsíquicas, e o corpo do sujeito seria a interface dos ambientes.<sup>4</sup>

Seguindo essa linha, no texto *Além do princípio do prazer*, Freud ([1920] 2010, p. 190), escreveu:

São os órgãos dos sentidos que contêm, no essencial, dispositivos para a recepção de estímulos específicos, mas também mecanismos especiais para ainda proteger contra excessivos montantes de estímulos e deter espécies inadequadas de estímulos. É característico o fato de elaborarem quantidades muito pequenas de estímulos externos[...] Mas essa camada sensível, que se tornará o sistema Cs, também recebe estímulos vindos de dentro; a posição do sistema, que fica entre o exterior e o interior, e a *diversidade das condições para que haja influência de um ou de outro lado tornam-se decisivas para a operação do sistema e de todo aparelho psíquico* (Grifo nosso).

Quando Freud afirma que as diversas condições existentes seriam responsáveis pelo desenvolvimento e pela qualidade do funcionamento psíquico, podemos concluir que estava falando do período mais primitivo da primeira infância, quando o sujeito ainda estaria na fase do autoerotismo e que a mãe funcionaria como parte desse corpo. Em outras palavras, crianças que foram expostas a traumas contínuos no período pré-verbal e atravessadas por estímulos externos, tendem a desenvolver um sistema de representação pobre, uma vez que o processo de associações entre as representações coisa e as representações palavra não foi realizado de forma satisfatória.

4. Em *O ego e o id* Freud (1920) afirma que o ego é antes de tudo corporal.

Nesse caso, o mecanismo de recalque seria ineficiente ou mesmo inexistente, pois o adequado intrincamento pulsional com o objeto não teria ocorrido. Consequentemente, os deslocamentos e as condensações próprios ao funcionamento do aparelho psíquico se dariam de maneira insatisfatória ou não aconteceriam e a atividade onírica do sujeito também seria deficitária.

De posse dessas considerações, diferentemente do que defendiam alguns médicos e psicanalistas, podemos pensar que certos pacientes somáticos, com os quais nos deparamos na clínica contemporânea, podem apresentar a gênese de suas patologias advindas de desequilíbrios no processo de elaboração psíquica.

### **Psicossomática: a escola de Chicago e a escola de Paris**

Em meados do século XX, foi desenvolvido um estudo em torno do que viria a se chamar medicina psicossomática. O ponto de partida foi dado por Franz Alexander ([1950] 1989), quando realizou um estudo que relacionava a ocorrência de algumas doenças físicas com determinados tipos de personalidade. Através de critérios estatísticos, o autor tentou correlacionar que certas situações vivenciadas pelo sujeito conjugadas com características constituintes desse sujeito, levariam ao desenvolvimento de patologias psicossomáticas. Mirsky e colaboradores (1950), também nessa linha de trabalho, tentaram provar que jovens, que apresentam um determinado elemento, em quantidade diferencial da normalidade, na corrente sanguínea, desenvolveriam úlcera gástrica, caso viessem a servir como soldados.

Entretanto, do ponto de vista psicanalítico, essa visão se mostrou bastante precária, na medida em que não levava em consideração o que é mais caro à psicanálise: a subjetividade de cada um.

Já na França, a chamada Escola de Paris, representada por Pierre Marty e M'Uzan, a partir da década de 1960, desenvolveu o con-

ceito de pensamento operatório (MARTY e M'UZAN, 1994), no qual a existência, ainda que não se restringisse apenas aos pacientes psicossomáticos, estaria presente neles como modo de funcionamento psíquico.

O pensamento operatório seria uma estrutura psíquica bastante peculiar, em que a descrição das emoções e, até mesmo, dos sentimentos pelo sujeito seria prejudicada.

Nessa mesma linha, Sifneos (1973) criou o termo “alexitimia”, que consistiria na ausência de palavras capazes de descrever as emoções, refletida no discurso dos pacientes esvaziados de afeto: as representações que chegariam ao pré-consciente desse sujeito não teriam passado pelo processo de intrincamento pulsional (Eros e Tânatos) e o mecanismo de recalque não teria acontecido.

No pensamento operatório, a palavra não estaria articulada com experiências vividas e, assim, no *setting* analítico, o paciente não conseguiria promover a associação livre, além de apresentar um relato de produção onírica empobrecida.

Joyce McDougall (2000) levou em consideração esses conceitos, estendendo o estudo da psicossomática um pouco mais além. Segundo a autora, sua experiência clínica apontava que alguns analisandos, durante as sessões, demonstraram esse tipo de discurso. Entretanto noutros, o sujeito chegava a ter consciência da força de suas emoções, mas da mesma forma, o escoamento de seu afeto seria dado pela ação, através do corpo. Para ela, o que estaria em jogo nos pacientes psicossomáticos seria o conceito de desafetação, e isso seria refletido na dificuldade de o sujeito distinguir um afeto do outro. Essa desarticulação psíquica faria com que, diante de situações causadores de estresse, como a perda de um trabalho, de um ente querido ou de um acidente, a dor psíquica se daria por um sinal não verbal, seja através do adoecimento físico, seja através de males que afetem os órgãos, seja através de adições.

Para McDougall, o objeto aditivo, apesar de poder ter uma natureza letal, funciona-

ria como a prótese do objeto cuidador, não introjetado, em decorrência de falha ambiental ocorrida nos primórdios da primeira infância. Nas palavras de Roussillon (2015), esse ambiente inadequado não propiciaria a passagem do bebê de um autoerotismo para um narcisismo protetor do *self*, e o corpo se tornaria, dessa forma o próprio objeto: um corpo de autoerotismo defensivo.

Nesse sentido, a desafetação seria fruto de uma experiência arcaica do bebê junto a uma mãe que não conseguiu desempenhar um papel de “tradutora” e de paraexcitação das sensações mais intensas “sentidas”.<sup>5</sup> Nesse caso, ocorreria para esse *infans* uma privação de elaboração psíquica. A autora acrescentou ainda que sua prática clínica indicou que, se a escuta do analista não estiver atenta a esse mecanismo de funcionamento do paciente, ele poderia vir a passar anos em análise sem fornecer acesso à dinâmica que seu quadro psicossomático<sup>6</sup> apresenta.

McDougall (2000, p. 116) sintetizou seu conceito de desafetação, articulando-o com os conceitos freudianos:

Uma dissociação entre representação palavra e a representação coisa, fazendo com que os sinais de angústia se tornem equivalentes de uma representação coisa, destacada da representação palavra que daria sentido à experiência (para a criancinha, o corpo é vivido como um objeto-coisa pertencente ao mundo externo).

5. Na linguagem de Winnicott, diríamos que a mãe não foi suficientemente boa, ou seja, não atendeu as reais necessidades do bebê.

6. Para a descrição de um caso clínico ver McDougall (2000, p. 135).

### **Fragmentos de um caso clínico:<sup>7</sup> da sensação de vazio à possibilidade de representação da experiência vivida**

Com base nos aspectos teóricos descritos até aqui, passaremos ao relato de alguns fragmentos de um caso clínico, onde o corpo do sujeito deu voz ao seu sofrimento psíquico não passível de elaboração.

Cassus era um rapaz de 25 anos. Alto, forte, com muitas tatuagens.

Na primeira entrevista, atentando as sensações que o potencial analisando me despertava, reparei que a despeito de sua aparência física, seu olhar e seu gestual geraram em mim, a sensação de estar diante de um menino indefeso e bastante inseguro.

Procurou a análise porque se dizia viciado em drogas. Apesar disso, contou que era gerente em uma empresa e que “funcionava”, pois conseguia ir “virado” das festas para o trabalho, sem causar danos a sua produtividade.

Antes de deixar o consultório, me mostrou uma tatuagem no braço e declarou que o desenho se tratava de um barco à deriva.

Ao longo das sessões, sempre falava que foi gordo. Relatou que seu pai havia morrido abruptamente quando ele contava com 15 anos e que aos 16, usava manequim 48.<sup>8</sup> Era, então, chamado de “baby monster”. Entretanto, contou isso como algo banal.

À época, desenvolveu bulimia, perdendo mais de 20 kg. Somente depois de muito tempo, foi descoberto pela mãe vomitando no banheiro.

Após algumas brigas, passou a ingerir, diariamente, um suco que continha “um monte de coisas batidas”, preparado pela mãe, ao amanhecer, antes dela sair para o trabalho.

7. Conforme mencionado, de maneira a preservar o anonimato do analisando, foram realizadas alterações e condensações nos fragmentos relatados, bem como em seus dados identitários.

8. É importante frisar que nessa fala sua ênfase estava no tamanho do seu manequim e não na morte do pai. Só falará sobre isso muito tempo depois.

Essa rotina era acompanhada da declaração frequente que Cassus nunca havia dado trabalho, mas que depois de velho, estava dando muitas alterações.<sup>9</sup>

O que me chamava a atenção era que todos os relatos eram feitos sem afetação. Qualquer manifestação que eu tentasse sinalizar a ocorrência de um desamparo era refutada com a declaração que ele amava muito a mãe que havia trabalhado muito para criá-lo. Com certa frequência, dizia que não poderia imaginar que a mãe pudesse morrer, pois era tudo que ele tinha.

Quando falava isso, em seguida, ficava em silêncio.

Nessas ocasiões, eu tinha a sensação de cair no vazio e pensava na angústia de aniquilamento do bebê, no processo de dependência absoluta.

Nos primeiros meses da análise, Cassus se dizia meio gordo e que estava fazendo um esforço grande para retornar à malhação. Todavia, observava em silêncio, que não estava acima do peso: sua imagem corporal era diferente da percebida por ele.

Outro ponto importante era que em todas as sessões, relatava que não estava mais vendo a ex-namorada, a qual namorou pelo período de 5 anos e que ainda amava.

Segundo ele, seus problemas começaram, quando perdeu, de forma abrupta, o emprego de administrador numa empresa comercial.

Dizia que em decorrência desse trabalho havia experimentado uma ascensão socioeconômica mudando da casa da mãe, localizada num bairro humilde do subúrbio carioca para um apartamento na Zona Sul. Entretanto, no desempenho de sua função começou a observar práticas trabalhistas irregulares por parte da direção da empresa. As conversas, pouco amistosas, a respeito destas questões, eram frequentes e, após um ano, foi desligado da companhia.

9. Ele tinha 16 anos!

Apesar dos meses de atritos, pelo seu relato, ficou evidente que não percebeu que o processo conflituoso que estava vivendo com o chefe, o levaria a ser demitido.

Desempregado, voltou a morar na casa da mãe, que o acolheu, sem nenhum tipo de questionamento.

Retratava a mãe como uma pessoa muito calada e que, raramente, emitia qualquer opinião. Dizia que ela não perguntava nada sobre sua vida. Segundo Cassus, ele também não sabia o que a mãe sentia.

Passou, então, a beber muito e a se sentir um nada. Mesmo amando a namorada propôs uma relação aberta, sem compromisso.

Indagado porque havia proposto isso, respondeu:

– Eu achei que ela não estava me botando um freio...Tava muito solto...- e completou,

– Eu nunca tive um freio. Depois que fui mandado embora, fiquei uns dois meses só querendo saber de tomar cerveja, saindo sozinho e aí, quando eu pedi para ter uma relação aberta, ela só falou: “É isso que você quer? Tudo bem!”

Perguntei sobre o que sentiu e ele disse que teve uma sensação de “vácuo” e acrescentou:

– Acho que queria que ela brigasse por mim, mas tadinha, ela é muito na dela.

Então falei:

– O que você chama de colocar freio é isso, brigar por você?

Após alguns minutos de silêncio, relatou:

– Desde os seis anos, depois que meu pai foi embora, eu fico sozinho em casa. Até para a escola eu tinha um despertador. Minha mãe tentou várias vizinhas babás, mas eu odiava. Elas me tratavam mal. E continuou:

– Minha mãe<sup>10</sup> tadinha, tinha que trabalhar! Eu sempre fui muito sozinho. Tem uma coisa boa nisso, me viro!

– Vira?

– Pô, me sustento desde os 16 anos!

Das falas de Cassus ficava claro que não conseguia elaborar seu abandono. A evitação disso era dada por um discurso totalmente concreto. Prematuramente se sustentava porque não havia sido acolhido. Ao escutá-lo, pensava no conceito da mãe morta, de Green (1988).

Ao longo da análise, foi ficando claro que a mãe de Cassus era uma pessoa depressiva, e que jamais superou a saída do marido de casa. Meu paciente contou que o pai deixou a casa após uma briga, mas que nunca soube o que realmente havia acontecido. Por algum tempo perguntava quando o pai iria chegar, mas não obtinha resposta. Depois de uns dois anos, começou a visitar o pai, que já vivia com a madrasta.

Minha impressão era que a fala sobre a mãe se referia a ele próprio, não conseguia saber, nem nomear, seus sentimentos. Ao propor à namorada uma relação aberta, desejava que ela decifrasse o que ele estava sentindo, provendo uma tradução de sua dor, algo que não havia vivenciado na sua relação com a mãe.

Mais tarde, quando conseguiu se colocar novamente no mercado de trabalho, buscou reatar o namoro, mas suas investidas foram sem sucesso.

Começou a usar mais e mais drogas. Falou que o uso, concomitante com bebida, trazia um alívio, um apagão mental. Nesse período se relacionava com várias mulheres e muitas vezes não se lembrava de nada.<sup>11</sup>

Acabou contraindo uma doença sexualmente transmissível e como tinha uma relação aberta com a ex, precisou informá-la. A partir disso, ela decidiu cortar qualquer relação com ele.

10. Odiava a mãe pelo abandono, mas não havia como suportar esse sentimento. Não era possível que isso fosse traduzido, muito menos, interpretado pelo analista.

11. Na verdade, a prática de Cassus se colocar em risco via sua vida sexual era também bastante presente. Optei no presente trabalho me ater mais à transcrição de trechos referentes à adição química e à relação com a comida. Entretanto, a força da sua pulsão de morte também se dá por essa via.



Nessa sessão, consegui fazer uma intervenção, convocando-o a pensar sobre como a intensidade do seu fazer poderia ser para dar conta da sensação de vazio. Chorando bastante, conseguiu articular que perder alguém ou o trabalho o fazia se sentir oco.

Chamei esse paciente de Cassus, justamente porque o significado em grego é 'vazio'. Na clínica, a capacidade de descrição das emoções pelo paciente se apresentava bastante limitada.

Num outro momento, ao lembrar novamente que ficava sozinho em casa desde os seis anos, disse que começou a cozinhar aos oito, por não aguentar mais o gosto de comida fria.

Com o passar da análise, foi conseguindo fazer algumas associações entre a ocorrência dos apagões de memória com algo doloroso já experimentado, mas esse processo tinha uma cadência muito específica, um ritmo dado pela sua própria respiração.

Em uma sessão, retomando o tema da morte do pai, contou que, ao voltar do sepultamento, ficou uma semana trancado no seu quarto. Disse que só se lembrava de que a mãe deixava a comida na porta dele, não tinha recordação de seus sentimentos nem de conversas. A sensação era de vazio. Foi justamente aí que engordou muito.

Quando quis saber em que condições ocorreu a morte, explicou que nada foi esclarecido. Nessa mesma sessão, conseguiu associar que, quando o pai saiu de casa, ele também não ficou sabendo de nada.

Ao falar isso, declarou que as coisas não tinham muito sentido para ele e que talvez por isso tentava fazer algo o tempo todo.

Nesse momento, falei:

– Olha o que você disse: tenho que fazer algo o tempo todo.

Ele, então, respondeu:

– Quando estou fazendo, me sinto real.

– Então para ser real, só fazendo.

Fica em silêncio. Após alguns instantes disse que se sentia uma máquina, se parasse

seria algo inútil, mas que precisava às vezes se desligar, pois parecia que ia explodir.

Perguntei se a bebida e as drogas eram para isso e ele respondeu que achava que sim.

A ocorrência da pandemia em março de 2020 e os consequentes efeitos econômicos na sociedade acabaram por gerar a perda de emprego por Cassus<sup>12</sup> e ele se viu vivendo a reedição de seu desamparo.

Conforme destacado, McDougall (2000) diz que sua experiência clínica revela que pacientes que sofrem de desafetação, estão sujeitos a sucumbir a doenças psicossomáticas, quando algum episódio real de perda ocorre.

No dia em que recebeu a notícia do seu desligamento, Cassus me enviou um áudio contando o ocorrido e informando que não iria fazer a sessão (já *on-line*), pois, como seria o último dia na função, ficaria no escritório até mais tarde. Diante disso, ofereci a disponibilidade de um horário no dia seguinte e ele aceitou.

Entretanto, desapareceu da análise por duas semanas. Enviei mensagens, mas não havia respostas. Passado esse tempo, entrou em contato por mensagem de voz, dizendo que depositaria os valores das sessões realizadas, mas que não poderia continuar, pois desempregado, não poderia pagar. Sugeri, então, uma sessão para tratarmos do assunto e ele concordou.

A sessão foi feita sem vídeo, a pedido dele. Os momentos de silêncio foram grandes. Minha sensação era estar diante de um "buraco" que impedia o meu acesso. Sentia, através da respiração dele e da cadência de seus momentos de silêncio, seu sofrimento.

Informei a ele que podia sentir o quanto estava difícil e doloroso, e que não se tratava de interromper a análise por causa da falta de dinheiro. A análise implicava o estabelecimento de uma relação entre analisando e analista, capaz de suportar solavancos e que

12. Nessa época, Cassus havia trocado de emprego e estava trabalhando na área financeira de uma empresa de grande porte. Ainda estava em período de experiência.

essa relação não era baseada numa *performance* dele. Ele precisava saber que aquele espaço era para ele ser e não para performar.

A essa minha colocação, ele respondeu:

– Eu perdi tudo, não tenho nada. Falar do quê? É um vazio... Não faço nada. Estou há quinze dias trancado no meu quarto.

Conforme descrito, Cassus era um sujeito onde seu fazer era posto no lugar do ser. Ao longo da sua infância, diante de uma mãe desvitalizada e de um pai ausente, não vivenciou um ambiente em que fosse possível a tradução de suas sensações de forma adequada.

Por isso, era preciso que nesse momento o analista fosse ativo,<sup>13</sup> atento, tradutor das suas necessidades e sensações. Era preciso que eu brigasse por ele. A apatia da mãe, revivida com a namorada, quando da ocasião do término do namoro, não poderia ser experimentada novamente na relação com o analista.

Ao dizer que estaria ali o aguardando no dia seguinte (marquei uma sessão extra), enfatizei, novamente, que aquele espaço era dele. Como resposta imediata, declarou que não sabia que poderia ser assim e que, no dia seguinte, estaria *on-line*.

A partir dessa sessão, Cassus voltou a fazer análise por vídeo. Nunca mais faltou nem se atrasou. Considero que a perda do emprego na pandemia e sua sustentação na análise, acabaram por inaugurar na sua vida a possibilidade de um existir. Estava criando uma possibilidade de sustentação do Eu, para além do que ele havia apreendido sobre essa experiência.

Durante o período de quinze dias em que ficou longe da análise, ganhou 18 kg e raspou a cabeça. Se drogou. Foi assim que se apresentou na sessão. Sua adição e sua compulsão alimentar mostravam através de seu corpo toda a sua desorganização psíquica,

toda a sua necessidade de cuidado, pois os lutos experimentados não haviam sido elaborados.

Quando indagado acerca da sua voracidade, me disse que ela surgia quando estava ansioso, triste.

Diante da resposta indefinida, perguntei:

– Triste? Ansioso?

Respondeu que não sabia a diferença entre tristeza e ansiedade, e acrescentou:

– Começo a devorar a comida. Comendo rápido e muito, fico em suspensão. Não penso em nada.

A análise de Cassus ainda está em andamento, mas já não frequenta as festas que varavam a noite nem usa drogas. Há algum tempo, mantém uma rotina sem excessos, e agora, quando se sente no vácuo, tenta crescer. Diz que a palavra no papel faz mais sentido, não é oca. Nunca me envia seus textos, sem antes perguntar se quero lê-los, indicando a sua não familiaridade com a sensação primordial de se sentir desejado. Aos poucos, está conseguindo entrar em contato com a precariedade da sua primeira infância, refazendo de uma forma positiva essa experiência: vai conseguindo introduzir na sua vida a conjunção “e”, no lugar do “ou”. Já não é mais tudo ou nada: dá os primeiros passos em direção à incorporação do seu fazer no seu ser.

Conforme diz Winnicott, o bebê nasce com certas habilidades que possibilitam a interação com o meio, mas a essa época sua dependência ainda é absoluta. O papel da mãe suficientemente boa seria aquele de reconhecer e atender essa necessidade, promovendo, paulatinamente, sua inserção num circuito cada vez maior, à medida que suas respostas passem a ser menos reflexivas e mais voluntárias. Esse processo acaba fazendo com que o bebê se aproprie da significação de suas sensações e, posteriormente, de suas palavras.

Assim, cada experiência vai deixando um registro, numa aquisição contínua, organizada pela fala da mãe. Esse ritmo cadenciado

13. Ferenczi (2011, vol. III, p. 120) “técnica ativa [...] significava uma intervenção ativa muito menos por parte do médico do que por parte do paciente [...]”

será responsável pela sustentação da relação psique-soma do indivíduo.

Através de seu processo analítico, Cassus vai se apropriando do seu sentir, nomeando suas sensações, tentando entrar em contato com sua dor, evitando, dessa forma, que seu corpo funcione como “para-raios”. Nesse processo rítmico, sua sensação de vazio, vai ganhando sentido.

O barco no mar tatuado em seu braço. Parece não estar mais à deriva. Parece vislumbrar chegar a alguma praia.

### Considerações finais

A partir dos conceitos freudianos de representação coisa e representação palavra, autores pós-freudianos foram expandindo essa metapsicologia, à medida que o sofrimento humano, respondendo a um processo de evolução da *Kultur*, foi se expressando de outras formas.

Na contemporaneidade, os pacientes que chegam ao *setting* analítico, vão além dos portadores de neuroses de transferência. O consumismo, a fugacidade da experiência temporal, a pluralidade de drogas lícitas e ilícitas acabam por criar um ambiente que se reflete no estabelecimento das relações objetivas desde o primórdio da primeira infância.

Nesse sentido, o psicanalista do nosso tempo, diante da pluralidade de rótulos vindos até do próprio DSM (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) deve estar atento aos vários discursos de seus analisandos.

Freud sabia que a dinâmica entre as associações da representação palavra e da representação coisa, seria a responsável pela articulação psíquica do sujeito. Diante disso, o que se pode auferir é que, dependendo da intensidade do trauma vivido pelo indivíduo, quando a função materna primária é desempenhada de forma insuficiente, a dor pode se tornar insuportável e acontecer uma “desobjetivação” com o desintrincamento pulsional, com a conseqüente elaboração psíquica

pobre. Nesse caso, a pulsão de morte estaria solta e passível de descarga no corpo, sempre que um fato da vida real, como luto, perda de emprego ou uma pandemia irrompessem na vida da pessoa.

Através dos fragmentos clínicos relatados, tentei expressar que na atualidade, muitas vezes, podemos estar diante de analisandos que apresentam essa forma psíquica de operar. Nesses casos, cabe ao analista, escutar o corpo do sujeito, corpo que tenta dar sentido à sua existência. O ofício psicanalítico atento a esse tipo de registro poderá auxiliar o sujeito nessa travessia, indo ao encontro do seu sentir e ser, possibilitando um alargamento das suas possibilidades de existência.

### Abstract

*More and more in our clinic, we observe analysands who present an empty speech, which evokes our sensations, giving rise to an experience that goes beyond the use and apprehension of the word itself. Through the presentation of fragments of a clinical case, against the backdrop of psychoanalytic theory, I try to demonstrate how the body subject can give voice to psychic suffering that cannot be elaborated. Experiencing a flexible and welcoming environment (Ferenczi, 1934), even in the virtual setting, the subject may be able to promote the integration of his self.*

**Keywords:** *Representation, Psychosomatic, Trauma.*

## Referências

- ALEXANDER, F. *Medicina psicossomática: princípios e aplicações* (1950). Tradução: C.B. Fischman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CAPITÃO, C. G.; CARVALHO, E. B. Psicossomática: duas abordagens de um mesmo problema. *Psic. Revista da Vetor Editora*, São Paulo, v. 7 n. 2, dez. 2006.
- ELLENBERGER, H. *A descoberta do inconsciente: a história e a evolução da psiquiatria dinâmica*. Livros Básicos, 1970.
- FERENCZI, S. Prolongamentos da “técnica ativa” (1920). In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas).
- FERENCZI, S. Reflexões sobre o trauma (1934). In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas).
- FERNANDES, M. H. *Corpo*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- FERRAZ, F. C. Das neuroses atuais à psicossomática. In: \_\_\_\_\_. FERRAZ, F. C.; VOLICH, R. M. (orgs.). *Psicossoma II: psicossomática psicanalítica*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 23-38.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução: Paulo César de Souza. 1.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, 4).
- FREUD, S. A repressão (1915). In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 82-98. (Obras completas, 12).
- FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239. (Obras completas, 14).
- FREUD, S. O eu e o id (1923). In: \_\_\_\_\_. *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos* (1923-1925). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. (Obras completas, 16).
- FREUD, S. O inconsciente (1915). In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. p. 99-150. (Obras completas, 12).
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81 (Obras completas, 12).
- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* ([1950] (1895). Freudonline.com.br/livros/Volume-01/vol-i-16.
- FREUD, S. *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (1891). Tradução: Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (e-Book Kindle).
- FREUD, S.; BREUER, J. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Tradução: Laura Barreto, revisão da tradução: Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, 2).
- GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- GREEN, A. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- GRODDECK, G. Sobre a psicanálise orgânica no ser humano (1920). In: \_\_\_\_\_. *Estudos psicanalíticos sobre psicossomática*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LAPLANCHE, J.; POSTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 448-451.
- MARTY, P. *Mentalização e psicossomática*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MARTY, P.; M’UZAN, M. O pensamento operatório. *Revista Brasileira de Psicanálise*, n. 28, v. 1, p. 165-174, 1994.
- McDOUGALL, J. *Teatros do corpo*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MELLO FILHO, J.; BURD, M. *Psicossomática hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MIRSKY e col. *Psychosomatic classics*. New York: s. n, 1950.
- NAZARETH, E. R. Pacientes somáticos: falhas na representação. *Psicanálise*, v. 18, n. 1, 2016.
- PERES, R. S.; CAROPRESO, F.; SIMAKE, R. T. A noção de representação em psicanálise: da metapsicologia

gia à psicanálise. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 161-174, 2015.

ROUSSILLON, R. Introduction to the Work on Primary Symbolization. *IPA Congress*. Boston, 2015.

SANTOS, L. N.; MARTINS, A. A originalidade da obra de Georg Groddeck e algumas de suas contribuições para o campo da saúde. @*Interface*, v. 17, n. 44, p. 9-21, jan./mar. 2013.

SIFNEOS, P. E. The Prevalence of "Alexithyme". Characteristics in Psychosomatic Patients. In: \_\_\_\_\_. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 22, 1973. p. 255-262.

SMADJA, C. D. Mélancolie et somatisation. *Revue Française de Psychosomatique*, n. 4, p. 7-24, 2013.

WINNICOTT, D. W. *A natureza humana*. Tradução: Davi Litman Bogomoletz Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 25-50.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade* (1971). Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINOGRAD, M.; TEIXEIRA, L. C. *Afeto e adoecimento do corpo: considerações psicanalíticas*. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 2, p. 165-182, jul./dez. 2011.

**Recebido em:** 12/09/2022

**Aprovado em:** 23/10/2022

## Sobre a autora

### Marcia Costa Barbosa

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).  
Graduada em ciências econômicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).  
Mestre em economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).  
Bolsista do CNPQ, da CAPES e da FAPERJ.  
Prêmio: Projeto de Tese de Mestrado do Programa Nacional de Pesquisa Econômica/ Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada  
- Secretaria de Planejamento (PNPE/IPEA).  
Pós-graduada em história da arte e arquitetura no Brasil pela PUC-RIO.  
Especialização - Winnicott: Experiência e Pensamento, Instituto Sedes Sapientiae (SP).

**E-mail:** marciacostabarbosa@hotmail.com



# *Demandas e desafios na clínica psicanalítica da infância e adolescência<sup>1</sup>*

*Demands and challenges in the childhood and adolescence psychoanalytic clinic*

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

## **Resumo**

Este ensaio objetiva apresentar a implantação, em 2021, do Núcleo de Estudos de Psicanálise da Infância e Adolescência (NEPIA) no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), tendo como uma das primeiras iniciativas a programação de um curso complementar de formação psicanalítica sobre a clínica com crianças e adolescentes. Tal curso destina-se a candidatos em formação que estão trabalhando na clínica. Além de discorrer sobre a implantação do NEPIA, pretende-se abordar alguns fragmentos clínicos que podem ajudar a pensar as demandas e os desafios em relação à atividade clínica, uma vez que essas faixas etárias envolvem um trabalho com as famílias e, às vezes, com as escolas. Por fim, enfatiza-se a necessidade de o analista pensar tanto o sofrimento individual quanto o coletivo, assim como as possíveis mudanças nas relações nas últimas décadas. Os principais autores que dão suporte ao tema são Alvarez, Dolto, Rassial, Kupfer, Gutfreind, entre outros.

**Palavras-chave:** Infância e adolescência, Famílias, Fragmentos clínicos.

Falhas no desenvolvimento primitivo acarretam prejuízos à construção da subjetividade, resultando na dificuldade de evolução do corporal ao psíquico, das sensações às emoções, das percepções às representações.

BATISTELLI; AMORIM et al., 2014, p. 63.

## **Introdução**

Início agradecendo a Anna Lúcia López pelo convite para participar da VII Jornada do NEPSI e contribuir com algumas reflexões. Na história dos 66 anos Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), há muitos registros sobre seus fundadores, conforme

o artigo *História e genealogia do CPRS e do CBP*, de Cléo Mallmann (2014, p. 81). Nele se menciona que o padre Malomar Lund Edelweiss e Gerda Kronfeld, enfermeira de nacionalidade austríaca, tinham estado em Viena, no início da década de 1950, por dois anos, para se analisar com Caruso e realizar a formação em psicanálise.

1. Trabalho apresentado, em grande parte, na VII JORNADA DO NEPSI - *Crianças e adolescentes, como estão chegando à clínica?* do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, em 01 e 02 jul. 2022. Alguns dados foram acrescentados e atualizados.

Em 1956, trouxeram Caruso para uma série de palestras. Ele veio com sua esposa. Ficou por cinco semanas no Brasil fazendo palestras em Pelotas, na PUC de Porto Alegre e na PUC de São Paulo. Na ocasião, em setembro de 1956, fundaram o Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda.

Ao implantar algo em uma instituição, sempre há uma história que se iniciou muito antes, geralmente a partir de uma sensação de falta, percebida por alguém ou por um pequeno grupo. Ingressei no CPRS em 1998, ao sentir as demandas e os desafios na clínica como psicopedagoga, movida pela necessidade de entender melhor as queixas trazidas por mães e pais, bem como os sintomas ou as inibições manifestadas por crianças e adolescentes. A formação psicanalítica, com seu tripé de análise pessoal, seminários e supervisão, possibilitou aperfeiçoar nosso olhar e a escuta na clínica. Aprofundar o referencial de Freud foi encantador, assim como o estudo das psicopatologias, da teoria e da técnica, dos autores Winnicott, Melanie Klein, Margareth Mahler, Spitz, Bowlby, Bion, entre outros. No período do atendimento clínico com supervisão, além dos casos de adultos, chegaram-nos algumas crianças com históricos não tão frequentes.

Nosso ensaio pretende abordar alguns fragmentos clínicos, com a intenção de ajudar a pensar as demandas e os desafios em relação à atividade clínica com crianças e adolescentes, uma vez que essas faixas etárias envolvem um trabalho com as famílias e, por vezes, com as escolas. Todo fragmento clínico referido aqui dispõe de autorização assinada pelos responsáveis. Na sequência, segue um relato da implantação do projeto do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPIA) no CPRS, com o curso complementar de formação psicanalítica *Psicanálise da infância e adolescência*. Por fim, aborda-se a necessidade de o analista pensar o sofrimento tanto individual quanto coletivo, bem como as possíveis mu-

danças nas relações nas últimas décadas e as repercussões disso na constituição do sujeito e na clínica.

## **1 Fragmentos clínicos de crianças e adolescentes**

Um dos primeiros casos atendidos foi o de um menino de 7 anos de idade, adotado pelos avós maternos, fato mantido em segredo, porque ninguém poderia saber que a mãe havia tido um filho, uma vez que era adolescente. No mesmo período, também fomos procurados por um casal com uma filha de 6 anos de idade. Durante a gravidez, no exame de ecografia obstétrica, foi diagnosticado que a bebê estava com hidrocefalia. No período de gestação e posteriormente, essa criança submeteu-se a procedimentos cirúrgicos para implante e controle de válvula no cérebro. Muitas dessas intervenções foram revividas durante as sessões analíticas, quando Vivian (nome fictício) me acomodava na cama do hospital (divã), dizendo que a válvula seria colocada e que eu não tivesse medo. Ela, como mãe, deixaria um paninho comigo sempre que se ausentasse. Dizia que torcia por mim. Aqui o significado do objeto transicional, descrito por Winnicott (1975), estava presente.

Em outras sessões Vivian solicitava brincar de eu ser a “ceguinha”. Quando a mão tremia, ela, como mãe, confortava-me dizendo que estava ali: “Mamãe te ama muito, fica tranquila, filha!”. Mais de uma vez eu me interrogava sobre o que é neurológico e o que é psicossomático quando uma mão treme. Quando eu ficava no estado de cega, ela segurava minha mão para eu poder escrever melhor. Parece que, nessa brincadeira, ela experimentava o que era escrever para mim, como se a minha mão servisse de espelho para ela tentar fazer as letras do seu nome. Com o passar do tempo, as brincadeiras de eu estar cega evoluíram do completamente sem enxergar até não estar mais cega. Então me pedia: “Vamos brincar de mamãe e filhinha?”. As sessões per-



mitiam a Vivian reviver e entender melhor aqueles momentos angustiantes no hospital, projetando em mim suas ansiedades e medos. O caso chegou a ser apresentado em uma jornada do CPRS, realizada em Bento Gonçalves (RS), em 2008, e publicado na revista *Estudos da Psicanálise*, sob o título *Uma criança especial e as contribuições da psicanálise* (POKORSKI, 2012). A esse caso, seguiram-se outros, dos quais vamos apresentar pequenos fragmentos, ilustrando a variedade de demandas e desafios de uma clínica de crianças e adolescentes.

Em 2010, uma mãe professora chegou angustiada à clínica, dizendo que sua filha, do 3.º ano do ensino fundamental, até então nunca havia falado na escola, apesar de falar em casa. Tratava-se de um caso de mutismo seletivo. Esse assunto não era tão novo para mim, mas pouco estudado na época. O caso rendeu alguns escritos: dois artigos na revista *Estudos de Psicanálise* – o primeiro, em parceria com Luís Antônio Pokorski, *A linguagem constituinte do ser humano* (POKORSKI; POKORSKI, 2012), o segundo apresentado em um congresso de Salvador *Psicanálise: quando o falar é um obstáculo* (POKORSKI, 2018), e a tese de doutoramento, que se tornou o livro *O mutismo seletivo no espaço escolar* (POKORSKI, 2019a).

À clínica chegaram casos com diagnóstico de psiquiatras e neurologistas, como síndrome de Williams, em que uma menina de 8 anos apresentava problemas de coordenação motora, afetando várias das condições da aprendizagem escolar, como a alfabetização. Também foi atendido um menino de 9 anos de idade com síndrome de Tourette, caracterizado por tiques múltiplos, motores ou vocais. Gilles de La Tourette, em 1884, então estudante de medicina, havia definido a patologia por tiques múltiplos. Freud ([1892-1893] 1996) cita esses estudos dos tiques múltiplos e menciona que Charcot divide-os em dois tipos. Os tiques verdadeiros seriam os de origem neurológica, e os histéricos, de origem psicológica, passíveis de análise e

providos de simbolismo, ou seja, poderiam desaparecer.

Não podemos deixar de citar os casos que chegam à clínica com diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA), nem todos são confirmados por nós. Sobre autismos, temos buscado leituras, cursos e escrito sobre o assunto, inclusive oferecendo ciclos de estudos no CPRS para profissionais da saúde e da educação. Um dos casos atendidos, o de um menino de 11 anos de idade, que apresentamos no Congresso de Psicanálise em Belém (PA), está descrito na revista *Estudos de Psicanálise*, intitulado *A narrativa como intervenção na clínica com autista* (POKORSKI, 2019b).

Outro fragmento de caso que nos impactou foi o de Aurora (nome fictício), na época com 13 anos de idade, cursando o 5.º ano em uma escola particular, com repetências. Ao explicar o motivo da consulta, a mãe relata que Aurora havia passado por várias avaliações e tratamentos com psicóloga, fonoaudiólogas, neurologista e médico do desenvolvimento. As primeiras dificuldades surgiram na linguagem oral, seguidas pelas dificuldades na alfabetização e por certo isolamento na escola. Em um dos diagnósticos, o médico do desenvolvimento e uma psicóloga constataram retardo mental leve e características de autismo.

Após transcorridos os quatro encontros com Aurora, conforme havíamos combinado com a mãe, não foram confirmados os dados mencionados de retardo mental e características de autismo. No quarto encontro, Aurora fez um cartão, no qual desenhou uma faculdade e escreveu, entre outras coisas, “não desista de mim”. Seu grupo de amigas era um tanto restrito, mas observamos que, em um período de quatro anos, ocorreram várias mudanças, como, a troca de uma escola pública para uma particular, a saída dessa escola particular, pois, como reprovou no 5.º ano, a família transferiu-a para outra, onde também repetiu, por duas vezes, o 5.º ano. Ou seja, os colegas muda-

ram bastante em quatro anos. Além disso, nos seus primeiros anos do ensino fundamental, ocorreu a morte da avó materna, acamada por seis anos. Isso mobilizou um luto muito intenso na mãe por um período de vários anos.

Com a devolução dos dados à adolescente, à mãe e à escola, Aurora seguiu o tratamento uma vez na semana comigo, de 2014 a março de 2020, no início da pandemia. Foi indicada uma psicopedagoga para ir à casa dela no turno inverso ao da escola, duas vezes na semana, para ajudá-la nas atividades escolares (temas, trabalhos, provas). Com o tempo, esse acompanhamento psicopedagógico passou a ser semanal. A escola continuou oferecendo prova adaptada de matemática, o que não foi necessário em física e química. Até o final do 2.º ano do ensino médio, poucas vezes Aurora ficou em recuperação. Começou a sair de casa com maior frequência, a encontrar amigas no *shopping*. Além disso, passou a ir a jogos de futebol (Sport Clube Internacional), a realizar leituras de vários livros, assistir a séries e filmes, assim como as viagens passaram a fazer parte da vida da adolescente.

O período da pandemia demandou o atendimento *on-line*, que consideramos um novo desafio, com novas possibilidades. Em 2021, fomos contatados para atendimento *on-line* de pacientes de diferentes faixas etárias, entre os quais destacamos um menino de 5 anos de idade. De acordo com o relato da mãe, havia recebido um diagnóstico não finalizado antes da pandemia, em consulta com um neurologista e duas psicólogas, que informaram à mãe tratar-se de autismo, uma vez que se mostrava muito seletivo na alimentação, manifestava sensibilidade na audição, caminhava na ponta dos pés ao iniciar a marcha. Porém, na segunda entrevista, por videochamada, pelo *WhatsApp*, com a mãe, João (nome fictício) se aproximou do celular com uma caixa para me mostrar alguns dos seus brinquedos. Brinquedo remete à saúde, ao simbólico e ao objeto transicional.

Kupfer e Bernardino (2022, p. 49) apontam o valor de a criança poder fazer uso do brinquedo.

O brincar pode ser visto de três ângulos: como ferramenta para a construção de um sujeito, como expressão da fantasia inconsciente da criança e como ferramenta de elaboração de angústias e conflitos.

Durante as entrevistas preliminares com a mãe, o pai não se mostrou receptivo à entrevista. Após alguns atendimentos, não confirmamos o diagnóstico de transtorno do espectro autista. A linguagem utilizada por João tinha o sentido de comunicação com o outro, o que não se manifesta com facilidade nos autistas. As noções de tempo, apesar da pouca idade, estavam muito bem construídas, manifestando conhecimento sobre situar-se em relação a dias da semana, meses, horas e estações. Consideramos significativo distinguir as potencialidades de uma criança. Calmettes-Jean (2008), em seu artigo *Espera*, analisa a necessidade de estarmos atentos à representação, ao manejo do tempo da criança ou do adolescente e às implicações disso ligadas às funções materna e paterna.

Sinaliza que:

Todo problema grave da personalidade se acompanha de uma alteração da noção do tempo, e as crianças psicóticas ficam perdidas no tempo, o tempo social e o tempo das origens (CALMETTES-JEAN, 2008, p. 88).

A partir de 2022, os atendimentos com João seguiram na modalidade *on-line*, mesmo podendo ser presenciais. O menino frequenta o 2.º ano do ensino fundamental em uma escola pública, evidenciando muito bom relacionamento com a professora e com os colegas, bem como boa aprendizagem. Contudo, percebem-se alguns conflitos resultantes da questão familiar e da separação dos pais.

Para Dolto (2021, p. 12),

[...] é a criança pequena e o adolescente que são porta-vozes de seus pais. Os sintomas de impotência que a criança manifesta são assim uma ressonância às angústias ou aos processos reativos à angústia de seus pais.

Como já mencionamos, os diagnósticos de transtorno do espectro autista que chegam à clínica nem sempre são confirmados a partir das entrevistas preliminares, das escutas nos atendimentos que envolvem o caso. Acreditamos ser necessária uma atenção maior ao trabalho realizado na Universidade de São Paulo (USP), pela equipe de Kupfer e Pinto (2010), mediante pesquisas e intervenções na clínica e com profissionais de saúde e educação. O projeto dos eixos teóricos da pesquisa Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) foi aplicado a bebês nos primeiros 18 meses. Recentemente, Kupfer e Bernardino (2022) deram continuidade a esse estudo com o instrumento Acompanhamento Psicanalítico de Crianças em Escolas, Grupos e Instituições (APEGI) para diferentes idades. O termo “autismos” passou a ser substituído por “entraves estruturantes na constituição psíquica ou do sujeito”.

No instrumento APEGI, de forma resumida, são observados os eixos sinalizadores, (KUPFER; BERNARDINO, 2022, p. 15), especialmente:

- P/RS: presença/reconhecimento de sujeito;
- BF: O brincar e a fantasia;
- CI: O corpo e sua imagem;
- FP: Função paterna;
- FS: Função do semelhante.

## 2. Implantação do NEPIA no CPRS

Tendo como ponto de partida os fragmentos clínicos, vamos voltar a falar da instituição CPRS, que, ao longo dos anos, vem aperfeiçoando a formação psicanalítica dos candi-

datos, reexaminando os temas e os autores estudados nos seminários. A partir de 2009, passamos a ministrar alguns seminários, em que o tema criança e adolescência foi conquistando espaço. Atualmente são dois seminários: Psicanálise da Criança e Psicanálise da Adolescência. Nos Congressos do CBP e em artigos da revista *Estudos de Psicanálise*, descobrimos e acompanhamos relatos da implantação de um espaço específico na formação dos candidatos sobre a psicanálise da infância e adolescência. Em 2011, cria-se “o Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e da Adolescência, o NEPSI, reconhecido e instituído em assembleia do CBP-RJ” (LÓPEZ, 2019, p. 38).

A partir daí, juntamente com outras colegas, pensamos em criar no CPRS um Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPIA). Ao apresentarmos o projeto em uma das reuniões da diretoria, em 2021, foi-nos sugerido pensar um curso complementar de formação, visando a instrumentalizar os candidatos, uma vez que, nas reuniões da Clínica Social, percebia-se que poucos candidatos trabalhavam com essas faixas etárias, embora vários mostrassem interesse, apesar de não se sentirem preparados o suficiente.

Assim, depois de muitas reuniões e discussões, compusemos a programação do curso *complementar de formação psicanalítica: Psicanálise da infância e adolescência*, oferecido, semanalmente, pela plataforma Zoom, em dois semestres. O curso foi organizado de maneira que houvesse, a cada semestre, três módulos, de seis encontros cada, dois deles de supervisão, totalizando seis módulos, com encontros de 1h30min. A duração total é de 56 horas, incluindo o seminário inaugural, em que contamos com a presença de Anna Lúcia López, uma vez que o NEPSI serviu de inspiração ao projeto.

Os seis módulos são:

- As entrevistas e a clínica psicanalítica da infância e adolescência;
- O desenho na clínica;

- As histórias contadas, escritas e compartilhadas;
- A hora do jogo e do brincar na psicanálise;
- Atendimento clínico e intervenção com adolescentes;
- Diagnóstico e intervenções com a criança ou adolescente e família.

A supervisão clínica ocorre ao final de cada módulo, com dois encontros para aprofundar os temas com os casos clínicos trazidos pelos participantes do curso.

### **3. Considerações sobre a clínica contemporânea**

Acreditamos que esse curso se faz cada vez mais necessário, pois a pandemia trouxe um número expressivo de crianças e adolescentes órfãos. Além disso, ela tem atingido bastante o mercado de trabalho, as escolas e as famílias. Temos percebido, nas últimas décadas, outras mudanças decorrentes da globalização, das tecnologias, das relações mais líquidas, o que requer novas pesquisas e entendimentos sobre a constituição do sujeito e o trabalho na clínica.

Para Rassial (2000), o analista deve pensar tanto o sofrimento individual quanto o coletivo. Cita que o estado-limite invadido por afetos contraditórios paralisa a pessoa em seu próprio ser afetado por angústias e depressão insuperáveis; uma desafetação radical:

[...] a combinatória particular da angústia e da depressão no estado limite, o aspecto arcaico desses afetos e a relação com a agressão e a regressão (RASSIAL, 2000, p. 59).

O autor comenta que a depressão envolve perda de valores, de palavras, do mundo, de si mesmo, um medo generalizado da existência. Além disso, questiona se o estado limite é um conceito psicanalítico: “O diagnóstico do estado limite aparece no encontro ilegítimo de duas clínicas: a clínica psiquiátrica e a clínica psicanalítica” (RASSIAL, 2000, p.

17). Além disso, faz uma retomada histórica do diagnóstico de estado-limite nos Estados Unidos e na França e refere os estudos de Bergeret e de André Green. Revela-se, assim, um modo de funcionamento particular, em que o paciente apresenta certa morbidez.

Em relação aos pacientes com funcionamento psíquico mais arcaico, Anne Brun (2018, p. 37-38) define seu significado:

O conceito de arcaico remete à construção do vínculo com o objeto e aos processos de diferenciação com esse objeto, mas o arcaico também continua presente, o tempo todo, em cada um de nós. [...] Pode-se aqui entender arcaico como o que precede a linguagem verbal.

A autora segue a análise dos pacientes que chegam à clínica e aponta que é possível, em alguns casos, um “retraimento da subjetivação”. E acrescenta:

As clínicas que decorrem das patologias narcísico-identitárias, segundo o conceito de René Roussillon, precisam, em particular, recorrer a um trabalho baseado em formas primárias de simbolização (BRUN, 2018, p. 36).

Na psicanálise, o autismo, que entendemos como um funcionamento bastante primitivo em relação ao laço social e ao processo de simbolização, tem sido estudado desde Bleuler (1911), passando pela definição de Kanner (1943), quando o diferenciou de psicose infantil, até os escritos de Hans Asperger, Bettelheim, Mahler, Meltzer, Tustin, Dolto e Winnicott, além das contribuições mais recentes de casos clínicos de Laznik (2004) e Maleval (2017) e das pesquisas da equipe coordenada por Kupfer, na USP, citadas anteriormente.

Não poderíamos deixar de mencionar, entre os estudos sobre autismos, ou seja, os “entraves estruturantes na constituição do sujeito”, as contribuições de Alvarez (2021). Em seu livro *O coração pensante*, descreve

três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes, denominados de explicativo, descritivo e vitalizante.

- No nível explicativo, a criança ou o adolescente tem a capacidade de pensar ou sentir dois pensamentos ao mesmo tempo. É necessário que não esteja muito distante da “posição depressiva” descrita por Klein, que tenha atingido o funcionamento cognitivo, ou seja, tenha “alcançado o desenvolvimento do ego e a formação de símbolo” (ALVAREZ, 2021, p. 17).

- No nível descritivo, o objetivo é atribuir ou ampliar significado. Alvarez (2021) refere-se às crianças que sofreram traumas ou foram negligenciadas. Elas precisam de elucidação e ampliação dos significados, por vezes via dramatização, com comentários verbais. A autora menciona, nesse nível, pacientes com déficit egoico, que apresentam dificuldade de aprendizagem em função de autismo, trauma ou negligência, que manifestam “incapacidade em querer saber”.

- No nível da vitalização intensificada, Alvarez (2021, p. 19) refere as “crianças autistas, desesperadas/apáticas, fragmentadas ou perversas”. Destaca-se aqui a reclamação, uma atividade vitalizante para atingir prejuízos no ego, no *self* ou no objeto interno, pois

[...] são deficiências no *self* e no objeto interno, em que ambos são vivenciados como mortos e vazios, [...] há apatia crônica acerca de relacionamentos que vai além do desespero. Não se espera nada (ALVAREZ, 2021, p. 49).

O terceiro nível é exemplificado por meio de relato de casos. A autora explica que esses três níveis não são vistos de forma estanque, mas é preciso perceber o que predomina no funcionamento psíquico.

A falta do diálogo em várias famílias, especialmente em decorrência do uso mais frequente das tecnologias digitais, possivelmente está trazendo repercussões no corpo e na capacidade de poder simbolizar: “Quando a simbolização falha, algo que deveria ter

sido transformado, derivado, reaparece em seu estado arcaico, primitivo, puro” (SIGAL, 2009, p. 180).

Cabe mencionar que Gutfreind tem contribuído muito para o trabalho na clínica com crianças, adolescentes e família, sinalizando a importância da narrativa, do diálogo, de os pais contarem sua história aos filhos, mesmo sendo fatos triviais. Tudo isso tem a sua importância. Em 2021, Gutfreind lançou o livro *A nova infância em análise* cujo título sugere que algo vem mudando na constituição do sujeito ou no processo de subjetivação. Na obra são descritas várias vinhetas de casos que nos ajudam a pensar diferentes maneiras de possibilitar que o outro possa (re)escrever sua história, dando um sentido a ela. Assim, quem escuta torna-se uma testemunha, ajudando a desfazer mal-entendidos e determinados véus que podem estar deturpando aquilo a ser desvendado.

As crianças chegam com dor na alma, banhada de angústia não dita pelos pais e posta no corpo delas, que, infelizmente, se prestam a isso. Imperam sintomas, sobram atos, faltam pensamentos, escondem-se sentimentos, carece interesse por aquilo que as inibe (GUTFREIND, 2021, p. xii).

Em *O livro dos lugares: dos pais na análise da criança, do bebê na análise do adolescente*, Gutfreind (2022) sinaliza a importância da escuta dos pais e da criança ou do adolescente. Inicialmente, o autor aborda o caso do Pequeno Hans, de 5 anos, em relação ao qual Freud ([1909] 1996) contava com a mediação do pai para a análise. O menino sentia medo de cavalos, como um deslocamento de um sentimento original destinado ao pai. Gutfreind segue comentando autores da psicanálise da atualidade, destacando a presença do processo narrativo na clínica contemporânea. Em seguida, apresenta dois casos clínicos: o de Jonathan (criança) e o de Maria (adolescente), destacando a importância dos pais na análise de crianças e adolescentes.

Por fim, reafirmamos que trabalhar na clínica com a criança, o adolescente e sua família e, por vezes, com a escola requer que estejamos abertos, não apenas ao que lá se passa, mas também às mudanças nas relações, nos vínculos, no uso da palavra, do gesto ou do não dito.

Mouzat (2021) escreve:

A psicanálise aparece, assim, não como remédio ao desbussolamento do homem no mundo globalizado, órfão dos grandes discursos provedores de sentido, mas sim como a possibilidade de fundação de um novo laço social, baseado não mais na palavra cheia de sentido que leva à compreensão entre indivíduos, mas no ressoar da palavra no corpo, além da significação; no lugar do diálogo, monólogos articulados.

### Abstract

*This essay intends to present the implementation, in 2021, of the Center for the Psychoanalysis Study of Childhood and Adolescence (NEPIA) at the Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), which had as one of its first initiatives the programming of a complementary psychoanalytic training course on clinical practice with children and adolescents. The course is aimed at candidates in training who are working in the clinic. Besides discussing the implementation of NEPIA, we will address some clinical fragments that may help to think about the demands and challenges in relation to clinical activity, since these age groups involve work with families and, sometimes, with schools. Finally, we emphasize the need for the analyst to think about both individual and collective suffering, as well as the possible changes in relationships in the last decades. The main authors who provide the framework for this theme are Alvarez, Dolto, Rassial, Kupfer, Gutfreind, among others.*

**Keywords:** *Childhood and adolescence, Families, Clinical fragments.*

## Referências

- ALVAREZ, A. *O coração pensante: três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Blucher, 2021.
- BATISTELLI, F. M. V.; AMORIM, M. G. et al. *Atendimento psicanalítico do autismo*. São Paulo: Zagodoni, 2014.
- BRUN, A. A escuta das formas primárias de simbolização no trabalho analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 35-53, 2018.
- CALMETTES-JEAN, S. Espera. In: BERGÈS, J.; BERGÈS-BOUNES, M.; CALMETTES-JEAN, S. (orgs.). *O que aprendemos com as crianças que não aprendem?* Porto Alegre: CMC, 2008, p. 87-92.
- DOLTO, F. Prefácio. In: MANNONI, M. *A primeira entrevista em psicanálise: um clássico da psicanálise*. Rio de Janeiro: LTC, 2021.
- FREUD, S. Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (1909). In: \_\_\_\_\_. *Dois histórias clínicas: "O pequeno Hans" e "O homem dos ratos"* (1909). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).
- FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: \_\_\_\_\_. *Dois histórias clínicas: "O pequeno Hans" e "O homem dos ratos"* (1909). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 139-215. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).
- FREUD, S. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim (1956 [1886]). In: \_\_\_\_\_. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 39-49. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Um caso de cura pelo hipnotismo (1891). In: \_\_\_\_\_. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 159-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- GUTFREIND, C. *A nova infância em análise*. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- GUTFREIND, C. *O livro dos lugares: dos pais na análise da criança, do bebê na análise do adolescente*. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2022.

KUPFER, M. C.; BERNARDINO, L. F. *APEGI - Acompanhamento psicanalítico de crianças em escolas, grupos e instituições: um instrumento para o trabalho com a criança-sujeito*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2022.

KUPFER, M. C.; PINTO, F. S. N. (orgs.). *Lugar da vida, vinte anos depois: exercícios de educação terapêutica*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2010.

LAZNIK, M.-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma, 2004.

LÓPEZ, A. L. As diversidades da clínica psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52, p. 37-43, dez. 2019. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

MALEVAL, J.-C. *O autista e a sua voz*. Tradução: Paulo Sérgio de Souza Junior. São Paulo: Blucher, 2017.

MALLMANN, C. J. História e genealogia do CPRS e do CBP. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 41, p. 75-86, jul. 2014.

MOUZAT, A. *Comentários sobre o novo livro de Jorge Forbes Inconsciente e responsabilidade*. Disponível em: <http://jorgeforbes.com.br/inconsciente-e-responsabilidade-psicanalise-do-seculo-xxi>. Acesso em: 19 maio 2021.

POKORSKI, M. M. W. F. A narrativa como intervenção na clínica com autista. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52, p. 111-117, dez. 2019b. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

POKORSKI, M. M. W. F. *O mutismo seletivo no espaço escolar*. São Paulo: Diálogo Freiriano, 2019a.

POKORSKI, M. M. W. F. Psicanálise: quando o falar é um obstáculo. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 50, p. 107-114, jul./dez. 2018. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

POKORSKI, M. M. W. F. Uma criança especial e as contribuições da psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 37, p. 71-78, jul. 2012. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise. ISSN 0100-3437.

POKORSKI, M. M. W. F.; POKORSKI, L. A. F. A linguagem constituinte do ser humano. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 38, p. 97-103, dez. 2012. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise. ISSN 0100-3437.

RASSIAL, J. *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

SIGAL, A. M. *Escritos metapsicológicos e clínicos*. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2009.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução: Jose Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

**Recebido em:** 10/08/2022

**Aprovado em:** 28/10/2022

**Sobre a autora**

**Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski**

Psicanalista.

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytical Societies (IFPS).

Psicopedagoga titular.

Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Doutora e pós-doutora em psicologia social pela Universidad Argentina J. Kennedy.

Professora da Faculdade Porto-alegrense de 1996 a 2017.

Coordenadora de seminários de formação psicanalítica no CPRS desde 2009.

Autora de artigos sobre psicopedagogia e psicanálise e do livro *O mutismo seletivo no espaço escolar*.

**E-mail:** mwagnerpokorski@gmail.com



# Quando as identidades aprisionam<sup>1</sup>

*When identities imprison*

Paulo Roberto Ceccarelli

## Resumo

O texto traz reflexões sobre um tema recorrente na atualidade: o politicamente correto. Segundo o autor, a atualidade tem sido marcada por guetos identitários que, a partir do narcisismo das pequenas diferenças, não levam em conta as particularidades identificatórias de cada um e tendem a excluir as que não pertencem ao grupo. Isso produz um aprisionamento identitário que gera preconceito e segregação. A origem do preconceito, segundo o autor, é identitária e não estrutural, o que abre possibilidades de entendimento do preconceito do ponto de vista psicanalítico.

**Palavras-chave:** Identificação, Preconceito, Exclusão, Narcisismo das pequenas diferenças.

*Nada, no estado atual da ciência,  
permite afirmar a superioridade  
ou a inferioridade intelectual  
de uma raça em relação a outra.  
LÉVI-STRAUSS, 1952.*

## Introdução

Gostaria de compartilhar com vocês minhas reflexões sobre um fenômeno que tenho observado cada vez mais na atualidade social, assim como na prática clínica. Trata-se de uma segmentação da subjetividade que faz com que os sujeitos se organizem em grupos “unidos pelas identificações” chegando, às vezes, a negar qualquer possibilidade de alteridade. Esse *aprisionamento identitário* faz com que qualquer outra construção subjetiva, com suas particularidades identificatórias, seja motivo de exclusão e/ou segregação.

Começo com uma pequena digressão sobre um tópico que pesquiso há muitos anos e

que é, por assim dizer, atemporal, por evocar diferenças, sobretudo narcísicas, que acompanham o ser humano desde sua origem: as dinâmicas identificatórias presentes nas identidades.

*Identidade*, mesmo não sendo um conceito psicanalítico, é frequentemente usado na clínica: fala-se de conflitos de identidade, sentimento de identidade, perda de identidade... Em psicanálise, o significante *identidade* só pode ser pensado de maneira dinâmica, por ser dependente dos processos identificatórios: por falta de identidade, somos condenados às identificações. Eis o nosso “destino pulsional” que marca, simultaneamente, nossa “liberdade” e nossos limites.

1. Trabalho apresentado no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS). Algumas observações que surgiram na discussão após a apresentação do texto foram acrescentadas.

Uma expressão corriqueira como “carteira de identidade” recobre, ao mesmo tempo, o particular (aquilo que define o sujeito na sua diferença absoluta) e o geral (o que marca a assemelha a um outro, graças a certo número de traços em comum).

Ao se referir ao conjunto dos seres, a todos os “eus”, a identidade é uma repetição, pois designa a identidade dos termos; mas é também um significante quando se refere ao conjunto de traços que caracterizam um sujeito.

No que diz respeito à identidade sexual, uma construção atrelada aos movimentos identificatórios e ao lugar que a criança ocupa no desejo do Outro, só podemos falar de *sentimento*, e jamais de certeza (CECCARELLI, 2022).

Enfim, o significante “identidade” reagrupa diferentes ideias, às vezes paradoxais: a permanência, a imutabilidade, o sentimento de continuar o mesmo com o passar do tempo; a garantia de um estado separado, de uma unidade, de uma coesão que pode levar à distinção. Mas também uma relação que marca a semelhança entre dois elementos; semelhança tão grande que os faz idênticos (CECCARELLI, 2017).

Guerras étnicas ocorrem para preservar a *identidade de um povo*: aquilo que é próprio a uma nação e somente a ela; aquilo que faz sua particularidade, que constitui sua *identidade*. O insuportável da diferença pode ser tão ameaçador que o sujeito prefere morrer a perder sua identidade.

A “perda da identidade” pode ocorrer quando as identificações não mais sustentam as construções subjetivas. Esse tema foi trabalhado pelo psicanalista Caio Romano em seu livro *Psicanálise, cinema e amor*. Um dos contos do livro, baseado no filme *Newness* que o autor traduz *por Sensação de novo*, retrata o tédio nas relações amorosas, a partir dos personagens Gabi e Martin, que buscam incessantemente sensações novas para fugir desse tédio.

Para sustentar seus argumentos, Romano se baseia no conto de Machado de Assis, *O*

*espelho - esboço de uma nova teoria da alma humana*. O texto apresenta a história de um rapaz que se torna alferes. Em certa altura do conto, o jovem é invadido por um profundo sentimento de angústia ao se deparar com a solidão a que o espelho o remete, quando a imagem que ele vê é “esfumada, sombra de sombra”. Para sair dessa abissal sensação de não ter lugar no Outro, de não se reconhecer na imagem refletiva, o jovem veste a farda de alferes e recupera a normalidade da imagem do espelho, passando a existir novamente. Ora, o que o protagonista do conto perde, são as referências identificatórias que a farda lhe propiciava, fazendo com que a identidade, esvaziada de seus significantes, revele sua verdadeira e mortífera face: “um vazio que implica em uma inexistência” (ROMANO, 2021, p. 76).

### **Raça e universalismo**

Em 1952, a pedido da Unesco, Claude Lévi-Strauss redigiu um texto que marcou data: *Raça e história*. Nele, apresentou uma notável reflexão sobre a noção de raça. Não se tratava apenas de lutar contra o preconceito, mas, sobretudo, de denunciar as barbaridades perpetradas pelas nações europeias sobre o pretexto de uma desigualdade entre as raças. Lévi-Strauss denunciava, nos anos que seguiram a Segunda Guerra Mundial, não só o nazismo, mas igualmente o colonialismo, que sustentava a ideologia discursiva presente na ideia da inferioridade dos povos não ocidentais.

Para Lévi-Strauss, o que caracteriza as sociedades é a passagem da natureza à cultura: a proibição do incesto, a adoção de alimentos cozidos e as diferentes expressões religiosas e artísticas etc., atributos desconhecidos entre os animais e discutidos por Freud ([1913] 1974) em *Totem e tabu*.

As raças, segundo o autor, não existem e as diferenças são culturais e não “naturais”. Lévi-Strauss considera a chamada “inferioridade cultural” uma construção universal, presente em toda organização social: se, por um lado, os humanos tendem a formar grupos ou comunidades, por outro lado, rejei-

tam, ao mesmo tempo, a alteridade em nome de uma pretensa superioridade cultural.<sup>2</sup>

Nessa perspectiva, só o relativismo cultural (o respeito à diferença) pode exprimir o universalismo do gênero humano.

Se todo o mundo se parece, a humanidade dissolve-se no nada; se cada um deixa de respeitar a alteridade do outro afirmando sua diferença identitária, a humanidade mergulha no ódio perpétuo ao outro (ROUDINESCO, 2022, p. 69).

As sociedades devem, pois, estar atentas para não se dissolverem em um modelo único (a globalização), tampouco se fecharem em um nacionalismo narcísico que encerra em si uma intolerância ao diferente.

Seja como for, a pergunta é a de saber por que a alteridade é vivida como ameaça? A alteridade remete, invariavelmente, à diferença, à castração. Porém, não apenas à diferença sexual, tão difícil para a criança aceitar (FREUD, [1925] 2011), mas, sobretudo, à existência de um outro que indica à criança que a mãe, ou quem a acolhe no mundo dando-lhe aquilo que chamo de “berço psíquico”, tem outra mirada, além de sua progeneritura (CECCARELLI, 2002).

### Narcisismo x alteridade

Tanto a constatação da existência de um outro, quanto a percepção da diferença sexual, ou qualquer ameaça ao Eu, provoca um abalo psíquico, pois reconhecer a diferença é uma afronta direta ao narcisismo; e para reconhecê-la deve ocorrer uma mudança psíquica, pois “nunca há um acesso à alteridade que não passe por alterações no psiquismo” (REINO; ENDO, 2011, p. 18).

2. Nas Grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de pesquisa para investigar se os indígenas possuíam ou não uma alma, estes últimos dedicavam-se a afogar os brancos prisioneiros para verificar, através de uma observação prolongada, se seus cadáveres estavam ou não sujeitos a putrefação (LÉVI-STRAUSS, [1952] 1976, p. 237).

O conflito entre narcisismo e alteridade, entre manter a ilusão de uma união imperturbável, ou reconhecer e ser reconhecido pelo outro, é um tema inesgotável na psicanálise. Tais reflexões nos remetem à conhecida parábola de Schopenhauer sobre os porcos-espinhos, citada por Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu*, Freud ([1921] 2016, p. 92). De forma resumida, a citamos: num gelado dia de inverno, os membros de uma sociedade de porcos-espinhos, para se abrigar do frio, devem manter uma distância ideal que lhes permita se aquecer sem, contudo, se espetar com os espinhos uns dos outros. Frio e espinho são inconciliáveis: o frio traduz a impossibilidade de se sobreviver sozinho, o que leva à aproximação uns dos outros para não se morrer de frio; o espinho indica a necessidade de separação para que os porcos-espinhos não se furem. Restam-lhes, pois, duas possibilidades de difícil conciliação: permanecer sozinhos, e com frio, o que levaria à morte; ou ficar com os outros e seus espinhos.

O ser humano ou permanece sozinho fechando-se em um narcisismo mortífero, ou mantém uma aproximação comedida, para que o convívio em sociedade seja possível, sem que ocorra uma ameaça narcísica significativa (o inferno é o outro). Devemos adotar uma solução instável e provisória, a “meio caminho”: nem muito perto, nem muito longe. Temos que viver juntos, mas... separados.<sup>3</sup>

Se, como indica Freud, o “caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetivos abandonados que contém a história dessas escolhas de objeto” (FREUD, [1923] 2012, p. 26), cabe perguntarmos, porque, em alguns casos, as identificações excluem; porque, num primeiro momento, as identificações que constituem o Eu são “bem-vindas” e,

3. O isolamento social provocado pela epidemia da covid-19 escancarou essa máxima de Schopenhauer. Viver 24 horas por dia, todos os dias da semana, sob o mesmo teto com alguém exigiu, em muitos casos, modificações psíquicas insuportáveis para alguns. O aumento do sofrimento psíquico durante a pandemia, e sobretudo as manifestações psicossomáticas foi marcante.

mais tarde, elas se transformam em prisões identitárias, às vezes camufladas pela elegante expressão “politicamente correto”?

A noção do *narcisismo das pequenas diferenças* nos oferece recursos importantes para compreendermos essa configuração pulsional.

O *narcisismo das pequenas diferenças* aparece pela primeira vez no texto *O tabu da virgindade* (FREUD, [1918] 2018). O tema é retomado mais tarde em: *Psicologia das massas e análise do Eu* ([1921] 2011) e em *O mal-estar na cultura* ([1930] 2010).

Em 1918, Freud ([1918] 2018, p. 164) diz que o narcisismo das pequenas diferenças separa indivíduos que se assemelhem em outros aspectos. Ali devemos procurar “a hostilidade que em todos os vínculos humanos vemos batalhar com êxito contra os sentimentos solidários e degolar o mandamento de amar o próximo”. A partir do narcisismo das pequenas diferenças, compreendemos a constante hostilidade inerente às relações humanas, exceto na relação mãe-filho, a única isenta de aversão e hostilidade.

Contudo, nos fenômenos de massa, e eu acrescentaria nos grupos unidos pelas identificações, essa mútua aversão entre os homens, a hostilidade primária, é suspensa:

[...] toda essa intolerância desaparece, temporariamente ou de maneira duradoura, por meio da formação da massa e dentro da massa. Enquanto perdura a formação de massa, ou até onde se estende, os indivíduos se conduzem como se fossem homogêneos, suportam a especificidade do outro, igualam-se a ele e não sentem repulsa por ele (FREUD, [1921] 2011, p. 58).

Num primeiro momento, o narcisismo das pequenas diferenças mostrava-se hostil à formação de massa por restringir as ligações libidinais entre seus membros (FREUD, [1921] 2011). Contudo, em um segundo momento, ele fica suspenso no interior da massa (grupos, gangues, partidos políticos etc.).

Seus membros são transformados em irmãos e a hostilidade, oriunda da constatação da alteridade, isso é, dos processos identitários, é projetada no exterior: o narcisismo, que garantia a unidade do Eu, passa a ser o guardião da coesão da massa, criando “uma heterogeneidade intergrupala e, ao mesmo tempo, uma homogeneidade intragrupal” (REINO; ENDO, 2011, p. 25).

Para além dos fenômenos de massa, o narcisismo das pequenas diferenças pode ser temporariamente suspenso quando a satisfação pulsional está em jogo:

Faça-se passar fome, por igual, a um grupo composto por indivíduos mais diversos entre si. À medida que cresce a imperiosa necessidade de alimentar-se, se apagarão todas as diferenças individuais e emergirá, em seu lugar, as uniformes exteriorizações dessa única e não saciada pulsão (FREUD, [1912] 2011, p. 181).

Em *O mal-estar na cultura*, ao falar do narcisismo das pequenas diferenças, Freud diz que é “sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (FREUD, [1930] 2010, p. 366). Esse fato é facilmente observável, por exemplo, quando um grupo se forma para linchar alguém; para “fazer justiça” com as próprias mãos. Na Idade Média a agressividade era exteriorizada nas bruxas que, para o regozijo das multidões, eram queimadas em fogueiras nas praças públicas. Na atualidade, não faltam exemplos de pessoas, que ao sustentarem uma diferença que pode ser uma atitude, um comportamento particular, induzem a uma revolta generalizada, se transformando em alvo de uma agressividade coletiva. Contudo, passado o momento de júbilo que neutralizou do narcisismo das pequenas diferenças, a massa se desfaz.

A unidade só é possível quando há um outro para dirigirmos a destruição: “coesão e satisfação da destrutividade acabam por

formar os dois polos dessa noção” (REINO; ENDO, 2011, p. 24). E quando as referências identificatórias de um grupo são vistas com ameaçadoras, como algo excêntrico por outros grupos, cria-se uma cegueira que tende a estereotipar a alteridade. Tais considerações sugerem que a pulsão de morte está implícita no narcisismo das pequenas diferenças.

A miséria psicológica do narcisismo das pequenas diferenças, pode traduzir-se por uma miséria perceptiva, como sustenta Calligaris (2011, p. 50):

Cada etnia costuma ser pouco sensível às diferenças de fisionomia das outras – tanto individuais quanto coletivas. Em São Paulo, onde vive uma grande comunidade de imigrantes japoneses, qualquer oriental, chinês ou coreano, é um “japa”. Em Nova York, quando um branco tenta descrever um rosto de um negro, em geral não consegue dizer nada além dos traços que valem para a imensa maioria dos negros (pele escura, nariz largo, lábios espessos). É como se, na outra etnia, não houvesse diferenças. Não sei se acontece a mesma coisa com os negros quando eles olham para os brancos, mas é provável que sim.

### Aprisionamentos identitários

O que se depreende das posições citadas é que o insuportável da alteridade tem sua origem nas pequenas diferenças narcísicas entre os sujeitos que, sob outros aspectos, são idênticos (FREUD, [1923] 2011). Observamos regularmente no nosso cotidiano, a presença do narcisismo das pequenas diferenças. A “cultura do ódio”, que traduz um movimento identificatório de massa, desfaz o trabalho de cultura [*Kulturarbeit*] que sustenta nossa civilização (FREUD, [1908] 1976), aumentando exponencialmente a violência e, por extensão, a destrutividade e ativando, senão incentivando, aquilo que o ser humano tem de pior: o primitivo do homem (FREUD, [1915] 1996), isto é, “o homem é o lobo do homem” (FREUD, [1930] 2010). Observa-se isso na intolerância política e nos interesses econô-

micos mundiais que, muitas vezes, procuram globalizar os países substituindo a particularidade de cada em um padrão único no qual a alteridade do outro é caricaturada, e onde não existe espaço para as diferenças.

Na clínica, o narcisismo das pequenas diferenças se faz cada vez mais presente nas inúmeras versões do politicamente correto. Sustentados pela expressão coringa “lugar de fala”,<sup>4</sup> assistimos cada vez mais a grupos que se organizam em “cernes identitários”, nos quais aqueles(as) que a eles não pertencem, não podem participar ou, pior ainda, não teriam nada a dizer, pois não fazem parte daquele núcleo unido pelas identificações: reuniões dos professores, pais e alunos que ocorrem divididos por etnias; psicanalistas que não podem atender negros, por não serem negros; mulheres que dizem que “só mulheres podem analisar mulheres”; só pessoas que sofreram assédio, em suas diferentes versões, podem entender, e atender, quem passou por situações semelhantes, e assim por diante. Nesses casos, os processos secundários ganham todo o psiquismo, anulando as particularidades e os modos de funcionamento do primário – a atemporalidade do inconsciente, a inexistência de negação, a diferença sexual e outros tantos outros. Em outras palavras, as fantasias passam a ter existência concreta, e as identificações se transformam em verdade, anulando o pulsional.

Podemos pensar também nos *aprisionamentos identitários* nos(as) excluídos(as) por racismo, orientação sexual, identidade de gênero, posição política, e outras tantas. Tais exclusões foram intensificadas com a pandemia: alguns por se sentirem sós, outros que se sentiram sem ter a quem recorrer, caso

4. *Lugar de fala*: conceito introduzido pela filósofa, feminista negra e escritora *Djamila Ribeiro*. Remete à realidade social, financeira, pessoal, histórica etc., do enunciador, o que o qualificaria para melhor proferir um discurso sobre determinado tema. Isso não significa que quem não pertence àquele grupo não possa expressar sua opinião. Contudo, o ideal é abrir espaço para aprender, entender e respeitar o que aquele grupo está tentando dizer.

precisassem de alguma ajuda. Outros ainda se sentiram incapazes de lidar com as novas configurações do *pathos*, no sentido da psicopatologia fundamental, e intensificaram um sofrimento psíquico que estava em estado latente (BERLINCK, 1998).

Há igualmente os horrores de dupla exclusão, como vem acontecendo na atualidade, com crise dos refugiados na Europa e, mais recentemente, com o absurdo da guerra na Ucrânia. Em muitos casos, fuge-se por não se sentir aceito; por se sentir rejeitado, excluído sendo, novamente, excluído nos locais de “acolhimento”.

O medo do contágio e do desconhecido decorrente da epidemia da covid-19 tomou, em alguns casos, proporções paranoicas. Algumas pessoas, e este foi um ponto que me chamou a atenção, temiam a “alteridade interna” que se traduzia por uma angústia, ou medo, por não estarem se reconhecendo nas situações vivenciadas e nas novas configurações da angústia, o que os impedia de aprender com o sofrimento, isto é, com as suas próprias configurações do *pathos*.

As consequências destrutivas e negacionistas do narcisismo das pequenas diferenças não passaram despercebidas a Freud. Em *O mal-estar na cultura* (FREUD, [1929/1930] 2010, quando faz observações sobre a revolução russa, ele escreve:

[...] a tentativa de estabelecer uma civilização nova e comunista na Rússia encontra o seu apoio psicológico na perseguição aos burgueses. Não se pode senão imaginar, com preocupação, sobre o que farão os soviéticos depois que tiverem eliminado seus burgueses.

### Considerações finais

O narcisismo das pequenas diferenças, e seus desdobramentos, fazem parte da constituição do sujeito: exclui-se o diferente, o que não pensa igual; o que tem outra origem, enfim, aquele que expõe a fragilidade de nossa “verdade”, de nossa visão de mundo, mostrando que ela não é a única leitura do Real.

Com isso, exclui-se igualmente aquilo que o outro encarna e que nos apavora sem trégua, pois, já o dissemos, o acesso à alteridade leva necessariamente a alterações psíquicas, o que é insuportável para alguns.

A dor dos excluídos envolve, além do medo angustiante de ser perseguidos no caso de imigração irregular, a perda do local de residência e, muitas vezes perda de vínculos familiares e afetivos. Juntam-se a isso as incertezas quanto ao novo lar, a aprendizagem de uma nova língua e novas referências simbólicas, e a tentativa de integrar-se em uma sociedade que não se escolheu, e que, não raro, exclui os excluídos.

Muitas vezes, aqueles e aquelas aprisionados nas identificações, se sentem excluídos pelas referências identificatórias que os constituíram, levando-os ao que poderíamos chamar de *autoexclusão*. Essa posição subjetiva pode ser observada, por exemplo, no racismo dentro dos movimentos negros; na homofobia presente em sujeitos LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e outros grupos e variações de sexualidade e gênero); na misoginia, nos movimentos feministas e assim por diante. O preconceito expressa uma moção pulsional que o outro desperta no sujeito que o sente, a qual deve, a todo custo, ser aniquilada. Ou ainda quando o referencial de valores do outro difere do sujeito que exclui, evocando moções recalcadas ligadas aos ideais sociais (CECCARELLI, 2000).

Embora o fantasma da exclusão nos assombre constantemente, corroboramos para que o “descarte” dos inaptos: aqueles(as) que não respondem às exigências da sociedade de consumo. Essa forma de exclusão é facilmente observável quando certas pessoas, julgadas incapazes de consumir, são impedidas de entrar nos grandes templos do consumo: os *shopping centers*. Com isso, a exclusão torna-se algo corriqueiro, aumentando drasticamente o medo de ser excluídos e, concomitantemente, aprimorando os mecanismos

que nos protejam da exclusão para que nossa vez não chegue: uma expressão do narcisismo e da pulsão de morte. Muitas vezes, o fantasma de ser excluído origina, paradoxalmente, atitudes que excluem o sujeito.

Uma forma de exclusão cada vez mais presente na atualidade é a exclusão dos idosos, ou a dos “adultos maduros” na feliz expressão de Adriana Mendonça e Denise Souza (MENDONÇA; SOUZA, 2020). Em um texto vigoroso sobre a exclusão dos adultos maduros, Adriana Mendonça insiste que os psicanalistas não podem ficar alheios a essa faixa etária: “não podemos continuar com a visão desatualizada e preconceituosa de um falso *empobrecimento psíquico* dos adultos maduros” (MENDONÇA, 2022, p. 51). Os adultos maduros se sentem excluídos, pois, com o envelhecimento,

[...] enfrentam a perda social, econômica, afetiva e familiar, além de perdas físicas; os idosos, naquela experiência de privação, deixam seu ódio transparecer no meio ambiente e se mobilizam para destruí-lo magicamente [...] o velho como a criança quer se sentir amada, mas ambos são impotentes para alcançá-lo e devem obter apoio externo para serem dignos de amor (MENDONÇA, 2022, p. 53-54).

Ironicamente, por mais terrível que seja, a espécie humana continua excluindo, e até mesmo matando pessoas, seja por sua posição política, sua crença religiosa, cor da pele, orientação sexual, gênero, mitos fundadores, seja por outras tantas formas de “limpeza” etnográfica do “impuro”, ou do ameaçador, para que uma sociedade “normal”, sem ambivalências, seja estabelecida. Excluimos e segregamos não por sermos cruéis e insensíveis, embora haja aqueles(as) que o fazem por prazer. Excluimos, pois o narcisismo das pequenas diferenças está presente em todo ser humano.

Quando refletimos sobre as formas de exclusão, penso que deveria ser repensada a afirmação tão presente no nosso cotidiano

segundo a qual o racismo e outras formas de exclusão seriam estruturais. Tenho por hipótese que toda forma de exclusão, o que inclui a alteridade interna, traduz, no fundo, uma grande dificuldade, senão impossibilidade, de aceitar que o outro teve um trajeto identificatório diferente do(a) que exclui. *Acredito que o racismo seja identificatório e não estrutural*. Insisto neste ponto, a partir das premissas da psicanálise. Podemos, claro, falar de racismo estrutural na sociologia, na antropologia e em tantas outras disciplinas. Mas a psicanálise trabalha com o conceito de identificação. E, dentro desse referencial teórico-clínico, a noção de estrutural não é aplicável.

Quando as identificações constitutivas do sujeito são tomadas como a única possibilidade de subjetividade, o sujeito, e o grupo ao qual ele se afilia, se veem aprisionados na identidade, produzindo um contínuo conflito com o diferente.

### **Abstract**

*The text brings some reflections on a recurring theme today: the politically correct. According to the author, actuality has been marked by identity ghettos which, supported by the narcissism of small differences, do not consider the identifying particularities of other groups and exclude those that do not belong to the group. This produces an identity imprisonment that generates prejudice and segregation. The origin of prejudice, according to the author, is identification and not structural, which opens possibilities for understanding prejudice from the psychoanalytic point of view.*

**Keywords:** *Identification, Prejudice, Exclusion, Narcissism of small differences.*

## Referências

BERLINCK, M. O que é psicopatologia fundamental. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam* 1 (1), jan./mar. 1998.

CALLIGARIS, C. *A mulher de vermelho e branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CECCARELI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 15(16), p. 88-98, 2002.

CECCARELI, P. R. Órfãos do Outro. In: ANDRADE, E; FREITAS, V; CECCARELLI, P. R. (orgs). *A psicanálise na vida cotidiana V*. Bom Despacho: Literatura em cena, 2022. p. 179-219.

CECCARELI, P. R. Sexualidade e preconceito. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, III, 3, p. 18-37, 2000.

CECCARELI, P. R. *Transexualidades*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2017.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: \_\_\_\_\_. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (1923-1925). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 256-271. (Obras completas, 16).

FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908). In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. p. 187-210 (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 9).

FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: \_\_\_\_\_. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (1923-1925). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. (Obras completas, 16).

FREUD, S. *O mal-estar na cultura* (1930 [1929]). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FREUD, S. O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III) (1918). In: \_\_\_\_\_. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (1909-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 285-303. (Obras completas, 9).

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu* (1912). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre, RS:

L&PM, 2016.

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 285-312. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa. Contribuições à psicologia do amor II) (1912). In: \_\_\_\_\_. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (1909-1910). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 270-284. (Obras completas, 9).

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: \_\_\_\_\_. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e história (1952). In: \_\_\_\_\_. Tradução: Inácia Canelas. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 53-93. (Os Pensadores).

MENDONÇA, A. De la desesperanza de la vejez delincuente a la espera por una clínica actual para el adulto maduro. *Revista Desvalimiento Psicosocial*, v. 9, n. 22, 2022.

MENDONÇA, A.; SOUZA, D. *O adulto maduro no divã: ampliações teóricas*. Terra de Areia (RS) Triângulo, 2020.

REINO, G.; ENDO, C. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. *Trivium* [online]. 2011, v. 3, n. 2, p. 16-27. ISSN 2176-4891.

RIBEIRO, D. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ROMANO, C. *Psicanálise, cinema e amor: as novas formas de relação através dos filmes*. Curitiba: Kotter, 2021.

ROUDINESCO, E. *O Eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

**Recebido em:** 25/11/2022

**Aprovado em:** 15/12/2022



## Sobre o autor

### Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo.

Psicanalista.

Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Université Paris 7 - Diderot.

Pós-doutor pela Université Paris 7 - Diderot.

*Chercheur associé de l'université Paris 7 - Diderot.*

Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne (SPF)* - Paris, França.

Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).

Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

Ambos filiados ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP)

e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Membro do Corpo Docente do Contemporâneo:

Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade - POA, RS.

Professor na pós-graduação em psicanálise

do Hospital Santa Catarina, Blumenau (SC).

Pesquisador Associado do Laboratório Interdisciplinar

de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS) da PUC-Rio.

Membro da Associação Universitária de Pesquisa

em Psicopatologia Fundamental.

Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação

em psicologia na Universidade Federal

do Pará (UFPA).

Professor e orientador de pesquisas do mestrado

em Promoção de Saúde e Prevenção

da Violência/MP

da Faculdade de Medicina da UFMG.

Coordenador e professor da pós-graduação

em sexualidade humana da Faculdade Santa Casa,

Belo Horizonte (MG).

Membro do Programa Antártico Brasileiro.

Diretor científico da Clínica Ampliada

de Saúde Mental (CASM).

Fundador e Coordenador do Instituto Mineiro

de Sexualidade (IMSEX).

**E-mail:** paulorcbh@mac.com

**Homepage:** [www.ceccarelli.psc.br](http://www.ceccarelli.psc.br)

**Wikipedia:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_Roberto\\_Ceccarelli](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Roberto_Ceccarelli)



# *Eficácia simbólica: a palavra do Outro como feitiço*

*Symbolic efficacy:  
the Other's word as a spell*

Renan Levy Francisco  
Paulo Roberto Ceccarelli

## **Resumo**

Partindo do conceito de eficácia simbólica, o texto traz reflexões sobre o peso simbólico das palavras em rituais de enfeitiçamento. Com fulcro nos conceitos psicanalíticos da transferência, e do estádio do espelho, os autores discutem a semelhança entre a força da palavra no xamanismo e na psicanálise. O texto conclui apoiando-se na asserção de Lévi-Strauss de que a cura xamânica pode ser o equivalente exato da cura psicanalítica.

**Palavras-chave:** Feitiço, Eficácia simbólica, Transferência, Estádio do espelho, Desamparo.

## **A eficácia simbólica**

Lévi-Strauss ([1949] 1996) chama de eficácia simbólica as curas xamânicas que, graças às palavras, ao rito, à oração, ao mantra, entre outros expedientes, mostram seu poder de cura, mesmo quando não encontram explicação na ciência: é o simbólico que se manifesta produzindo uma mudança de patamar. Para o antropólogo francês, a eficácia dos ritos está na verdade que eles encerram: a crença do feiticeiro nas suas técnicas; do doente no poder do feiticeiro; e no consenso coletivo que sustenta o lugar que é atribuído a quem detém o poder de vida e morte.

A cura xamanística, continua Lévi-Strauss ([1949] 1996, p. 230),

[...] parece ser um equivalente exato da cura psicanalítica, mas com uma inversão dos termos. Ambas visam a provocar uma experiência; e ambas chegam a isso, reconstituindo um mito de que o doente deve viver, ou reviver. Mas, em um caso, é um mito individual que o doente constrói com a ajuda de elementos

tirados de seu passado; no outro, é um mito social, que o doente recebe do exterior, e que não corresponde a um antigo estado pessoal.

Em seu artigo intitulado *Voodoo Death* [Morte Vudu] e publicado em 1942, o médico fisiologista americano Walter B. Cannon faz um apanhado de narrativas realizadas por antropólogos e outras pessoas que tiveram contato com povos então chamados “primitivos”, nas quais se afirma a ocorrência de morte física quando da imposição de um feitiço. Em povos das Américas Central e do Sul, África, Austrália, Nova Zelândia e Ilhas do Pacífico, tais eventos puderam ser testemunhados e documentados com significativa credibilidade. No caso do Brasil, há relatos envolvendo os índios Tupinambás narrados em *Tratado descritivo do Brasil* por Soares de Souza (1587) citado por Cannon (1942).

Os casos são de tal ordem extraordinários que podem inclusive despertar a incredulidade num leitor ocasional. Conforme se percebe nas narrativas, o feitiço pode ser pro-

ferido por palavras ou simplesmente por um gesto, como no caso abaixo.

O homem que descobre que está tendo um osso apontado em sua direção por algum inimigo é, de fato, uma visão lamentável. Ele fica horrorizado, com os olhos fixos no osso traiçoeiro e com as mãos levantadas como se para afastar o meio letal, que ele imagina estar derramando em seu corpo. Suas bochechas empalidecem, seus olhos ficam vidrados e a expressão de seu rosto fica terrivelmente distorcida [...] Ele tenta gritar, mas geralmente o som engasga em sua garganta, e tudo o que se pode ver é espuma em sua boca. Seu corpo começa a tremer e os músculos torcem involuntariamente. Ele balança para trás, cai no chão, e depois de um curto período de tempo parece estar desmaiado; mas logo depois ele se contorce como se estivesse em agonia mortal e, cobrindo o rosto com as mãos, começa a gemer. Depois de um tempo, ele se recompõe e engatinha até sua cabana. A partir desse momento ele adocece, recusando-se a comer e mantendo-se afastado dos afazeres diários da tribo. A menos que a ajuda chegue na forma de um contrafeitiço administrado pelas mãos do Nangarri ou curandeiro, sua morte é apenas questão de um tempo relativamente curto. Se a vinda do curandeiro ocorrer a tempo, ele poderá ser salvo (CANNON, 1942, p. 172, tradução nossa).<sup>1</sup>

1. No original: *The man who discovers that he is being boned by any enemy is, indeed, a pitiable sight. He stands aghast, with his eyes staring at the treacherous pointer, and with his hands lifted as though to ward off the lethal medium, which he imagines is pouring into his body. His cheeks blanch and his eyes become glassy and the expression of his face becomes horribly distorted. [...] He attempts to shriek but usually the sound chokes in his throat, and all that one might see is froth at his mouth. His body begins to tremble and the muscles twist involuntarily. He sways backwards and falls to the ground, and after a short time appears to be in a swoon; but soon after he writhes as if in mortal agony, and, covering his face with his hands, begins to moan. After a while he becomes very composed and crawls to his wurley. From this time onwards he sickens and frets, refusing to eat and keeping aloof from the daily affairs of the tribe. Unless help is forthcoming in the shape of a counter-charm administered by the hands of the Nangarri, or medicine-man, his death is only a matter of a comparatively short time. If the coming of the medicine-man is opportune he might be saved.*

A partir da constatação de estar sob o efeito de um feitiço, inicia-se uma sequência de eventos que irá rapidamente desconstruir os sentimentos de pertencimento e de inserção no seio social. Os próprios membros da família, crédulos quanto aos efeitos do feitiço, iniciam um movimento de afastamento e até mesmo de um precoce enlutamento desse familiar. A essa altura, manter-se coerente com o simbólico do grupo é aceitar seu destino, o que a vítima do feitiço faz docilmente. Ele se recusa a comer e a beber água. Suas forças se esvaem e, em pouco tempo, ele morre.

Cannon, experimentado fisiologista, elabora hipóteses para explicar a causa médica das mortes. Ele inicia apontando que o feitiço desencadeia sentimentos de medo na vítima. Sob o domínio do medo é instaurado no organismo o conhecido mecanismo de luta ou fuga. Trata-se de um conjunto de alterações orgânicas, disparadas pelo sistema simpático-adrenal, que colocam o indivíduo em melhores condições de lutar pela sobrevivência. Os batimentos cardíacos se aceleram, a pressão sanguínea aumenta, as pupilas se dilatam e a adrenalina é despejada na corrente sanguínea promovendo a contração de vasos periféricos em benefício da oxigenação dos grandes músculos. Como a própria palavra “luta” ou “fuga” sugere, esse mecanismo se destina a curtíssimos lapsos de tempo. O que ocorre no fenômeno do enfeitiçamento é que a causa do medo, o feitiço, se mantém permanente, sustentando essa condição orgânica que deveria durar apenas alguns segundos em sua função normal. O resultado disso, em termos fisiológicos, é desastroso. A pressão arterial, que havia se elevado num primeiro momento, cai acentuadamente em razão da vasoconstrição causada pela adrenalina. Os órgãos responsáveis pela circulação começam a sofrer os efeitos dessa má circulação e entra-se num círculo vicioso, descrito por profissionais da área médica como similar ao que acontece com grandes ferimentos com perda substancial de sangue. A falta de água e alimento, em razão da recusa do enfeitiça-

do, só faz acelerar esse processo. “A pele ficaria fria e úmida”, e a morte vem em poucos dias (CANNON, 1942, p. 179).

Para além da eficácia simbólica, uma das primeiras impressões despertadas pelo relato acima, é a impossibilidade de se separar mente e corpo, pois o psiquismo é uma organização, cujo objetivo é proteger o ser humano contra os ataques internos (pulsionais, passionais), e externos (mudanças ambientais, perdas diversas, alterações orgânicas), que ameaçam a vida do sujeito: o psiquismo faz parte integrante do sistema imunológico (CECCARELLI, 2005). No relato de Cannon, o impacto da ameaça psíquica (medo da morte) provocada pelo fenômeno do enfeitiçamento é de tal ordem que a condição orgânica, que deveria durar apenas alguns segundos em sua função normal, é mantida permanentemente, o que desorganiza o organismo como um todo, levando-o à morte.

Trabalhar a eficácia simbólica e sua relação com o Outro nos leva a um campo privilegiado do trabalho analítico: a transferência.

### A transferência

Paralelamente às hipóteses fisiológicas de Cannon para explicar o fenômeno do feitiço, podemos agora conjecturar acerca das bases psíquicas presentes no enfeitiçamento. Qual seria a fonte desse poder encarnado pela palavra? Qual é o liame a entrelaçar o sujeito que fala e aquele que se vincula a essa fala de forma tão radical?

Relações distantes, antigas, as primeiras relações objetais com os cuidadores, permeadas por uma completa dependência, deixariam resíduos passíveis de ser atualizados quando do surgimento de circunstâncias favoráveis: esse é o fenômeno da transferência.

Embora a transferência esteja presente em todas as relações ao longo da história humana, sua particularidade no trabalho analítico foi introduzida inicialmente por Freud e, em seguida, por Ferenczi. No sentido lato, o termo “transferência” não se restringe ao campo psicanalítico e significa deslocamen-

to, transposição, transmissão, substituição de um local a outro (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967). O próprio trabalho de análise tem seu motor justamente no manejo da transferência (FREUD, [1912] 1972). O analista pode, via transferência, ocupar o lugar do supereu, instância constituída a partir das primeiras identificações, mormente as de ordem parental (FREUD, [1938] 2018).

Trata-se de um elemento central na escuta, presente na mudança psíquica, que reedita a(s) forma(s) do sujeito se conduzir em suas relações com os outros.

Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico, próprio, de conduzir-se na vida erótica – isto é, nas condições para enamorar-se que estabelece, nas [pulsões] que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela. Isso produz o que se poderia descrever como um clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente repetido – constantemente reimpresso – no decorrer da vida da pessoa, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos a ela acessíveis permitam (FREUD, [1912] 1972, p. 133).

Os desejos inconscientes do paciente relativos a seu universo psíquico e reatualizados pelo processo de análise são repetidos na pessoa do analista. Via transferência, o analista passa a ocupar o lugar de projeção e/ou de introjeção dos clichês estereotípicos do analisando.

São repetições de vivências infantis atravessadas por significativa sensação de atualidade:

[...] toda uma série de vivências psíquicas anteriores é reativada, mas não como algo passado, e sim na relação atual com o médico. Há transferências que em nada se distinguem do seu modelo no conteúdo, salvo na substitui-

ção. São, portanto – prosseguindo na metáfora –, simples reimpressões, novas tiragens inalteradas (FREUD, [1905] 1996, p. 312).

Em *Transferência e introjeção*, Ferenczi ([1909] 1991) afirma que a propensão à transferência nos psiconeuróticos (termo utilizado por Ferenczi para as neuroses de transferência em oposição às neuroses atuais) manifesta-se em todas as esferas da vida e não apenas dentro do tratamento psicanalítico.

[...] constatamos que essa tendência para a transferência por parte dos psiconeuróticos não se manifesta apenas no âmbito de uma psicanálise, nem unicamente em relação ao médico; muito mais do que isso, a transferência apresenta-se como um mecanismo psíquico característico da neurose em geral, que se manifesta em todas as circunstâncias da vida [...] suas fantasias inconscientes ligam acontecimentos e pessoas do momento a eventos psíquicos há muito esquecidos [...] (FERENCZI, [1909] 1991, p. 77-78).

Assim como ocorreria na relação com o analista, a transferência na interação com objetos atuais se daria a partir de uma associação entre estes e distantes fantasias sexuais infantis. Esses objetos externos contemporâneos passariam a fazer parte das “séries psíquicas” iniciadas na infância e nas primeiras vivências amorosas envolvendo as figuras parentais.

Parece, no fim das contas, que a criança ávida de amor, mas inquieta, receosa, persiste no adulto, e que todo o amor, ódio ou medo posteriores são apenas transferências ou, como diz Freud, reedições de movimentos afetivos que surgiram na primeira infância [...] e foram depois recalçados no inconsciente (FERENCZI, [1909] 1991, p. 93).

Ainda em *Transferência e introjeção*, Ferenczi descreve o modo como se dá a for-

mação do sintoma neurótico, a partir do recalque de determinados conteúdos. Tais conteúdos, que, num primeiro momento, envolveriam prazer, passam a causar insuportável desconforto a partir do surgimento de incompatibilidades posteriores. Esses conteúdos recalçados, no entanto, não se calam completamente: eles se fazem ouvir a partir da formação de sintomas substitutivos.

A libido inicialmente associada a esses conteúdos que em algum momento se tornaram incompatíveis com o ego ficaria livre, flutuante, ainda que apenas em parte, e se associaria a objetos externos aptos a tal associação. É justamente essa libido residual, livre e insatisfeita, o móbil que permite a transferência.

Dentro do conceito de introjeção que Ferenczi trabalha nessa mesma obra, haveria a tendência dos neuróticos de trazer para sua órbita de interesse uma parte significativa do ambiente externo, como forma de alívio dessa libido flutuante. Haveria uma busca permanente por objetos de identificação, aptos à transferência.

O neurótico interessa-se por tudo, distribui seu amor e seu ódio pelo mundo inteiro. O ego do neurótico é patologicamente dilatado (FERENCZI, [1909] 2011, p. 95).

Dessa maneira, a introjeção é concebida como um processo por meio do qual os neuróticos tentam neutralizar os afetos flutuantes, transferindo-os para objetos do mundo externo, expandindo sua esfera de interesses, seu ego.

O conceito de introjeção, em Ferenczi, guarda íntima conexão com o conceito freudiano de transferência, com a particularidade de que na ideia de introjeção está disposto, de forma mais clara, que o fenômeno em questão se dá não apenas em relação à figura do analista, mas a todo e qualquer objeto tomado pelo Ego.

Retornando ao tema do feitiço, quando um determinado conteúdo de linguagem

(ainda que meramente gestual) é imposto à vítima, isso se dá como um agravo, como uma afronta. Ferenczi observa como uma fala dessa natureza, advinda do analista (ou de um outro personagem passível de transferência), irá afetar de forma intensa aquele que a recebe:

Em contrapartida, uma única palavra um pouco menos amistosa, um comentário a propósito da pontualidade ou de qualquer outra obrigação do paciente, basta para desencadear toda a raiva, o ódio, a oposição, a cólera recalcada, outrora alimentados a respeito das pessoas onipotentes que lhe impunham o respeito, pregavam a moral, ou seja, os pais, os adultos da família, os educadores (FERENCZI, [1909] 1991, p. 81).

É a criança presente no adulto que irá receber esses conteúdos de linguagem, com a mesma força que receberia de seus pais, com todas as implicações decorrentes dessa intensa interação primitiva, constituinte do sujeito, como vimos anteriormente.

### **O estágio do espelho: a presença do Outro na formação do sujeito**

O mecanismo da transferência, nos moldes descritos por Freud e Ferenczi, nos auxilia na compreensão acerca da dinâmica, do mecanismo através do qual a palavra provoca impacto no sujeito, seja como dano, seja como cura. O conceito lacaniano do estágio do espelho irá, por outro giro, nos informar acerca da razão da intensidade desse efeito.

O estágio do espelho, como descrito por Lacan, nos dá um panorama bastante ilustrativo sobre o modo como os primeiros processos identificatórios são constituintes do sujeito. O olhar do outro molda, chancela, valida as impressões desse observador inexperiente.

Freud já havia proposto que o humano não se reduz ao biológico. Ao contrário da psiquiatria de seu tempo, essencialmente adstrita ao anatômico, ao fisiológico, Freud

desenvolveu um saber em que, de um lado, não se desconsidera o biológico, e, de outro, se dá a devida voz ao psiquismo. Na *Conferência I: Introdução*, ele diz:

Essa é a lacuna que a psicanálise busca preencher. Ela pretende fornecer à psiquiatria o fundamento psicológico faltante; espera descobrir o terreno comum a partir do qual se possa compreender a convergência do distúrbio físico e do psíquico. Para tanto, é necessário que ela se mantenha livre de todo e qualquer pressuposto anatômico, químico ou fisiológico que lhe seja estranho, que trabalhe com conceitos auxiliares puramente psicológicos, e é por essa mesma razão que, receio, ela lhes parecerá estranha inicialmente (FREUD, [1916] 1996, p. 27).

Se, por um lado, a influência do biológico é inafastável, por outro, as coisas ali não se esgotam. Já no *Projeto para uma psicologia científica*, Freud ([1895] 1996) ressalta que o recém-nascido humano apresenta uma absoluta dependência frente ao outro incumbido de seus cuidados. Esse estado de absoluta vulnerabilidade coloca esse outro, essa alteridade, como condição *sine qua non* para a sua sobrevivência, para seu próprio surgimento psíquico. A estreita relação entre a dependência biológica e a experiência psíquica oriunda dessa dependência é a base daquilo que Freud irá chamar de desamparo<sup>2</sup> originário, situação antropológica fundamental do humano que, ao nascer, se encontra em total dependência de um outro que lhe forneça as ações para garantir a sobrevivência. A alteridade, o Outro, é a base inicial para a construção da subjetividade.

Sem uma “assistência alheia” – *fremde Hilfe* – (FREUD, [1950/1895] 1969, p. 422),

2. “Desamparo” é a tradução da palavra alemã *Hilflosigkeit*. Ela é composta de três partes: *Hilfe*, que significa socorro; *los*, que pode ser definido por sem; *keit*, que forma o substantivo. *Hilflosigkeit*, em inglês *Helplessness*, seria melhor traduzido pelo neologismo “insocorribilidade”: somos, por definição, “insocorríveis” (Cf. CECCARELLI, 2005, p. 49).

o recém-nascido é incapaz de promover as alterações necessárias à diminuição das exigências pulsionais. A falta de recursos motores e psíquicos aumenta o valor do objeto que promove a diminuição da tensão, pois “só ele [o objeto] pode proteger desses perigos e substituir a vida intrauterina perdida” (FREUD, [1926] 2016, p. 142).

O Outro, que surge como um poder absoluto, radical, impactando de forma indelével a construção da subjetividade, é aquele(a) que garante ao recém-nascido um berço psíquico: o lugar que a criança ocupa a partir da interpretação que ela faz do desejo do Outro, ou seja, de quem lhe deu vida psíquica e a acolheu, ou não, no mundo (CECCARELLI, 2002).

Para que a “sobrevivência psíquica” (MCDOUGALL, 1997) ocorra, o Outro deve oferecer suporte ao candidato potencial a sujeito, na travessia de duas “violências” incontornáveis, fundamentais e fundantes: a “violência primária” (AULAGNIER, 1979), que diz respeito à introdução do recém-nascido na linguagem atribuindo-lhe um lugar no Outro, e a “violência simbólica” (BOURDIEU, 2002), relativa à aquisição dos códigos e valores da sociedade na qual ele se encontra inserido.

Em consonância com sua releitura da obra freudiana, Lacan também vai dizer que a construção do sujeito se dá não como uma evolução biológica, mas como um processo relacional, como um precipitado de uma relação com o Outro. O estádio do espelho seria o lugar, o campo onde essa experiência se desenrola. No trabalho que traz o mesmo nome, Lacan aponta a precariedade psicomotora da criança como o elemento que irá impor sua total dependência ao Outro. Haveria uma “prematuração específica do nascimento no homem” (LACAN, [1949] 1998, p. 100).

O *estádio do espelho como formador da função do eu* (LACAN, [1949] 1998) tem uma dimensão de lugar, de campo e uma dimensão de experiência, uma dimensão empírica. Ao contemplar sua imagem no espelho, a criança não infere imediatamente que é ela mesma naquela visão. É a partir da troca de

olhares com um Outro experimentado que se dá a chancela, a confirmação de que se trata dela mesma na imagem que mira. Esse aval da alteridade é parte inafastável dessa descoberta do Eu: “Eu sou porque o Outro diz que eu sou”. É um reconhecimento que sustenta esse conhecimento.

Essa vivência do estádio do espelho não se esgota aí. A cada nova interação que se estabelece entre o sujeito e seu corpo, o sujeito e o outro, o sujeito e o corpo do outro, essa dinâmica estará presente. A costura da percepção se dá fora do espelho, se dá na interação com o outro. Assim, Lacan vai dizer que o Eu é produto de uma identificação com o desejo do Outro. Para além das figuras parentais, o que está do lado de fora do espelho é o espaço da linguagem, instância da qual advém o “sim”; “sim é você ali no espelho”. Numa extrapolação para além do objeto físico, do vidro espelhado, o espelho é tudo aquilo capaz de refletir, de devolver ao sujeito a sua própria imagem, distinguindo-o como indivíduo. O espelho é o grupo, o espelho é o olhar do outro.

O estádio do espelho, segundo Lacan ([1949] 1998), inaugura o processo de identificação com a imago do Outro, subsumindo o Eu às expectativas da cultura. É o momento que faz o sujeito mediar os anseios pulsionais pelo desejo do Outro. A própria maturação, no homem, passa a depender de uma “intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo” (LACAN, [1949] 1998, p. 102).

Essa vinculação identificatória encontra seu mecanismo perpetuado sob a dinâmica da transferência. Ao longo da vida, já não serão apenas as figuras parentais a ocupar essa função modelar. Outras personagens assumirão esse papel especular ao qual Lacan atribuiu o epíteto de o Outro. O processo a partir do qual esse Outro passa a ocupar essa posição privilegiada inicialmente ocupada pelos pais é a transferência.

Assim, a partir da própria dinâmica de construção do sujeito, o Outro passa a exer-



cer um papel especular. Aquele que me diz quem eu sou passa a deter a verdade sobre mim. Com que grau de liberdade é possível “ser” à revelia do olhar do outro? Sartre retrata essa noção brilhantemente em sua peça *Entre quatro paredes* onde uma das personagens constata não sem surpresa:

Então, é isto o inferno. Eu não poderia acreditar... Vocês se lembram: enxofre, fornalhas, grelhas... Ah! Que piada. Não precisa de nada disso: O inferno são os Outros (SARTRE, [1947] 2022, p. 139).

### Conclusão

À guisa de conclusão, podemos pensar como estas contatações acerca do poder do feitiço jogam no homem contemporâneo alguma luz nas interações identificatórias. Harold Bloom (2000), renomado crítico literário e ensaísta norte-americano, afirma no próprio título de uma de suas obras que Shakespeare “inventou o humano”. Segundo Bloom, Hamlet seria o personagem a inaugurar, na tradição ocidental, o mergulho dentro de si mesmo, a busca por respostas próprias frente às circunstâncias externas, opondo, assim, uma certa barreira em relação ao olhar alheio.

Ao longo da peça teatral, percebemos Hamlet (SHAKESPEARE, [17\_\_?]) vivendo uma explosão de consciência. É como se uma venda lhe caísse dos olhos a partir de sucessivas decepções com pessoas muito próximas, inclusive sua própria mãe. Esse banho de consciência vai se estendendo para círculos maiores como em sua constatação de quão raros são os amigos confiáveis, dos jogos de interesse que perpassam praticamente todas as relações humanas, da frivolidade das etiquetas da corte.

A nova consciência, no entanto, faz com que esse novo homem perca a sensação de pertencimento, de espírito coletivo, próprio da religiosidade do medievo. Assombrado pela aquisição de uma brutal consciência de si mesmo, Hamlet destampa essa caixa de

Pandora e revela o desamparo que nos acomete a todos indistintamente. O que eu seria, quem eu seria se estivesse sozinho no mundo? A jornada do príncipe na peça parece sugerir que todos estamos.

O homem contemporâneo aparenta ter esquecido Hamlet. Esse humano da era nas redes sociais parece manter um olhar fixamente dirigido ao outro à espera de validação. O modo como o outro me vê, a interação que nele eu suscito, representam aquilo que eu sou. O ser, mais do que nunca talvez, passou a estar fora do sujeito. Ele é definido de fora para dentro.

Já não basta mais existir. É necessário que o outro confirme, via *likes* e comentários, a validade de minha existência (seriam as redes sociais o Outro da atualidade?). A dependência pela eterna validação externa nos sugere que o poder do feitiço nunca esteve tão presente. Cumpre postar imagens de sucesso em profusão, cenas de família, viagens, pratos sofisticados, corpos arduamente esculpidos. Tudo é válido para evitar o feitiço, o opróbrio reservado aos que vivem uma vida supostamente medíocre e enfadonha.

Além dessa exibição da vida privada, digna de um “show de Truman”,<sup>3</sup> o consumo de marcas de luxo nunca foi tão simbolicamente emblemático. Seriam as marcas amuletos modernos capazes de proteger aquele que as ostenta do olhar do outro?

A partir da asserção de Freud ([1917] 2010, p. 251) de que o homem não é senhor em sua própria casa, podemos inferir que a palavra do outro, o olhar do outro são elementos absolutamente do campo fenomenológico, algo que guarda muito mais conexões com questões inconscientes desse outro do que propriamente com o sujeito alvo desse

3. *O show de Truman* é um filme estadunidense de 1998, em que o protagonista Truman Burbank nasce e cresce num ambiente confinado, sem saber que sua vida é, na verdade, um show de TV transmitido para milhares de pessoas como um *reality show*. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0120382/>.

olhar. Se o homem não é de fato senhor de suas ações, que posso eu esperar do outro?

Como corolário desse desamparo inafastável, Freud nos oferta a liberdade, filha dadivosa desse ventre sombrio. O fato de haver esse abismo insondável entre cada espírito, por um lado, nos priva de uma paz que os animais aparentam ter; por outro lado, nos revela que para o homem não há projeto feito, não há enredo previamente determinado e talvez, justamente em razão disso, nós sejamos livres.

### Abstract

*This paper aims to present reflections on the symbolic weight attached to words on bewitchment rituals, taking the concept of symbolic efficacy as a starting point. The authors discuss the similarities between the power of words in “xamanism” and in psychoanalysis, based on the psychoanalytical concepts of mirror stage and transference. The paper reaches its conclusion by leaning on the assertion made by Levi-Strauss that xamanic healing corresponds exactly to psychoanalytical healing.*

**Keywords:** *Bewitchment, Symbolic efficacy, Transference, Mirror stage.*

## Referências

- AULAGNIER, P. *A violência da interpretação* (1975). Tradução: M. C. Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BLOOM, H. *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- BOURDIEU, P. *La domination masculine*. Paris: Seuil, 2002.
- CANNON, W. B. Voodoo Death, American Anthropologist. Tradução: Renan Levy Francisco. *Arlington*, v. 44, n. 2, p. 169-181, abr./jun. 1942.
- CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 15(16), p. 88-98, 2002.
- CECCARELLI, P. R. O que as categorias de gênero e as construções identitárias têm a dizer à psicanálise? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2023. (No prelo).
- CECCARELLI, P. R. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.
- FERENCZI, S. *Transferência e introjeção* (1909). São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 77-108 (Obras completas de Sándor Ferenczi, 1).
- FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: \_\_\_\_\_. *O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 133-143. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria (1905). In: \_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos* (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 173-320. (Obras completas, 6).
- FREUD, S. Compêndio de psicanálise (1938). In: \_\_\_\_\_. *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos* (1937-1939). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 189-273. (Obras completas, 19).
- FREUD, S. *Inibições, sintomas e medo* (1926). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 128-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. Conferência I: Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Partes I e II) (1915-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25-33. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 15).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: \_\_\_\_\_. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 347-454. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Uma dificuldade da psicanálise (1917). In: \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos")*, *Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 240-251. (Obras completas, 14).

[https://www.persee.fr/doc/rhr\\_0035-1423\\_1949\\_num\\_135\\_1\\_5632](https://www.persee.fr/doc/rhr_0035-1423_1949_num_135_1_5632).

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103. (Campo Freudiano no Brasil).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise* (1967). São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural I* (1949). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. *L'efficacité symbolique*. *Revue de l'histoire des religions*, v. 135, n. 1, p. 5-27, 1949.

McDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

SARTRE, J.-P. *Entre quatro paredes* (1947). 8. ed. Tradução: Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet* (1564-1616). Tradução: Millôr Fernandes, 1923-2012 [S.l.: s. n.].

**Recebido em:** 12/09/2022

**Aprovado em:** 23/10/2022

## Sobre os autores

### Renan Levy Francisco

Graduado em engenharia mecânica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em direito pela UFMG. Psicanalista em formação no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

**E-mail:** renanlevybh@gmail.com

### Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo.  
Psicanalista.  
Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Université Paris 7 - Diderot. Pós-doutor pela Université Paris 7 - Diderot. *Chercheur associé de l'université Paris 7 - Diderot*. Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF) - Paris, França.  
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Ambos filiados ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Membro do Corpo Docente do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade - POA, RS. Professor na pós-graduação em psicanálise do Hospital Santa Catarina, Blumenau (SC). Pesquisador Associado do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS) da PUC-Rio. Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em psicologia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor e orientador de pesquisas do mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG. Coordenador e professor da pós-graduação em sexualidade humana da Faculdade Santa Casa, Belo Horizonte (MG). Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental (CASM). Fundador e Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX).

**E-mail:** paulorcbh@mac.com

**Homepage:** www.ceccarelli.psc.br



# O funcionamento dos sonhos e a censura

*The functioning of dreams and censorship*

Renata Franco Leite

## Resumo

O presente trabalho se propõe a refletir sobre alguns dos principais aspectos relacionados ao fenômeno dos sonhos sob um olhar psicanalítico. Trata-se de uma reflexão realizada a partir da teoria dos sonhos proposta por Freud e a relação desse fenômeno com a censura, produzido com o objetivo de entender melhor essas questões que há tanto são motivo não apenas de curiosidade, mas também de inúmeros estudos.

**Palavras-chave:** Sonhos, Censura, Psicanálise.

## Introdução

Os sonhos sempre foram motivo de muito interesse para o ser humano. Da simples curiosidade às inúmeras especulações sobre seus significados, esses fenômenos começaram a ser questionados e, então, estudados.

Luciana Knijnik (2011), no texto *Quando cai a noite*, não apenas faz profundas reflexões sobre o entendimento de Freud sobre o sonho, mas também leva em conta aspectos muito interessantes relacionados à cultura. Embora tenhamos aqui um enfoque diferente da autora, precisamos destacar o quanto o contexto cultural afetou não só a produção de Freud, como também o quanto esta questão afeta diretamente a compreensão de mundo de cada sujeito e, conseqüentemente, sua percepção de aspectos singulares.

Em 1900, Freud publicou em *A interpretação dos sonhos*, uma teoria dos sonhos, que passou, então, a se concretizar. É possível afirmar que, embora já existissem estudos sobre os sonhos, essa obra demarca os aprofundamentos a respeito do tema e proporciona aos pesquisadores e interessados o marco teórico fundamental para suas indagações e investigações. Além disso, podemos reconhecer que, apesar da teoria desenvolvida por Freud, o “mundo dos sonhos” ain-

da permanece, de certa forma, um mistério para aqueles que o estudam.

A manifestação dos sonhos, muitas vezes, se apresenta de maneira confusa e incompreensível para o sonhador. Essa confusão e a dificuldade de compreender o próprio sonho consiste, de acordo com a teoria dos sonhos de Freud, num mecanismo de defesa ou censura que é realizada pela função egoica, que rebaixada durante o sono, se manifesta no momento em que o sujeito acorda, impedindo ou dificultando seu contato com o próprio sonho (ZIMERMAN, 1999).

O processo analítico auxilia o sonhador a se conhecer mais profundamente e, a partir disso, compreender melhor o funcionamento, as manifestações e os significados de seus próprios sonhos.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em estudar e refletir sobre os principais aspectos da teoria dos sonhos e a relação que se trava entre tais fenômenos e a censura, e os mecanismos de defesa do ser humano.

## Desvendando os principais aspectos dos sonhos

Os sonhos, ao longo dos anos, passaram a ser percebidos de diferentes formas pela sociedade e pelos estudiosos. Inicialmente eram

ligados a crenças populares e misticismo, até chegarem ao ponto de serem estudados e vistos a partir de uma perspectiva científica (ZIMERMAN, 1999).

Roudinesco (1998, p. 722) define o sonho como:

Fenômeno psíquico que se produz durante o sono, o sonho é predominantemente constituído por imagens e representações cujo aparecimento e ordenação escapam ao controle consciente do sonhador.

Freud ([1900] 2013) se apropria do tema, estuda as manifestações desses fenômenos nos diferentes sujeitos, desenvolve sua teoria e publica *A interpretação dos sonhos* e outras revisões em suas obras. Zimerman (1999) esclarece que o estudo sobre os sonhos permitiu a Freud desenvolver uma série de outras teorias, além de ter sido um marco para a teoria psicanalítica e a primeira representação de uma autoanálise feita até então. Ao desenvolver sua teoria, Freud não se baseou apenas em relatos de pacientes, mas em reflexões e conclusões obtidas a respeito de seus próprios sonhos.

Brenner (1987, p. 162) completa essa reflexão trazendo a importância dessa manifestação não apenas pelo seu processo, mas também pelo material inconsciente que surge através dele. Para o autor, os sonhos revelam:

[...] os conteúdos mentais que foram reprimidos ou de qualquer forma excluídos da consciência e de sua descarga pelas atividades defensivas do ego.

O sonho surge a partir da necessidade biológica que o sujeito possui de dormir manifestando-se como um guardião do sono, pois, apesar do desligamento do mundo externo, o aparelho psíquico permanece em funcionamento, de modo que os sonhos, através de alguns estímulos, proporcionam que o sujeito possa repousar da melhor maneira possível (ZIMERMAN, 1999).

Freud ([1916-1917] 2014) explicita que os sonhos se caracterizam essencialmente por estímulos psíquicos que buscam a satisfação do sujeito de maneira alucinatória. Dessa forma, a finalidade dos sonhos seria aparentemente simples: realizar os desejos do sujeito, embora essa realização não implique necessariamente a obtenção de satisfação ou prazer. Apesar dessa simplicidade aparente, sabemos que esse desejo não é consciente e que, por isso, o sonhador terá dificuldade de lidar com seu sonho. Sendo assim, seu ego entra em ação com o objetivo de protegê-lo do desejo inconsciente, mascarando o sonho e dificultando sua compreensão, mantendo, assim, o sujeito distante de seus próprios desejos.

A partir do seu estudo sobre os sonhos, Freud desenvolveu uma série de outras teorias, a exemplo das estruturas psíquicas id e ego, sendo o superego uma estrutura auxiliar ou complementar ao ego. Nos sonhos, a estrutura que exerce função principal é o id, enquanto o superego está adormecido e o ego sob “rebaixamento”, ou seja, com suas defesas diminuídas permitindo que o inconsciente se manifeste através de imagens e representações e consentindo que os desejos do sujeito sejam, de alguma maneira, satisfeitos (ZIMERMAN, 1999).

Sobre a dinâmica que surge nos sonhos, Freud ([1916-1917] 2014) coloca quatro momentos principais que garantem a sua estrutura: (a) sonho latente, (b) sonho manifesto, (c) elementos deformados e (d) elementos pouco deformados. O sonho latente seria, em resumo, a forma completa do sonho. Nele, todos os conteúdos surgem e interagem. Porém, devido à censura e aos mecanismos de defesa, o sonho latente ou “umbigo do sonho” jamais é alcançado. O sonho manifesto seria aquele que é relatado pelo paciente e que, muitas vezes, não tem sentido para o sonhador. Os elementos deformados e pouco deformados são aqueles que surgem tanto para dar sentido ao sonho, quanto para confundir o sonhador, podendo ser elemen-

tos antigos, como memórias, ou resquícios diurnos de situações vividas atualmente pelo sujeito (FREUD, [1916-1917] 2014)

Com base nesses quatro momentos, podemos questionar os motivos pelos quais os sonhos são esquecidos e/ou se tornam muitas vezes confusos para o sonhador. Freud ([1916-1917] 2014) considera que isso ocorre devido à necessidade de proteção do sujeito, pois os desejos manifestados nos sonhos nem sempre são conscientes e concebíveis para quem sonha. Dessa forma, quando o ego não é responsável pela censura e pelo consequente esquecimento, o próprio sujeito, ao acordar, utiliza-se dos seus mecanismos de defesa, em especial da negação, para conseguir lidar com essa manifestação.

A censura é conceituada por Roudinesco (1998, p. 108) como a

[...] instância psíquica que proíbe que emergja na consciência um desejo de natureza inconsciente e o faz aparecer sob forma travestida.

Tendo isso em vista, entendemos que a censura segue conservando a deformação, e a associação livre é a maneira mais eficiente de buscar significados e, assim, chegar a um entendimento ou interpretação do sonho. Vale ressaltar que, por não querer ou por simplesmente não aceitar a própria interpretação, o sujeito muitas vezes nega os seus desejos, tanto para o analista, quanto para si mesmo.

Descobrimos que a deformação do sonho, que nos turva sua compreensão, é consequência de uma atividade censória dirigida contra os desejos inconscientes inadmissíveis (FREUD, [1916-1917] 2014, p. 200).

Zimerman (1999, p. 176) apresenta os fenômenos psíquicos que Freud descreve como decorrentes da formação do sonho. É interessante destacar três desses fenômenos para que possamos entender melhor a dinâmica e funcionamento dos sonhos.

- **Elaboração onírica secundária.** Consiste numa atividade do ego, durante o sono, que se encarrega de disfarçar e dissimular aquilo que está reprimido no inconsciente e que está “proibido” de aparecer no inconsciente em estado “bruto”.

- **Conteúdo latente do sonho.** Corresponde ao conjunto de – ocultos – desejos, pensamentos, sentimentos, representações, angústias que estão represados no inconsciente e que somente terão acesso ao pré-consciente e ao consciente após o disfarçamento realizado pela, acima aludida, elaboração secundária.

- **Mecanismos defensivos do ego.** Condensação: (o trabalho do sonho tem sempre por finalidade formar uma imagem única que represente simultaneamente todos os componentes do conteúdo latente, o que pode ser feito por omissões, fusão, neologismos, etc.); deslocamento: (refere que há um deslocamento de significados ao longo de uma cadeia associativa, pelo “deslizamento” de um significante para outro, à maneira do que se passa em um jogo de bilhar) e simbolização. Neste último caso, durante muito tempo Freud acreditou que haveria uma linguagem simbólica universal, de tal sorte que um mesmo símbolo teria o mesmo significado para todos (por exemplo, o aparecimento de uma tal “serpente” em qualquer sonho seria sempre um símbolo fálico), porém aos poucos o simbolismo onírico corresponde aos significados específicos de cada indivíduo e, também, das suas respectivas repressões (assim, aquela hipotética “serpente” do sonho pode, para alguns, de fato, representar um pênis, enquanto para outros pode significar uma pessoa má, pérfida, traiçoeira, tal qual uma cobra venenosa, e assim por diante).

Compreendida a dinâmica e o funcionamento dos sonhos, outra questão surge relativamente à sua interpretação. Freud ([1916-1917] 2014, p. 229) propõe que, para a interpretação dos sonhos:

Basta que se valham das duas técnicas complementares, evocar no sonhador associações que os conduzam do conteúdo substituto ao verdadeiro e, a partir de seu próprio conhecimento, trocar os símbolos por seus significados.

A partir do momento em que é identificado cada um dos itens presentes nos sonhos, o sonhador pode atribuir aos símbolos os significados que lhe cabem e, com isso, tornar-se consciente e responsável por seus próprios desejos. É importante acrescentar que não se trata de um trabalho simples e que, pelos mais variados motivos, pode desanimar o sonhador de buscar um aprofundamento dessas questões (FREUD, [1916-1917] 2014).

Vale mencionar que, depois que Freud desenvolveu a teoria dos sonhos, alguns autores deram continuidade a esse estudo, porém nem todos mantiveram a sua essência. Diferentemente do que Freud havia proposto, foram apresentadas algumas discordâncias sobre determinados aspectos da teoria, a exemplo do entendimento a respeito da origem do sonho, pois, embora Freud tivesse descrito o sonho como uma forma de satisfação alucinatoria, acrescentaram-se outros fatores como responsáveis pela manifestação do sonho.

Além disso, a relação estabelecida entre os sonhos e a sexualidade, como vista por Freud, é questão que até hoje gera polêmica e promove uma série de discordâncias por parte de outros autores (ZIMMERMAN, 1999).

### Conclusão

Embora possamos pensar inicialmente que a teoria dos sonhos é simples, sua complexidade é patente. Estudar o tema abrange um aprofundamento da teoria freudiana e não apenas se reduz a identificar a origem, mas também a refletir a respeito de outras questões, como os diversos fenômenos que se dão ao longo dos sonhos, os mecanismos de defesa que são utilizados pelo ego para defender o sujeito de seus próprios desejos,

além das interferências externas, a exemplo das dinâmicas culturais que podem interferir na censura.

Podemos destacar, através dos recortes teóricos trazidos, como é importante pensar sobre a teoria dos sonhos tendo em vista o seu surgimento antes mesmo de Freud, e sua manifestação clínica, além da presença da censura como presente no processo de análise.

Embora outros estudos e críticas à teoria freudiana dos sonhos tenham surgido através de outros autores, não nos propusemos a analisá-las neste artigo, já que entendemos que Freud é a principal referência sobre esta teoria e sobre como a teoria psicanalítica pensou e descreveu as questões relativas ao tema.

### Abstract

*The present work proposes to reflect on some of the main aspects related to the phenomenon of dreams. This is an excerpt on the theory of dreams proposed by Freud and the relationship of this phenomenon with censorship, made with the aim of better understanding these issues that have been a reason not only for curiosity, but also for countless studies.*

**Keywords:** *Dreams, Censorship, Psychoanalysis.*



## Referências

---

BRENNER, C. *Noções básicas de psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica*. São Paulo: Imago, 1987.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, S. Conferências introdutórias à psicanálise. Segunda parte: os sonhos (1916-1917). In: \_\_\_\_\_ *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917) Tradução Sérgio Tellaroli; revisão da tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 110-323. (Obras completas, 13).

KNIJNIK, L. Quando cai a noite. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, MG, n. 36, p. 103-107, dez. 2011. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

ROUDINESCO, É.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria e clínica - uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**Recebido em:** 12/09/2022

**Aprovado em:** 23/10/2022

### Sobre a autora

#### Renata Franco Leite

Psicóloga graduada pela Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju (SE).

Psicanalista.

Membro do Círculo Psicanalítico

de Sergipe (CPS) filiado ao Círculo Brasileiro

de Psicanálise (CBP) e à International Federation

of Psychoanalytic Societies (IFPS).

**E-mail:** renatafrancoleite@hotmail.com



# A singularidade do ofício psicanalítico em um mundo “mcdonaldizado” e “disneyizado”

*The singularity of the psychoanalytic craft in a “McDonaldized” and “Disneyized” World*

Ricardo Azevedo Barreto

## Resumo

Este artigo enfatiza a singularidade do ofício psicanalítico. Refere-se a um mundo ‘mcdonaldizado’ e ‘disneyizado’ em que a humanização é uma das perspectivas inestimáveis para o reencontamento do que vem sendo coisificado ao longo dos tempos. Desse modo, busca colaborar para a arte psicanalítica continuar a contribuir para as subjetividades e as culturas.

**Palavras-chave:** Psicanálise, McDonaldização, Disneyzação, Humanização, Singularidade.

A psicanálise não pode ser concebida como uma linha de montagem, assim como o ofício psicanalítico não é uma mercadoria valedoura. Cada psicanalista é único. Qualquer encontro psicanalítico é singular. Ademais, a psicanálise tem em seu cerne a criatividade, e não há uma aceção única sobre essa questão no campo psicanalítico.

Na perspectiva winnicottiana, o viver criativo se correlaciona primariamente à ilusão onipotente de criar o mundo, quando quem faz a maternagem dispõe a condição de proporcionar ao bebê o que necessita. Desse modo, o bebê pode sentir que ele é quem cria os objetos. Nessa abordagem, o ambiente facilitador ou suficientemente bom é ressaltado (ABRAM, 2000).

[...] Winnicott se refere ao fato de que, quando as falhas ambientais ameaçam a continuidade existencial da criança, esta se vê obrigada a deformar o seu verdadeiro *self* em prol de uma submissão às exigências ambientais [...] (ZIMERMAN, 1999, p. 58).

[...] o emprego que Winnicott faz do paradigma bebê-mãe suficientemente boa, apresenta-

do como uma forma de compreender melhor aquilo que poderia ser provido pela relação analítica, torna-se a base da teoria do *holding* [...] (ABRAM, 2000, p. 136).

[...] podemos estabelecer que é o *setting* analítico que fornece o ambiente de *holding* necessário ao paciente (ABRAM, 2000, p. 138).

As concepções de verdadeiro e falso *selves* são centrais na abordagem winnicottiana, pois um e outro habitam um mesmo sujeito (ZIMERMAN, 2004).

Apenas o verdadeiro *self* pode ser criativo, e apenas ele pode sentir-se real. Considerando-se que o verdadeiro *self* se sente real, a existência de um falso *self* resulta em um sentimento de irreabilidade ou de inutilidade (WINNICOTT *apud* ABRAM, 2000, p. 235).

Se o desenvolvimento do verdadeiro *self* é nuclear na abordagem winnicottiana, abarcando o analista e o analisando, indaga-se se os constructos sócio-históricos contemporâneos são favoráveis ou não ao *setting* psicanalítico. Não é incomum ouvir sobre a racio-

nalização do trabalho e a desumanização em distintos âmbitos da sociedade, o que afeta, inclusive, o ofício psicanalítico.

Ritzer (1993) menciona que a mcdonaldização da sociedade afeta diferentes âmbitos. Os princípios dos *fast-foods* se espalham a esferas mais amplas da vida social por meio da busca de eficiência, cálculo, previsibilidade e controle (RITZER, 1993, THORPE *et al.*, 2016).

Entretanto, a psicanálise não pode ser compreendida sem o desenvolvimento do psicanalista autêntico, autenticidade que se constrói no decorrer de sua história de vida e de seu vínculo com sua formação psicanalítica por meio do tripé das instituições psicanalíticas: análise pessoal-estudo da psicanálise-supervisão. O ofício psicanalítico, por conseguinte, não pode ser submetido à lógica contemporânea da produtividade, do controle e da previsibilidade, pois se constitui na e da singularidade.

Bryman (2007) refere-se à disneyzação da sociedade por intermédio da qual os princípios dos parques temáticos da Disney alcançam diferentes âmbitos da sociedade.

Bryman argumenta que a “disneyzação” está no âmago da sociedade de consumo contemporânea.

[...] pode transformar coisas do dia a dia, como fazer compras e comer, em eventos espetaculares e sensacionais. Ao mesmo tempo, no entanto, a tendência a reagrupar coisas num formato sanitário mina a autenticidade de outras experiências e lugares. [...] os princípios por trás da organização de tais parques dominam cada vez mais outras áreas [...] (THORPE *et al.*, 2016, p. 126-127).

Como se pode pensar, o ofício psicanalítico é singular, promovendo experiências de autenticidade e encontros únicos. Lida com os sofrimentos, as dores, as perdas, os lutos, o *nonsense* e o inominável. Promove não o espetacular, o sensacional, mas o contato

com os efeitos do inconsciente e o mal-estar do existir de forma ímpar.

Freud [(1930) 1996] elucida que há um mal-estar na cultura em função da renúncia da liberdade pulsional ou da satisfação dos impulsos em troca de segurança no mundo dito civilizado.

A partir dessa constatação, pode-se compreender que os laços civilizatórios levam ao sofrimento, e as experiências espetaculares não têm potência para o destituir a longo prazo. Além disso, algumas dessas experiências privariam *a priori* quem não tem privilégios na sociedade de consumo.

Diante do existir contemporâneo, seus sofrimentos e paradoxos, garantir o espaço para a singularidade do ofício psicanalítico, que não é colonizado pela mcdonaldização e pela disneyzação da sociedade, é uma dimensão que instiga e ecoa.

Há muito tenho visto o mundo contemporâneo como uma “pandemia” de coisas ou objetos, da qual a humanização é uma das perspectivas preciosas para o reencantamento do que tem sido coisificado ao longo dos tempos (BARRETO, 2021, p. 135).

Pensa-se, por conseguinte, que os psicanalistas – em seu ofício único – e as instituições psicanalíticas – em sua genealogia e sua diversidade – podem contribuir, e muito, nas intervisões de sua arte para a singularidade plural das subjetividades e das culturas no século XXI, XXII e adiante.

## Universo

Ricardo Azevedo Barreto

Uma ferida de tão sensível  
grita mais ou se enlaça  
com outras sem nome...

Anônima  
não deslinda  
sem letras  
ou alfabeto  
grita por dentro  
sem eco...

No metabolismo enigmático  
do corpo sem aura  
expede-se sua certidão de nascimento.

O mundo não é a terra  
nem a linguagem o uni...verso...  
existem sofrimentos, perdas e lutos  
que só conheceremos no século XXII  
se a Vida for Digna.

### Abstract

*This paper emphasizes the singularity of the psychoanalytic craft. It refers to a 'McDonaldized' and 'Disneyized' World in which the humanization is one of the invaluable perspectives to the reenchantment of what has been objectified over time. In this way, it seeks to collaborate for the psychoanalytic art continuing to contribute for the subjectivities and cultures.*

**Keywords:** *Psychoanalysis, Mcdonaldization, Disneyization, Humanization, Singularity.*

## Referências

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BARRETO, R. A. O cuidado poético-analítico em um mundo pandêmico coisificado. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 135-146, jul. 2021. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

BRYMAN, A. *The disneyization of society*. London: Sage, 2004.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 73-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

RITZER, G. *The mcdonaldization of society*. Thousand Oaks: Pine Forge, 1993.

THORPE, C. et al. *O livro da sociologia*. São Paulo: Globo, 2016.

ZIMERMANN, D. E. *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZIMERMANN, D.E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**Recebido em:** 10/08/2022

**Aprovado em:** 28/10/2022

## Sobre o autor

### Ricardo Azevedo Barreto

Psicólogo graduado pela Universidade de São Paulo (USP).

Tem mestrado e doutorado em psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela USP.

Tem especialização em psicologia hospitalar pelo CEPSIC da Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Teve experiência de treinamento no Butler Hospital (RI-USA).

Psicanalista do Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Tem experiência de ensino na área da psicanálise. Foi presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (2014-2017).

Foi coordenador do programa de humanização, assim como membro do conselho administrativo do hospital São Lucas em Aracaju-Sergipe por muitos anos.

Foi professor titular da Universidade Tiradentes (UNIT) por muitos anos, ensinando nos cursos de psicologia e medicina.

Professor de psicologia em cursos de especialização na área da odontologia.

É um dos editores da revista *Estudos de Psicanálise* do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

É um dos editores regionais para a América do Sul da revista *International Forum of Psychoanalysis*.

Escritor e poeta.

Tem experiência de desenvolvimento de trabalhos na área da humanização, articulando psicanálise, psicologia, artes e humanização.

**E-mail:** riazabarreto@gmail.com

# *Psicanálise e educação: fragmentos de uma experiência de construção de projeto socioemocional no contexto escolar*

*Psychoanalysis and education:  
fragments of an experience of building a  
socio-emotional project in the school context*

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

## **Resumo**

A escuta e o olhar psicanalíticos no contexto escolar são de grande valia na construção de um ambiente saudável, acolhedor e atento às demandas psíquicas da infância. Principalmente em tempos de pandemia e devido à sua incidência no psiquismo dos indivíduos, a criação de espaços de escuta e intervenção diante das questões emocionais se faz necessária e urgente. Este texto pretende articular os benefícios do diálogo entre a psicanálise e a educação, bem como trazer fragmentos de uma experiência em uma escola de Veranópolis (RS).

**Palavras-chave:** Psicanálise, Educação, Infância.

Psicanálise e educação são campos de conhecimento distintos, mas quando dialogam entre si, produzem grandes benefícios, podendo proporcionar encaminhamentos e formas de intervenção mais assertivas no que se refere às demandas escolares. Este artigo pretende fazer uma articulação entre psicanálise e educação através do relato de uma experiência de construção de projeto socioemocional em uma escola particular.

Segundo Outeiral (2005), a função da escola é educar, isto é, conforme o significado etimológico da palavra – “colocar para fora” o potencial do indivíduo e oferecer um ambiente propício ao desenvolvimento dessas potencialidades, ao contrário de ensinar, que é in + signo, ou seja, colocar “signos para dentro” do indivíduo. Evidentemente, a criança chega à escola levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém o ambiente escolar será também uma

peça fundamental em seu desenvolvimento. Esses três elementos – aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambiente escolar – constituirão o tripé do processo educacional. Nesse sentido, educar também passa pela dimensão do cuidado no que se refere aos aspectos, não só de aprendizagem, mas também de cuidado com o corpo e com o psiquismo que habita ou está em vias de habitar o corpo.

Na perspectiva da ética do cuidado, a função do professor nos remete à fábula de Higino,<sup>1</sup> também conhecida como *Mito do Cuidado*, que narra o papel do cuidador na estruturação do homem, aproximando-nos

---

1. Poeta latino, 50-139 d.C.

de uma leitura poética sobre a constituição da humanidade.

Conta-se:

Cuidado, ao atravessar um rio, viu uma massa de argila e, mergulhado em seus pensamentos, apanhou-a e começou a modelar uma figura. Enquanto deliberava sobre o que fizera, Júpiter apareceu. Cuidado pediu que ele desse uma alma à figura que modelara e facilmente conseguiu. Como Cuidado quisera dar seu próprio nome à figura que modelara, Júpiter o proibiu e ordenou que lhe fosse dado o seu. Enquanto Cuidado e Júpiter discutiam, apareceu Terra, a qual igualmente quis que seu nome fosse dado a quem ela dera o corpo. Escolheram Saturno como juiz e este equitativamente assim julgou a questão: “Tu, Júpiter, porque lhe deste a alma, tu a receberás depois de sua morte. Tu, Terra, porque lhe deste o corpo, Tu o receberás quando ela morrer. Todavia, porque foi Cuidado quem primeiramente a modelou, que ele a conserve enquanto ela viver. E, agora, uma vez que, entre vós, existe uma controvérsia sobre o seu nome, que ela se chame Homem, porque foi feita do húmus [da terra] (ROCHA; FRANÇA, 2011, p. 75).

De acordo com Rocha e França (2011), as dimensões do cuidado atravessam os indivíduos desde sempre, participando e contribuindo para a construção da subjetividade. Portanto, a marca da presença do outro, transforma o cuidado em um elemento fundamental no processo de subjetivação, conferindo-lhe uma função estruturante na vida, posto que a maneira como somos recebidos e reposicionados no mundo guarda relação direta com as formas de ser e de existir. No ambiente escolar, a figura do professor, ao promover uma presença de acolhimento e sustentação, leva a uma experiência de integração expressa pelo equilíbrio subjetivo e espontâneo. Essa função tem se tornado cada vez mais importante se considerarmos o fato de que as crianças têm ingressado cada vez mais cedo no ambiente escolar, em gran-

de parte das vezes, com menos de um ano de vida.

Ribeiro (2014) afirma que a educação e a psicanálise percorrem um complexo caminho, entrelaçando seus saberes sobre o desenvolvimento do ser humano. Esse entrelaçar permitiu o levantamento de questões relacionadas ao funcionamento psíquico do ser humano, à relação de transferência aluno-professor, ao prazer de aprender (questão do desejo), à terapêutica da educação, à linguagem, etc. Ainda conforme a autora, a psicanálise, como corpo teórico, e a educação, como discurso social, imbricam-se em um processo de mudanças que afeta tanto uma quanto outra no que tange às suas áreas de atuação.

Donald Winnicott (1990) nos traz a ideia de que todo o indivíduo é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento, o que significa, à integração numa unidade. Apesar de inata, a tendência ao amadurecimento não se realiza apenas com a passagem do tempo. Para que venha a se realizar, o bebê e, mais tarde, a criança, dependem fundamentalmente da presença de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons. O amadurecimento começa em algum momento após a concepção e, quando há saúde, não cessa até a morte. Entretanto, a ênfase da teoria do amadurecimento emocional recai sobre os estágios iniciais, período em que os alicerces da personalidade e da saúde psíquica estão sendo construídos. Ainda segundo Winnicott (1990), a saúde é um estado complexo, que tem suas próprias exigências e deve ser pensado em si mesmo. Assinala, em sua teoria, a existência de dificuldades que pertencem ao próprio fato de estar vivo e de amadurecer. Desde seu início, a vida é difícil em si mesma e a tarefa de viver, de continuar vivo e amadurecer é uma batalha que permanece. Guimarães Rosa ([1956] 1986, p. 94), em *Grande sertão: veredas*, sabiamente disse que “viver é um rasgar-se e remendar-se”.



### “A hora do eu”

O projeto teve início em janeiro de 2021, quando a equipe diretiva da AVAEC - Unidades Educacionais, escola particular sediada no município de Veranópolis (RS), me desafiou a coordenar um projeto socioemocional voltado aos dois últimos anos da educação infantil e ao primeiro ano do ensino fundamental, portanto abrangendo crianças na faixa etária dos 4 aos 7 anos. Assim, nasceu o projeto *A hora do eu* com o objetivo oferecer aos alunos um ambiente facilitador no desenvolvimento de aspectos socioemocionais. Para tanto, é preciso trabalhar maciçamente com os professores a fim de oferecer escuta e afinar a escuta deles em relação ao que é dito e àquilo que fica na instância do não dito. Mais do que o ímpeto de ocupar um lugar de onipotência na resolução de conflitos, é preciso aprender a escutar os conflitos e os indivíduos que compõem determinada realidade.

A metodologia do projeto passa fundamentalmente pela formação e pelo suporte, oferecidos uma vez ao mês a todos os professores titulares e auxiliares da instituição de ensino, no sentido de abordar os aspectos constitutivos do desenvolvimento humano, a partir de autores como Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott, Françoise Dolto, André Green, Maria Cristina Kupfer e outros teóricos da contemporaneidade.

Além disso, foram oferecidos com frequência quinzenal espaços de escuta aos professores e coordenadores dos níveis de ensino aos quais o projeto é direcionado, ou seja, aqueles que desenvolvem diretamente as atividades de *A hora do eu* com as turmas. Mediante essa atividade denominada supervisão, tem sido possível, inaugurar um espaço de escuta sob o viés psicanalítico, em que a transferência e a contratransferência na relação professor-aluno pode ser analisada, com a instrumentalização dos professores para lidar com demandas e conflitivas diversas. Além disso, com esses encontros pretende-se pensar nas atividades a serem desen-

volvidas com os alunos, bem como treinar a escuta dos professores aos processos, não só do desenvolvimento infantil, mas também em relação a outros aspectos subjetivos e inconscientes que eclodem no ambiente escolar.

Como nos ensinam Outeiral e Cereser (2005) na obra *O mal-estar na escola*, o objetivo desses encontros com os professores é buscar significados, hipóteses para os acontecimentos daquela realidade escolar, subjetivando, assim, a experiência vivida, ou seja, a criação de estratégias de pensamento para significar uma vivência.

Articular psicanálise e educação é um desafio. O fato de a psicanálise se oferecer como um importante fundante do instrumento de escuta é o que nos possibilita, muitas vezes, contribuir para a leitura do mal-estar vivido pelo professor na sala de aula em relação ao ato educativo na atualidade (OUTEIRAL; CERESER 2005, p. 58).

Longe de pretender normatizar comportamentos, a intenção é

[...] pensar como se produz a subjetividade do sujeito a partir do ordenamento dos sistemas simbólicos transmitidos pelo social (OUTEIRAL; CERESER, 2005 citados por SCHAFFER, 1999, p. 35).

Ribeiro (2014) nos diz que Freud introduz a noção de educador analisado ou com informação psicanalítica que conduziria o processo educativo no caminho da realidade, trazendo a concepção de um trabalho educativo psicanaliticamente esclarecido. Nesse aspecto, Ribeiro (2014) cita Kupfer (2006, p. 119), autora que propõe à transmissão da psicanálise para além da clínica quando diz que “há uma transmissão da psicanálise ao educador, além daquela que poderia ser feita no divã”.

Com desses grupos foi possível observar que o retorno das atividades escolares em

plena pandemia apresentou muitos desafios. Nasce uma nova escola, atravessada não só pelos protocolos de higiene, distanciamento, medo da contaminação, mas também pela rica e indispensável oportunidade de oferecer um ambiente suficientemente bom, como nos diria Winnicott, para sustentar e acolher as vicissitudes de um tempo marcado por tantos traumas. Nesse sentido, o ambiente escolar apresenta-se como um terreno fértil para que se criem narrativas sobre as privações, o luto e o sofrimento desse tempo ímpar da história da humanidade, tempo que tem deixado marcas em todos nós.

Nos grupos com as crianças, no momento denominado *A hora do eu*, coordenados pelas professoras titulares das turmas, são trabalhadas diversas questões, como “a noção de eu”, que passa por aspectos do corpo e da capacidade de nomear sensações e emoções como, raiva, saudades, amor, nojo. Especificamente nesta atividade, as crianças foram convidadas a desenhar seu próprio corpo em um papel pardo. E a partir da construção da imagem corporal de cada um, elas elegeram as cores que pudessem corresponder às diversas emoções e, então, situar as emoções nas partes do corpo projetado no papel, cada um ao seu modo.

Obviamente os desdobramentos dessa atividade foram muito diferentes em cada turma, dependendo das especificidades de cada grupo. Além disso, a fim de trabalhar aspectos emocionais, são utilizadas ferramentas lúdicas e artísticas, como a criação de histórias e a utilização da literatura infantil de qualidade, que permite a identificação das crianças com os personagens, o que abre posteriormente um campo de reflexão e a possibilidade de simbolização e construção de novos sentidos para a realidade.

Maria Rita Kehl (2006, p. 18), no prefácio da obra *Fadas no divã*, nos lembra que, contar histórias, não é apenas um jeito de dar prazer às crianças, mas sobretudo um modo de ampará-las em suas angústias, ajudá-las a nomear o que não pode ser dito, ampliar

o espaço da fantasia e do pensamento. Kehl cita Corso (2006, p. 18), que diz que “a ficção acaba sendo uma saída para que certas verdades se imponham”. A arte, nessa perspectiva, é um recurso amplamente utilizado no projeto.

O projeto aborda amplamente o fenômeno da transferência postulado por Freud. Ribeiro (2014) afirma que o próprio Freud, em 1914, fala que o professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial. Isso significa que a aprendizagem está focada não somente nos conteúdos, mas também passa invariavelmente por questões inconscientes que se manifestam na transferência e na contratransferência. O fenômeno da transferência pode ser entendido como reedições de vivências psíquicas que são atualizadas na relação com o professor.

Ribeiro (2014) argumenta que a transferência é um fenômeno percebido em todas as relações humanas e pode produzir efeitos reparáveis tanto positivos quanto negativos. Saber da existência e conhecer a dinâmica desse fenômeno tem se mostrado um recurso importante na construção deste projeto, uma vez que os professores, em sua maioria, desconhecem o poder que têm em suas mãos.

A transferência é, antes de tudo, transferir sentidos e representações, e que no contexto escolar, de acordo com Santos (2009) ganha vida na relação professor-aluno, reeditando, no presente, os impulsos e fantasias marcados nos primeiros anos de vida, a partir das relações parentais e fraternais que foram determinantes para o sujeito na sua constituição. Na escola, portanto, o professor, a exemplo do analista, e independentemente de sua ação, pode despertar afetos no aluno para além daquilo que ele próprio tem noção conscientemente. O mesmo pode acontecer ao professor, por parte do aluno. Porque esse fenômeno pode se estabelecer nesses dois sentidos – numa via de mão única – transferência e contratransferência (RIBEIRO, 2014, p. 26).

Entendemos que os grandes diferenciais deste projeto são a escuta da infância, a partir da singularidade de cada grupo e indivíduo, bem como o acolhimento dos professores, no sentido de escutá-los e oferecer as ferramentas da psicanálise que possam auxiliar em uma leitura inconsciente dos fenômenos. Quando menciono o termo “escuta”, me refiro a uma escuta ativa, amoral e preparada para acolher os sujeitos do contexto escolar, em suas demandas e eventuais sofrimentos; sustentada pela ética do cuidado, auxiliando na prevenção tanto do adoecimento psíquico quanto do empobrecimento das relações. O olhar da psicanálise nos instrumentaliza a traduzir aspectos inconscientes, passíveis de serem desvendados e proporciona intervenções mais assertivas.

Françoise Dolto, médica pediatra e pioneira no atendimento de crianças na França, em uma época em que as crianças não eram escutadas, ressaltou a capacidade delas em comunicar questões emocionais de forma singular, além de serem ativas na aprendizagem. A escola, na percepção de Dolto (1998), é um mundo expandido, que possibilita um distanciamento da família e a consequente socialização. Através dela, a criança precisa encontrar meios de se expressar, fazer-se entender pelas pessoas que não a conhecem e não conseguem antever suas necessidades. Nesse sentido, a escola cria pontes com a sociedade.

### Considerações finais

O ano 2020 e seus atravessamentos pandêmicos, provou de forma definitiva que a escola é não somente espaço de aprendizagem, mas também de pertencimento social e produção de saúde mental.

A psicanálise, no ambiente escolar, agrega valor no sentido de perceber e traduzir os movimentos inconscientes que por ele circulam. Possibilita um olhar singular e diferenciado na relação professor-aluno através dos conceitos de transferência e contratransferência; oferece ao professor a possibilidade

de uma leitura ampliada acerca dos fenômenos do desenvolvimento humano; habilita o professor na percepção de sintomas que eventualmente possam se manifestar no contexto da aprendizagem e instrumentaliza a pensar sobre as questões inconscientes individuais que invariavelmente se atravessam nas relações.

Na ocasião do último encontro do ano de 2021 com o grupo de professores, foi solicitado a eles que expusessem/relatassem/manifestassem suas impressões acerca dessa experiência pioneira, vivenciada ao longo de todo o ano. Todos relataram que desfrutar de um espaço de escuta, foi muito importante no que se refere à discussão dos aspectos do desenvolvimento infantil, bem como no que se refere à reflexão da transferência e contratransferência entre professor-aluno e, principalmente, no que diz respeito à análise dos seus próprios afetos e implicações. Em função dos efeitos positivos dessa experiência, no ano 2022, o projeto será ampliado para todos os níveis da educação infantil até o quarto ano do ensino fundamental.

Enfim, a escola enquanto ambiente facilitador do desenvolvimento socioemocional exige manejos respeitosos para a construção de vínculos seguros e a psicanálise, nesse aspecto, contribui para que haja uma reflexão constante acerca dos processos. É preciso escutar a infância e, conforme nos ensina Guttfreind (2022, p. 46), “a infância hoje, é múltipla, e qualquer tentativa de sistematização pode estar fadada ao fracasso”.

É importante ressaltar que o amadurecimento emocional, segundo a teoria Winnicottiana, nunca cessa:

Deve-se esperar que os adultos continuem o processo de crescer e amadurecer, uma vez que eles raramente atingem a maturidade completa. Mas uma vez que eles tenham encontrado um lugar na sociedade através do trabalho, e tenham talvez se casado ou se estabelecido em algum padrão que seja uma conciliação entre imitar os pais e desafiado-

ramente estabelecer uma identidade pessoal, uma vez que esses desenvolvimentos tenham lugar pode-se dizer que se iniciou a vida adulta, e que os indivíduos, um a um, estão saindo desta área coberta por esta breve conceituação do crescimento que foi descrito em termos da dependência à independência (WINNICOTT, [1954] 1990, p. 87).

### **Abstract**

*Listening and looking at psychoanalysis in the school context are great value in building a healthy, welcoming environment that is attentive to the emotional demands of childhood. Especially in times of pandemic and how Much it affects the psyche of individuals, the creation of spaces for listening and intervention considering emotional issues is necessary and urgent. This text intends to articulate the benefits of the dialogue between psychoanalysis and education, as well as to brings fragments of an experience in a school in Veranópolis (RS).*

**Keywords:** *Psychoanalysis, Education, Childhood.*

## **Referências**

- CORSO, D.; CORSO, M. *Fadas no divã: a psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DOLTO, F. *Os caminhos da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FRANÇA, E.; ROCHA, Z. Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança. *Psicol. USP*, v. 26, n. 3, p. 414-422, 2015. ISSN 16785177.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas* (1956). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GUTFREIND, C. *A nova infância em análise*. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- OUTEIRAL, J.; CERESER, C. *O mal-estar na escola*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- RIBEIRO, M. P. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor-aluno. *Psic. Da educação*, São Paulo, n. 39, p. 23-30, 2.º sem. 2014.
- ROUDINESCO, E. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- WINNICOTT, D. *Natureza humana* (1954). Tradução: Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

**Recebido em:** 12/09/2022

**Aprovado em:** 23/10/2022

### **Sobre a autora**

#### **Waleska Pessato Farenzena Fochesatto**

Psicóloga.

Psicanalista.

Membro do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Mestre em Ciências da Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Pesquisadora do Instituto Moriguchi através do Projeto Veranópolis - Envelhecimento, longevidade e qualidade de vida.

Autora dos livros infantis *Ana Lise e o menino de olhos verdes*; *Gael e o monstro do armário*.

**E-mail:** waleska.pessato@terra.com.br

# O trauma psíquico: retrato de caso clínico

*Psychic trauma: clinical case portrait*

Wilma Zuriel de Faria Maschke  
Deise Matos do Amparo  
Helena Maria Melo Dias

## Resumo

O trauma não é um acontecimento em si, mas a forma como esse acontecimento interpela e é processado interna e externamente pelo sujeito em seu psiquismo. Para Ferenczi o traumatismo sexual infantil é da ordem do choque e da comoção psíquica, os seus impactos são diversos e afetam a vida dos sujeitos que por ele são atravessados. Nessa perspectiva, o retrato de caso clínico de Maria, uma mulher ribeirinha da região amazônica, possibilita pensar sobre as repercussões do abuso sexual infantil na vida adulta, bem como a forma como a clínica do traumático convoca o analista a um enquadre interno. O manejo clínico, segundo Winnicott, com o estabelecimento do *setting* e do *holding* possibilitam um ambiente suficientemente bom, para que o sujeito sintá-se seguro possibilitando a translaboração psíquica.

**Palavras-chave:** Trauma, Abuso sexual infantil, *Setting*,  *Holding*, Translaboração.

## Introdução

Este artigo trata do conceito de trauma na teoria psicanalítica, abordado desde os primórdios de Freud, discutido amplamente na obra de Sándor Ferenczi e pelos teóricos contemporâneos da psicanálise, tendo em vista a compreensão da matriz ferencziana sobre o adoecimento psíquico que se dá a partir da situação traumática e/ou da situação de perigo.

As discussões sobre o trauma e os seus impactos psíquicos se dirigem para uma compreensão crítica da sociedade contemporânea, ou seja, dos fatores históricos, sociológicos e antropológicos – a exemplo da cultura machista de exploração do corpo feminino, que silencia e aniquila tais corpos, o que pode afetar de modo nocivo a maneira de ser dos sujeitos, particularmente das mulheres.

Embora o enfoque da psicanálise seja voltado para os sujeitos individualmente, para a

história singular de cada pessoa, apoiando-se em sua história infantil única, e em muitos aspectos essa história possa ser também compartilhada, o trauma não é um acontecimento em si, mas o modo como esse acontecimento incide sobre o psiquismo de alguém e é processado por ele. Para Ferenczi ([1933] 1992), a comoção psíquica sobrevém sempre sem preparação, é um choque equivalente à aniquilação do sentimento de si.

Nesse sentido, o trauma ou os eventos traumáticos podem incidir de várias formas na história de vida de cada sujeito. Compreende-se o abuso sexual infantil como um traumatismo psíquico que provoca impactos diversos e afeta, mesmo a longo prazo, a vida dos sujeitos atravessados por ele. Esse aspecto abre a discussão acerca da repercussão do seu impacto na vida adulta das mulheres vítimas dessa experiência traumática.

Assim, a proposta deste estudo é abordar o conceito de trauma articulado ao retrato

do caso clínico de uma mulher que sofreu abuso sexual na infância, evidenciando os impactos psíquicos referentes a essas vivências traumáticas, como uma possibilidade de dar contorno e visibilidade a uma realidade comumente retratada por mulheres ribeirinhas adultas acolhidas no contexto da clínica psicanalítica no município de Macapá (AP). Nesse contexto, frequentemente a história de vida dessas mulheres atravessadas pelo abuso sexual infantil é negligenciada socialmente como evento traumático.

### O traumatismo psíquico

O conceito de trauma foi formulado por Freud ([1916-1917] 2010) para designar uma vivência que, no espaço de pouco tempo, provoca na vida psíquica um aumento de excitação tão intenso que faz fracassar sua liquidação ou sua elaboração pelos meios normais e habituais. O afluxo de excitações relativamente à tolerância do aparelho psíquico é excessivo, seja um só acontecimento muito violento (emoção forte), seja um acúmulo de excitações que, ocorridas isoladamente, seriam intoleráveis. Freud estabelece uma distinção entre a situação de perigo e a situação traumática: no primeiro caso, há um evento registrado, representado simbolicamente; no segundo, é irrepresentável.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud ([1920] 2010) destaca a pulsão de morte e a compulsão à repetição como elementos que permitem um avanço na compreensão da teoria do trauma. Diferentemente do primeiro modelo, no segundo modelo do trauma proposto por ele em *Inibições, sintomas e ansiedade* (FREUD, [1926] 2006) prevalece o caráter econômico, não simbolizável e inacabado do acontecimento.

Segundo Ferenczi ([1933] 1992) em *Reflexões sobre o trauma*, o traumatismo é da ordem de um choque equivalente à aniquilação do sentimento de si e da capacidade de resistir, agir e pensar, engendrando uma comoção psíquica no sujeito, da ordem dos restos, dos destroços, equivalente a um des-

moronamento psíquico, uma perda de sua forma própria e a aceitação fácil e sem resistência de uma forma outorgada que é sem forma – “a maneira de um saco de farinha” (FERENCZI [1933] 1992, p. 109). Além disso, para Ferenczi ([1933] 1992, p. 110), a consequência imediata de cada traumatismo é a angústia, que consiste no sentimento de incapacidade para se adaptar à situação de desprazer – “(1.º) subtraindo seu si mesmo à irritação (fuga); (2.º) eliminando a irritação (aniquilamento da força exterior)”.

Ainda para Ferenczi ([1933] 1992), o traumatismo sexual passa a ser considerado como um fator patogênico, uma vez que as crianças vítimas se sentem física e moralmente sem defesa, em uma enorme confusão a partir da introjeção do sentimento de culpa do adulto, resultando em uma confusão de línguas entre o adulto e a criança.

Aqueles que perdem tão precocemente o gosto pela vida apresentam-se como seres que possuem uma capacidade insuficiente de adaptação em virtude da precocidade do trauma (FERENCZI, [1929] 1992, p. 50).

Figueiredo (2018) adverte que há duas importantes matrizes para a compreensão dos adoecimentos psíquicos: a matriz freud-kleiniana e a matriz ferencziana. Esta última pode ser caracterizada pelos adoecimentos por passivação, centrados na agonia diante de estados psíquicos mortíferos, estabelecidos em traumas muito precoces,

[...] modalidades e intensidades de sofrimento e dor que ultrapassam as capacidades ativas do psiquismo, deixando-o inerte, provisoriamente ou definitivamente, em estado de morte ou quase morte (FIGUEIREDO, 2018, p. 28),

Assim, essa condição reduz o psiquismo a uma condição de passividade e inoperância das capacidades de sonhar, brincar, criar, simbolizar e até morrer.

Para Roman (2017), o traumatismo requer dois ingredientes: a experiência traumática e o sentimento de uma ausência de recursos, ou consiste na dupla experiência – uma situação violenta à vida psíquica e a experiência da ausência de um adulto assegurador no seu ambiente. Lá, onde alguma coisa deveria ter se passado para a criança, é o nada que se faz presente (WINNICOTT, 1994).

A violação da intimidade pelo abuso sexual incestuoso pode produzir um assassinato da identidade, aniquilar o sentimento de si, provocar a perda do caráter animado do sujeito e levar à despersonalização ou dissociação (MAZOYER et al., 2020, p. 1).

De acordo com Winnicott ([1956] 1994), os fatores ambientais e familiares influenciam diretamente no traumatismo psíquico. O autor considera fundamental o fator externo como determinante para o funcionamento psíquico. Para ele, a relação segura mãe-bebê, isto é, a relação em que a criança consegue interiorizar a mãe “boa o suficiente”, permite a emergência do *self* (WINNICOTT, 1975). É nesse primeiro momento que a mãe suficientemente boa (ou ambiente facilitador) se adapta ao seu bebê através da identificação primária, possibilitando o surgimento da experiência onipotente de que foi ele que criou o seio. Essa ilusão de onipotência é uma experiência fundamental, para que mais tarde haja o movimento de separação gradual (CANDI, 2010). Trata-se de uma relação de continente essencial para a sobrevivência psíquica da criança.

Além disso, o traumatismo consiste no fracasso da relação de dependência (WINNICOTT, 1994), uma vez que ele rompe a idealização do objeto primário, incapaz de realizar a sua função. Em decorrência disso, há o desabamento de toda a confiança estabelecida no ambiente supostamente previsível. O traumatismo é vivenciado como intrusões de fatos, que despertam na criança um sentimento de ódio diante da quebra do obje-

to idealizado. De fato, o objeto não pôde se ajustar de uma forma sensível suficiente às necessidades do Eu do sujeito, tampouco se ofereceu adequadamente como aparelho psíquico para simbolizar os elementos irrepresentáveis decorrentes das experiências traumáticas.

### O abuso sexual infantil

O abuso sexual infantil é uma realidade no Brasil. Segundo dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, entre 2011 e o primeiro semestre de 2019, foram registradas mais de 200 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes (BRASIL, 2021). Apesar disso, ainda é uma realidade invisibilizada e naturalizada em muitos contextos sociais e territoriais, mas na Amazônia, particularmente nas populações ribeirinhas do Amapá, essa invisibilidade é vultosa apesar da subnotificação e da escassa literatura científica na área.

O ribeirinho é descrito como um personagem central nos processos histórico e social da região Amazônica brasileira (MURRIETA, 1998). Embora seus ecossistemas relacionais sejam ainda ignorados ou focados como fatos sociais exóticos no meio acadêmico, peculiaridades sociais justificam a importância de estudos acerca da forma como se relacionam, propiciando apreciações macrosistêmicas para que sejam visibilizados (SILVA et al., 2011). Além disso,

[...] a análise da violência sexual infantil em comunidades ribeirinhas é um clamor por um olhar mais humano e igualitário para aqueles que vivem à margem dos rios (CARDOSO; SANTOS, 2021, p. 15825).

Com frequência mulheres ribeirinhas vítimas de abuso sexual infantil chegam à idade adulta sem nunca antes terem falado sobre as situações de abuso sofridas na infância e/ou na adolescência, o que é o reflexo de um silenciamento dos corpos femininos, bem como da naturalização da violência e da

cultura do estupro. Geralmente, na prática clínica institucional e de consultório, diante de um ambiente assegurador, escutamos inúmeras vezes a confissão das mulheres de nunca terem falado sobre “isso!”, ainda designando o silenciamento sobre a questão.

Segundo Minayo (1994, p. 265) “um dos grandes problemas em relação à violência doméstica é que as vítimas, quase sempre, silenciam, têm medo e são amedrontadas”<sup>1</sup> A realidade geográfica, os modos de vida social e as peculiaridades de moradia das mulheres ribeirinhas em casas de madeiras sobre palafitas<sup>2</sup> – moradias típicas amazônicas, em alguns casos, sem divisão de cômodos e o banheiro como anexo, agravam este contexto.

Independentemente dos contextos, para a psicanálise, a sexualidade humana é inerentemente traumática, uma vez que o seu objeto de amor nasce no ódio. Porém, segundo a compreensão do adoecimento psíquico baseada na matriz ferenciana, o traumatismo sexual infantil é um choque que resulta em confusão de linguagem em vários níveis (FERENCZI [1933] 1992).

Assim, neste estudo, o abuso sexual infantil é compreendido como um traumatismo psíquico e, como tal, traz consequências internas severas ao sujeito que por identificação introjeta o agressor que desaparece enquanto realidade exterior e torna-se intrapsí-

quico (FERENCZI, [1933] 1992). Em consequência do traumatismo sexual, há uma introjeção do sentimento de culpa do adulto, “[...] a personalidade ainda fracamente desenvolvida reage ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e pela introjeção daquele que a ameaça e a agride” (FERENCZI, [1933] 1992, p. 103).

As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que as emudecem, podendo até fazê-las perder a consciência. Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor (FERENCZI, [1933] 1992, p. 102).

Além das consequências físicas e intrapsíquicas do abuso sexual infantil, como a introjeção do agressor, é possível observar a desorganização psíquica favorecida pelo ambiente externo, uma vez que falta o ambiente suficientemente bom, além de apoio e segurança (WINNICOTT, [1971] 1975). Ou seja, devido à insuficiência de um ambiente suficientemente bom, o sujeito reage de forma a se culpar pelas intrusões sofridas na sua vida. Observa-se frequentemente (MINAYO, 1994a), principalmente no caso de mulheres ribeirinhas, o silenciamento das vítimas de abuso sexual que por medo não contam o que sofreram e guardam como segredo; em muitos casos, sentem-se culpadas pelo que lhes aconteceu. Assim, seguem caladas, vivendo e revivendo suas dores solitariamente.

### Retrato de um caso clínico

A psicanálise é um trabalho na cultura e na civilização. É um trabalho no vazio, nos buracos e nos interstícios. Dessa forma, na clínica psicanalítica não há como negar a dimensão ética que está estreitamente entrela-

1. No período de 2010 a 2012, foram registrados, no Brasil pelo Sinan, 367.435 casos de violência doméstica, sexual e/ou outras violências. Desse universo, 66% foram contra a mulher (rural e urbana). É importante lembrar que nem todo caso de violência doméstica é denunciado. Segundo dados da Fundação Perseu Abramo, a denúncia acontece apenas nas situações em que as mulheres são ameaçadas fisicamente (31%), quando a violência deixa marcas, fraturas ou cortes (21%) ou quando se encontram sob ameaça de espancamento contra si mesmas ou contra os filhos (19%) (SOARES et al., 2017, p. 135).

2. O vocábulo “palafita” embora seja conhecido internacionalmente como habitação lacustre ou que permanece sempre sobre água ou terrenos encharcados é aqui empregado em um sentido mais amplo. Queremos justificar aqui as necessidades de seu uso para as construções feitas sobre estacas que nem sempre estão sobre as águas. Essas construções podem estar à margem dos rios, em terrenos pantanosos ou mesmo sobre pilares ou estacas (GUERRA, 1954, p. 221).



çada às diferentes proposições da técnica. Segundo Figueiredo (2004), sempre há subjacente a todos os ‘procedimentos’ a dimensão do outro e de sua radical alteridade exigindo reconhecimento. Assim, como analistas, somos interpelados pelo totalmente diferente (FIGUEIREDO, 2007) e assim me sucedeu: enquanto analista, fui convocada a entrar na cena do primeiro abuso sexual de Maria.<sup>3</sup>

Nascida em uma comunidade ribeirinha no estado do Amapá e vítima de abuso sexual infantil, em determinado momento do seu processo de análise, Maria se viu atravessada por revivências do trauma, na ordem do corpo, que passava a ser convocado pelos sentidos do paladar e do olfato, ao ser arrebatada por um cheiro ou gosto que a remontava para o dia do primeiro abuso sexual sofrido por ela.

Ao longo da análise, Maria passa, então, a falar de uma dor e de um profundo sofrimento revivido, como se o seu “corpo fosse sempre rasgado de novo” (*sic*). Nesse momento em que a análise parecia estar estagnada, a impressão era de que não havia recurso simbólico para a palavra ser dita. Assim, diante da sua dificuldade de simbolização, a analisanda é convidada pela analista a fazer uso da linguagem escrita e pintada, como recurso terapêutico possível para o estabelecimento do *setting* (WINNICOTT, [1961] 1989), a partir da organização de um *holding* (WINNICOTT, [1960] 1983). Na clínica, antes de fornecer interpretações, o objetivo da análise é proporcionar um “ambiente suficientemente bom”, que se adapte à necessidade do paciente (AROUCA; AMPARO; BRASIL, 2017).

Em determinada sessão, trouxe consigo um desenho – tão vivo e cheio de detalhes, da primeira cena de abuso sexual infantil vivenciado por ela, ainda tão pequena, com um corpo infantil. A palavra desenhada da analisanda evocou naquele instante um convite para entrar com ela naquele quarto. Da

ordem da translaboração pôde passar da discursividade para uma cena analítica, em que descreveu as cores, o gosto e o cheiro “daquele dia” (*sic*) e, associando livremente, falou sobre aquela dor que sentia quando era interpelada no seu corpo pela memória da dor que vinha sobre ele.

Ferenczi ([1932] 1992) traz o conceito de translaboração quando compreende que a simbolização não é apenas pela via da elaboração simbólica. Mas em casos de sujeitos atravessados pelo trauma, pode incidir no silêncio e nos sentidos perceptivos, sendo necessário que o sujeito consiga para além de elaborar, translaborar as marcas deixadas pelo trauma. Dessa forma, a escolha pelo ‘retrato’ de caso clínico é tida aqui assim, porque foi dessa ordem da fotografia, da figura visual desenhada, que a cena de horror atravessou o enquadre interno da analista, não como uma delimitação, mas como imagem que fica e sai da visão do corpo para a escuta da linguagem desenhada.

A palavra estava ali no desenho. E através dele Maria falou e nomeou, possibilitando à analista pensar e construir um trabalho para que o traumático da infância não roubasse a vida adulta de Maria e, assim, situar o sujeito no acontecimento, permitindo-lhe sair desse lugar do infantil.

### Considerações finais

O trauma não é um acontecimento em si, mas a forma como esse acontecimento interpela e é processado interna e externamente pelo sujeito em seu psiquismo. Assim, fatores externos e internos ao sujeito podem remeter a uma vivência traumática da ordem do choque e da comoção psíquica, principalmente quando atravessadas pelo silenciamento, o que se evidencia em casos clínicos com ocorrência do abuso sexual infantil, em contexto comumente invisibilizado de comunidades ribeirinhas da Região Norte, como o caso de Maria.

Assim, abordar o tema e discuti-lo amplamente possibilitará reconhecer esse contexto

3. Nome fictício, para resguardar o sigilo profissional desse caso atendido pela primeira autora deste artigo.

tão pouco explorado para que seja possível mobilizar, sensibilizar e instrumentalizar o coletivo acerca desta questão social tão importante, uma vez que possibilita o cuidado à saúde mental mediante o cenário de traumatismo psíquico.

A clínica do traumático convoca o analista a um enquadre interno, recursos que, para além da interpretação, possibilitam um ambiente suficientemente bom. Através do *holding* e do manejo clínico, é possível estabelecer um *setting* em que o sujeito sintá-se seguro possibilitando a translaboração psíquica.

### Abstract

*Trauma is not an event itself, but the way in which this event challenges and is processed internally and externally by the subject in his psyche. For Ferenczi childhood sexual trauma comes from the order of shock and psychic commotion, the impacts of psychic trauma are diverse and affect the lives of the subjects crossed by it. In this article, the portrait of Maria's clinical case, an Amazonian riverside woman, makes it possible to think about the repercussions of child sexual abuse in adult life, as well as the traumatic clinic summons the analyst to an internal framework. Clinical management, according to Winnicott, the establishment of the setting and the holding provide a sufficiently good environment, thus the subject feels safe, enabling psychic translaboration.*

**Keywords:** Trauma, Child sexual abuse, Setting, Holding, Translaboration.

## Referências

AROUCA, R.; AMPARO, D. M.; BRASIL, K. T. R. Transicionalidade e espaço potencial na clínica psicanalítica winnicottiana com paciente falso self. In: AMPARO, D. M.; LAZZARINI, E. R.; SILVA, I. M.; LAZZARINI, L. (orgs.). *Psicologia clínica e cultura contemporânea*. 3. ed. Brasília: Technopolitik; UNB, 2017. v. 3, p. 89-107.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Abuso sexual contra crianças e adolescentes – abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional. Cartilha Maio Laranja. Brasília, 2021.

CANDI, T. S. *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta, 2010.

CARDOSO, F. C.; SANTOS, K. P. Violência sexual infantil e os mecanismos de inibição adotados por escola pública da comunidade ribeirinha da Ilha de Santana, Amapá. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 2, p. 15825-15844, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-282>. Acesso em: 6 maio 2023.

COELHO, N. E.; FIGUEIREDO, L. C. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações*, v. 9, n. 17, p. 9-28, 2004.

FERENCZI, S. *Psicanálise IV (1873-1933)*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Obras completas de Sándor Ferenczi, 4).

FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. *Psyche* [online], São Paulo, v.11, n. 21, p. 13-30, 2007. ISSN 1415-1138.

FIGUEIREDO, L. C. Preliminares à consideração das matrizes. In: FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JUNIOR, N. E. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 27-39.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos")*, Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239. (Obras completas, 14).

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: \_\_\_\_\_. *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)*. Direção da tradução: Jayme Sa-

lomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.p. 91-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Luto e melancolia (1916-1917). In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia. das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

GUERRA, A. T. Estudo geográfico do território do Amapá. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.

MAZOYER, A. V. et al. Destino dos afetos no Rorschach de mulheres vítimas de incesto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 36, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe4>

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de saúde pública*, v. 10, p. S7-S18, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/dgQ85GcNMfTcPByHzZTK6CM/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MURRIETA, R. S. S. O dilema do papa-chibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na Ilha de Ituqui, baixo Amazonas, Pará. *Revista de antropologia*, v. 41, p. 97-150, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/4yCKbDknHMM-7VwWgFrcMsRt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 maio 2023.

ROMAN, P. Traces traumatiques et figures projectives des catastrophes de symbolisation. *Bulletin de psychologie*, v. 550, n. 4, p. 265-273, 2017. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-bulletin-de-psychologie-2017-4-page-265.htm?contenu=resume>.

SILVA, S. S. C. et al. Qualidade conjugal: estudo de caso de ribeirinhos na Amazônia. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 4, n. 1, p. 50-59, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202011000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202011000100006). Acesso em: 10 maio 2023.

SOARES, R. A. S. et al. *Saúde e violência contra as mulheres do campo, da floresta e das águas: desafios para o SUS. Campo, Floresta e Águas-Práticas e Saberes em Saúde*, 2017.

WINNICOTT, D. W. *Preocupação materno primária* (1956). In: WINNICOTT, C; R. SHEPHERD; M. D. (orgs.). *D. W. Winnicott: explorações psicanalíticas*. Tradução: Tania Mara Zalcborg. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. Tipos de psicoterapia (1961). In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Tradução: Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, D. W. Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica (1963). In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade* (1971). Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

**Recebido em:** 10/08/2022

**Aprovado em:** 28/10/2022

### Sobre as autoras

#### **Wilma Zuriel de Faria Maschke**

Psicóloga.  
Psicanalista em formação continuada pelo Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).  
Bacharela em Direito.  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) da Universidade de Brasília (UnB).  
Psicóloga e pesquisadora no grupo de Vivências e Psicopatologias na Contemporaneidade – Diagnóstico e Supervisão Clínica da Universidade de Brasília junto ao Hospital Universitário de Brasília (VIPAS).  
Integrante do corpo clínico da Clínica Social de Psicanálise Hélio Pellegrino.  
Coordenadora do Grupo de Estudo em Psicanálise Contemporânea.

**E-mail:** zurimaschke2501@gmail.com

#### **Deise Matos do Amparo**

Professora Adjunto II do Departamento de Psicologia Clínica - Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.  
Doutora em Psicologia com doutorado sanduíche pela Université Jules Verne - França (2002). Pós-doutora pela Université Paris V (2009). Pós-doutora pela Université Paris XIII (2016). Pós-doutora pela Universidade Federal da Bahia (2022).

**E-mail:** deise.amparo.matos@gmail.com

#### **Helena Maria Melo Dias**

Psicóloga.  
Psicanalista.  
Professora Adjunto IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA).  
Mestre (2001) e doutora (2007) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).  
Pós-doutora na Universidade Federal do Pará (UFPA).  
Líder do grupo do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental (LPPF/UFPA).  
Líder do grupo Subjetividade, Afetividade e Cuidado em Saúde (UEPA/CNPQ).  
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF).  
Pós-doutora com auxílio CAPES.  
Integrante do projeto de pesquisa (CNPq).  
Psicanalista e sócia fundadora do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

**E-mail:** hmelodias@uol.com.br

# Normas de Publicação<sup>1</sup>

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os trabalhos que não foram publicados – nem no todo nem em parte – em periódicos, capítulos de livros, nem em anais de eventos.

2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português do resumo dos trabalhos enviados em outro idioma. A revisão de linguagem e a diagramação são responsabilidade da revista.

## 3. Conteúdo a ser publicado

3.1 Casos clínicos;

3.2 Ensaio;

3.3 Entrevistas;

3.4 Reflexões sobre a psicanálise, em articulação com outras áreas do conhecimento;

3.5 Resenhas.

- Papel: A-4
- Margens: superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm
- Fonte: Times New Roman 12 em todo o texto
- Espaçamento entre linhas nos parágrafos: 1,5 cm
- Espaçamento entre linhas nas citações: simples
- Primeira linha dos parágrafos: 1,25 cm
- Recuo das citações à esquerda: 1,25 cm assim como os parágrafos

## 5. Estrutura do trabalho

Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:

5.1 Título em português e em inglês no corpo do trabalho.

5.2 Nome completo do autor ou autora, ou autores.

5.3 Resumo antes do texto, com o máximo de 250 palavras, seguido de 3 a 5 palavras-chave.

5.5 *Abstract* depois do texto, seguido de 3 a 5 *Keywords*.

5.6 Referências

## 6. Referências

• Segundo a ABNT (NBR 6023, de 2018), “tudo o que está citado no texto deve ser referenciado e tudo o que está referenciado deve ser citado no texto”. As obras citadas no texto devem ser alinhadas à esquerda, principalmente por causa dos extensos *links*. Na *Estudos de Psicanálise*, o título das obras fica em *itálico*.

**Obs.:** Não se usa mais o termo “bibliográficas” já que são citadas outras fontes além de livros.

---

1. Atualizadas em 2021 para as próximas edições.

### a. Livro

AUTOR. *Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação.

- LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
- WINNICOTT, D. W. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. *In: \_\_\_\_\_*. *Os bebês e suas mães*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994. p. 79-92.

### b. Capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. *In: Autor do livro. Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

- FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). *In: \_\_\_\_\_*. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2019. p. 13-69. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). *In: \_\_\_\_\_*. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81. (Obras completas, 12).
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). *In: \_\_\_\_\_*. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- IANINNI, G.; SANTIAGO, J. *Prefácio*. Mal-estar: clínica e política. *In: FREUD, S. Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros textos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. p. 33-63. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

### c. Artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

- LOPES, A. J. Sigmund Freud - O manuscrito inédito de 1931 - As aventuras e desventuras de um texto e as ideias desconhecidas de Freud sobre o cristianismo e a sublimação. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, RJ, n. 50, p. 39-58, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic>.

bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0100-34372018000200004. Acesso em: 06 out. 2021.

- MENDES, E. R. P. Sobre a transmissão da psicanálise nas instituições psicanalíticas. *Reverso*, Belo Horizonte, MG, ano 40, n. 76, p. 23-30, dez. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952018000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 maio 2020.

## 6. As citações deverão ser acompanhadas de sua fonte, com as respectivas páginas.

- **Citação direta:** Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Nesse caso, deve-se colocar o sobrenome do autor, o ano da obra consultada e a página. As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.

- **Até três linhas**

Aparece incorporada ao texto, entre aspas.

- a. Pontalis (1998, p. 274) afirma: “Nossas memórias, para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.
- b. “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise” (GREEN, 1988, p. 302).

- **Mais de 3 linhas**

Deve ser destacada com recuo de 1,25 cm da margem esquerda e espaçamento simples – sem uso de aspas. Ex.:

Em *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte*, Freud ([1915] 2020, p. 99) afirma:

Tomados pela agitação destes tempos de guerra, informados unilateralmente, sem distanciamento, das grandes mudanças que já se realizaram ou que começam a se realizar, e sem previsão quanto ao futuro que está tomando forma, nós mesmos duvidamos do significado das impressões que nos assolam e do valor dos julgamentos que formamos. Parece-nos que jamais um acontecimento destruiu tanto os bens preciosos comuns à humanidade, confundiu tantas das mais lúcidas inteligências, rebaixou tão radicalmente o que era elevado. A própria ciência perdeu sua desapaixionada imparcialidade; seus servidores, profundamente exasperados, procuram extrair-lhe armas para oferecer uma contribuição na luta contra o inimigo.

- **Citação indireta:** Texto baseado na obra do autor consultado (paráfrase).

- a. Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana (CLAUVREUL, 1990; DOR, 1991; ANDRÉ, 2003; CORRÊA, 2006).

- b. A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

c. Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem (LACAN, [1962] 1998 citado por LEITE, 2000).

### 7. Notas de rodapé

Devem ser usadas apenas as notas explicativas, já que as notas de referência fazem parte do corpo do texto.

### 8. Uso de destaques gráficos no texto/recursos visuais

- ‘Aspa simples’: Em destaque do autor do texto.
- “Aspas duplas”: Nas citações do autor consultado e nas transcrições das falas de pacientes, entrevistados e outros interlocutores.
- *Itálico*: Em título de obras, palavras de língua estrangeira, em destaque ou grifo do autor.
- **Negrito**: Somente no título do texto e suas seções.

9. Cabe ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP, inicialmente, examinar e aprovar, em primeira instância, os trabalhos de seus respectivos sócios e, posteriormente, encaminhá-los ao Conselho Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.

10. O Conselho Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas ou não tenham qualidade editorial.

11. Para submissão, os trabalhos deverão ser enviados por e-mail para **cbp.rj@terra.com.br**.

### **Revista Estudos de Psicanálise**

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504

22050-002 - Rio de Janeiro-RJ

Tel.: (21)2236-0655



## ***Roteiro de avaliação dos artigos***

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.
2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, máximo de 250 palavras.
3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.
4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.
5. Normas para citações e referências conforme instruções.
6. Relevância do tema.
7. Clareza de pensamento.
8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.
9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.
10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.
11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.

Local  
de  
aplicação  
do selo  
F S C

Os  
papéis  
desta revista  
são oriundos de  
empreendimentos  
florestais  
que  
seguem  
normas  
internacionais  
de reflorestamento.

Papel Certificado, o papel da revista!



Círculo Brasileiro de Psicanálise